



Doações e Doadores DA USP

HELIO NOGUEIRA DA CRUZ • LUIZ ROBERTO SERRANO • PLINIO MARTINS FILHO (orgs.)



Doações e Doadores

DA USP



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Reitor</i>	Carlos Gilberto Carlotti Junior
<i>Vice-reitora</i>	Maria Arminda do Nascimento Arruda
<i>Pró-reitor de Graduação</i>	Aluisio Augusto Cotrim Segurado
<i>Pró-reitor de Pós-graduação</i>	Marcio de Castro Silva Filho
<i>Pró-reitor de Pesquisa</i>	Paulo Alberto Nussenzeig
<i>Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária</i>	Marli Quadros Leite
<i>Pró-reitora de Inclusão e Pertencimento</i>	Ana Lúcia Duarte Lana



FUNDO PATRIMONIAL DA USP

<i>Conselho de Administração</i>	Helio Nogueira da Cruz (<i>Presidente</i>) Alexandre Lahóz Mendonça de Barros Celso Lafer Fábio Frezatti José Luiz Egydio Setúbal
<i>Diretoria Executiva</i>	Antonio Vargas de Oliveira Figueira (<i>Diretor Presidente</i>) Davi Nakano (<i>Diretor Financeiro</i>)
<i>Comitê de Investimentos</i>	Alberto Gaidyz Fábio Rodrigues de Oliveira José Carlos de Souza Santos
<i>Conselho Fiscal</i>	Guilherme Ary Plonski Guillermo Braunbeck Mara Jane Malacrida



COMISSÕES DE PLANEJAMENTO DOS 90 ANOS DA USP

<i>Comissão de Planejamento</i>	Eugênio Bucci
Carlos Gilberto Carlotti Junior	Raquel Rolnik
Maria Arminda do Nascimento Arruda	Paulo Cesar Rodrigues Conti
Aluisio Augusto Cotrim Segurado	Amilton Martins dos Santos
Marcio de Castro Silva Filho	Luciano Mendes
Paulo Alberto Nussenzeig	Arlindo Saran Netto
Marli Quadros Leite	Léa Assed Bezerra da Silva
Ana Lúcia Duarte Lana	Luís Fernando Costa Alberto
Paulo Martins (FFLCH)	Jacques Marcovitch
Celso Fernandes Campilongo (FD)	Renata de Góes Cordeiro Pinho Teixeira dos Reis.
Eloisa Silva Dutra de Oliveira Bonfá (FM)	
Reinaldo Giudici (EP)	<i>Comissão Externa</i>
Humberto Gomes Ferraz (FCF)	Maria Alice Setúbal
Giulio Gavini (FO)	Drauzio Varella
Thais Maria Ferreira de Sousa Vieira (ESALQ)	Rubens Ometto Silveira Mello
José Antonio Visintin (FMVZ)	Marisa Monte
	Gilberto Kassab
<i>Comissão Executiva</i>	Ana Estela Haddad
Maria Arminda do Nascimento Arruda (Presidente)	Vahan Agopyan
Marina Helena Cury Gallottini	Suely Vilela
Marcilio Alves	Eunice Aparecida de Jesus Prudente.

DOAÇÕES e DOADORES DA USP

HELIO NOGUEIRA DA CRUZ

LUIZ ROBERTO SERRANO

PLINIO MARTINS FILHO (orgs.)



Copyright 2024 by Autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Doações e Doadores da USP / organização Helio Nogueira da Cruz, Plinio Martins Filho, Luiz Roberto Serrano. – 1. ed. – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2024.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-00-89959-7

1. Ensino superior. 2. Universidade de São Paulo – História.
I. Cruz, Helio Nogueira da. II. Martins Filho, Plinio. III. Serrano, Luiz Roberto.

23-187570

CDD-378.8161

Índice para catálogo sistemático:

1. Universidade de São Paulo: História 378.8161

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Rua da Reitoria, 374
Cidade Universitária
São Paulo – SP
05508-220
www.usp.br

Sumário

<i>Apresentação</i> – Carlos Gilberto Carlotti Junior	11
<i>Reconhecimento de um Gesto Nobre</i> – Helio Nogueira da Cruz, Luiz Roberto Serrano e Plinio Martins Filho	13
I. A Faculdade de Medicina da USP – Gustavo Queródia Tarelow e André Mota	17
1. A Fundação Rockefeller e o aporte financeiro para a construção do edifício-sede da Faculdade de Medicina	17
1.1. Movimentos e esforços para a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo	17
1.2. A Fundação Rockefeller e os acordos com a Faculdade de Medicina	22
2. A política de boa vizinhança e os recursos para a inauguração do Hospital das Clínicas da FM/USP	28
2.1. Caminhos cruzados de uma vizinhança conhecida: a criação do Hospital das Clínicas no contexto da Segunda Guerra Mundial	31
2.2. Alípio Corrêa Netto: um médico no <i>front</i> da boa vizinhança ...	35
3. O restauro do edifício-sede da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo	40

4.	Doações e aportes financeiros destinados ao enfrentamento da pandemia de covid-19 pelo Hospital das Clínicas da FM/USP	47
	<i>Referências Bibliográficas</i>	56
II. Esalq – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz –		
	Carmen Pilotto e Luciana Joia de Lima	59
1.	A doação da Fazenda São João da Montanha	59
2.	Estações Experimentais de Pesquisa e Extensão	66
3.	Parceiros da Esalq, o programa de doação institucional	70
4.	Doações que impulsionaram o ensino e a pesquisa	73
4.1.	Contribuições de instituições americanas no ensino da pós-graduação	73
4.2.	Departamento de Ciência do Solo	75
4.3.	Departamento de Economia, Administração e Sociologia	76
4.4.	Departamento de Engenharia de Biosistemas	77
4.5.	Departamento de Entomologia e Acarologia	79
4.6.	Fazenda Figueira – atividades coordenadas pelo Departamento de Zootecnia	79
5.	Programa de Permanência Universitária Valdomiro Shigueru Miyada	82
	<i>Fontes e Referências Bibliográficas</i>	83
III. O Campus USP São Carlos – Luís Fernando Costa Alberto, Dagoberto Dario Mori, Cilene de Cassia Garcia, Suzana Xavier e Edmilson Luchesi		
		85
1.	O início da USP na cidade de São Carlos e sua consolidação	85
2.	A necessidade de expansão do <i>campus</i> nos anos 2000	89
3.	Em busca de uma nova área – doações e doadores	91
4.	Planejamento e implantação do Campus 2 em São Carlos	104
5.	O Campus 2 da USP São Carlos – vinte anos depois	126
6.	O futuro do Campus 2	139
	<i>Referências Bibliográficas</i>	140
IV. A Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo – Alexandre Macchione Saes e Hélio de Seixas Guimarães		
		143
1.	Apresentação da coleção	143

2.	A doação da Biblioteca Brasileira	150
3.	A governança da BBM	158
4.	De acervo privado a biblioteca pública.....	162
5.	O futuro	170
	<i>Referências Bibliográficas</i>	173
	<i>Cronologia</i>	174
V.	Museu Paulista: Doações que Renovam Perspectivas	
	Institucionais – Paulo César Garcez Marins e Solange Ferraz de Lima	175
	<i>Referências Bibliográficas</i>	196

Apresentação

CARLOS GILBERTO CARLOTTI JUNIOR

A comemoração dos noventa anos de fundação da Universidade de São Paulo – USP – é mais uma oportunidade para reflexão sobre os caminhos até hoje percorridos pela instituição na construção de conhecimento e pesquisa acadêmicos para lastrear o desenvolvimento da ciência, da tecnologia, da cultura das sociedades paulista e brasileira.

No decorrer desse longo e produtivo período, tem sido fundamental e decisiva a contribuição do governo de São Paulo para subsidiar as atividades desta que é a primeira Universidade do país e da América Latina, excelentemente situada nos mais importantes *rankings* que classificam as escolas superiores ao redor do mundo.

Nessas nove décadas, também foi importante e significativa a contribuição de fundações, empresas, pessoas físicas, sob as formas de doações, convênios e outras, para o desenvolvimento exitoso de suas atividades acadêmicas e científicas e a necessária construção da infraestrutura que as acolhe e abriga.

É de uma parcela dessas contribuições que trata esta publicação, *Doações e Doadores da USP*, que visa mostrar, aproveitando este momento de comemorações, a sua importância para que a Universidade de São Paulo exerça com distinção seu papel de vanguarda no ensino superior paulista e brasileiro.

São mostradas nestas páginas a história da Faculdade de Medicina da USP, em São Paulo; é recuperado o processo de doação que resultou na criação, em Piracicaba, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz; as atividades e o desenvolvimento dos *campi* da USP em São Carlos; a doação e criação da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo e a reforma e recuperação do Museu Paulista, o tradicional Museu do Ipiranga, após sua administração ter sido transferida para a USP.

São relatos que mostram a proximidade da sociedade com a Universidade de São Paulo, bem como seu interesse em apoiá-la no desenvolvimento de suas atividades, que resultam em benefício de todos, do país.

É o caminho que pretendemos continuar a trilhar nos próximos noventa anos, que prometem ser muito desafiantes.

Reconhecimento de um Gesto Nobre

HELIO NOGUEIRA DA CRUZ

LUIZ ROBERTO SERRANO

PLINIO MARTINS FILHO

As universidades brasileiras, e a Universidade de São Paulo em particular, nasceram e são até hoje administradas pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, gerando a tríplice missão de promover formação qualificada, produzir conhecimento e estender serviços à sociedade. Tal entendimento da organização da vida universitária criou uma atuação unidirecional, resultando em um vetor de sentido externo, no qual somente a universidade oferece e gera benefícios.

Doações feitas por ex-alunos, empresários e filantropos são fundamentais para a manutenção das principais universidades de pesquisa no mundo. A Universidade de São Paulo, criada em 1934, partiu da junção de institutos de pesquisas preexistentes cujas origens somente foram possíveis graças ao papel decisivo de filantropos e instituições que propiciaram as condições para que a universidade florescesse e gerasse os frutos que ora colhemos.

Emblemáticos são os exemplos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que no alvorecer do século xx propiciou a criação da Escola Superior de Agricultura que leva o seu nome, na cidade de Piracicaba, e da Fundação Rockefeller, de cujos acordos nasceram importantes centros de pesquisa em saúde pública e higiene que deram forma à Faculdade de Medicina da USP, em 1912. Neste caso, o processo contou com o fundamental engajamento e a liderança visionária de Arnaldo Vieira de Carvalho.

No interior do Estado de São Paulo, os frutos bem sucedidos da implantação do *campus* de São Carlos tiveram origem com a atuação do deputado Miguel Petrilli, na década de 1940. Com a consolidação das unidades de ensino e o crescimento da infraestrutura ao longo de pouco mais de quarenta anos após sua criação, o *campus* universitário da USP, localizado no centro da cidade de São Carlos, ficou limitado, não havendo espaço necessário para a implantação de novos cursos e laboratórios de ensino e pesquisa. Para isso, um grupo de trabalho foi designado, em 2001, com o objetivo de encontrar uma área que não representasse custos à universidade. Com a divulgação na imprensa do projeto, Prefeituras, Câmaras Municipais e proprietários particulares da região passaram a oferecer áreas que resultaram em catorze propostas com ofertas de terrenos. A partir da escolha do melhor terreno, oferecido pela empresa Novo Tema Empreendimentos Ltda. de José Roberto Ayres Monteiro e Iva Lydia Monteiro, para a implantação da estrutura universitária, os passos seguintes constituíram-se de ações concatenadas entre entes públicos e privados que propiciaram com êxito a implantação da Área 2 do *campus* e a sua sucessiva consolidação e expansão.

O mecenato moderno também encontra suas facetas em projetos individuais que se transformam em verdadeiros patrimônios e que só fazem sentido sob a custódia de instituições de pesquisa e preservação cultural, como é o caso do acervo do bibliófilo José Mindlin, incorporado à Universidade de São Paulo. O acervo, doado em 2006 e composto de cerca de 32 mil títulos que correspondem a aproximadamente sessenta mil volumes, reúne material sobre o Brasil ou que, tendo sido escrito e/ou publicado por brasileiros, seja importante para a compreensão da história e cultura do país. A decisão de doar a biblioteca tomou forma a partir das conversas de Guita e José Mindlin com sua família e amigos mais próximos, e o acervo do casal percorreria um percurso bastante próprio até se transformar em uma biblioteca da Universidade de São Paulo. O projeto coletivo somente foi possível a partir da atuação de José Mindlin no ambiente empresarial, em instituições públicas, mas especialmente por suas iniciativas em defesa da preservação do patrimônio nacional.

Finalmente, a preservação do patrimônio já existente em uma universidade depende em grande parte do aporte de recursos orçamentários e complementares em sua execução. Exemplo de sucesso na preservação e

renovação patrimonial nos é conferido pelo recente projeto de revitalização do Museu Paulista, cuja conclusão em 2022, no Bicentenário da Independência, mobilizou doadores privados e diferentes esferas de governo para seu êxito. O reconhecimento da importância de recursos externos à USP para a preservação do museu, marco indelével na história brasileira, tem na pessoa do professor José Sebastião Witter seu principal incentivador e animador.

Se em países como os Estados Unidos a doação a universidades é prática comum entre seus egressos e organizações privadas, no Brasil, além da falta de estímulo à ação doadora, predominam motivos de ordem jurídica e financeira que impedem o florescimento e a consolidação da prática da doação. A legislação brasileira ainda é deficiente quando trata dos trâmites e ordenamentos referentes a doações, incluindo a normatização de estruturas para a gestão desses fundos na universidade. Some-se a este cenário a voracidade da legislação financeira com a imposição de cargas de impostos que, na maioria das vezes, se não desestimulam, acabam por inviabilizar o processo de doação. Insegurança jurídica e tributação exagerada são os principais pontos a serem equacionados no processo de doação.

Internamente, a universidade precisa compreender a real função e destinação de recursos oriundos de fundos de doações. Não se trata apenas de recomposição ou complementação orçamentárias. Vai muito além disto. Trata-se da sustentabilidade financeira de uma instituição responsável por um quarto da produção científica brasileira. Projetos de longo prazo devem ser o centro destes recursos, que são a contrapartida da formação oferecida pela universidade. O recente estabelecimento do Fundo Patrimonial criou as regras de governança que nortearão a aplicação e o investimento de recursos em prol do desenvolvimento da USP e de suas unidades. Estas cinco experiências de doações para a USP mostram expressivo engajamento do setor privado, atuação decisiva das autoridades políticas e a fortíssima presença da USP, inclusive aportando recursos diretamente de seu orçamento. Ou seja, esses cinco casos evidenciam a sensibilidade dos setores privado e público em colaborar com a USP, que tem demonstrado cuidar atentamente destes importantes patrimônios ao longo de décadas.

Na celebração dos noventa anos de fundação da Universidade de São Paulo, este livro reverencia a memória e a iniciativa visionária de pessoas

e instituições que, com sua ação denodada, criaram as condições favoráveis para o estabelecimento das sólidas raízes da universidade. São estas iniciativas que permitiram e permitem que a Universidade de São Paulo prospere sob seu lema *Scientia vincet*, Vencerás pela ciência.

I. A Faculdade de Medicina da USP

GUSTAVO QUERÓDIA TARELOW¹

ANDRÉ MOTA²

1. A Fundação Rockefeller e o aporte financeiro para a construção do edifício-sede da Faculdade de Medicina

1.1. Movimentos e esforços para a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

A criação da Faculdade de Medicina em São Paulo, em 1912, foi o resultado de um longo processo de acomodação entre a corporação médica e as forças políticas locais. Expressou também a vitória de convicções civilizatórias dos grupos no comando do Estado, considerado na época o mais importante da federação e vivenciando no período o esplendor das oligarquias cafeeiras. O primeiro ato de criação da escola foi assinado em 1891 e não prosperou. Lavrado por Américo Brasiliense em 24 de novembro, o Decreto 11 instituiu a Academia de Medicina, Cirurgia e Farmácia e previa também a criação de duas outras escolas – a de Engenharia e a de Agricultura. O objetivo do decreto era a estruturação do ensino superior em São Paulo visando a sólida formação de suas elites dirigentes. Das três escolas previstas, duas foram instaladas nos anos subsequentes:

1. Museu Histórico da FM/USP.

2. Departamento de Medicina Preventiva – FM/USP e Museu Histórico da FM/USP.

a primeira, na capital, como Escola Politécnica de São Paulo, em 1894. A segunda, no interior, em 1901, como Escola de Agricultura Luiz de Queiroz, na cidade de Piracicaba. Embora implantadas com intervalos significativos em relação ao decreto de origem, ambas deveriam responder mais prontamente às demandas de uma região em ascensão e ávida por obras que pudessem sustentar a riqueza da produção cafeeira.

Ao contrário de suas congêneres, a Faculdade de Medicina levaria 21 anos para ser recriada mediante novo decreto. A iniciativa foi concretizada pela assinatura da Lei 1.357, em dezembro de 1912, sob a responsabilidade de Rodrigues Alves, governador do Estado, e Altino Arantes, secretário do Interior. Contudo, a riqueza dos cafeicultores não traria, de imediato, glória e prestígio para o ensino médico oficial. Um longo caminho seria percorrido durante o século xx para que a instituição se tornasse polo nacional de atendimento de alta complexidade e, ao mesmo tempo, gerador de conhecimento científico de prestígio e reconhecimento internacionais.

Sem dispor de uma escola que formasse seus próprios quadros, os médicos que atuavam na cidade eram, em sua maioria, formados no Rio de Janeiro. Alguns poucos haviam se diplomado no exterior, principalmente em Montpellier, na França, e, em menor proporção, nos Estados Unidos. Em 1905, por exemplo, havia 570 médicos registrados e atuando na cidade de São Paulo. Prestavam atendimento nos hospitais da Policlínica, na Santa Casa de Misericórdia, no Hospital Umberto I, na Maternidade de São Paulo e em seus consultórios particulares.

A formação médica e a implantação de uma escola na capital eram temas frequentes nos debates da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, entidade criada em 1895 pelos médicos que atuavam na cidade, entre eles, Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho. Misto de associação profissional e científica, a Sociedade teve como primeiro presidente o médico e expoente positivista Luís Pereira Barreto, o mesmo que defendera na imprensa e em outros fóruns a implantação do ensino médico em São Paulo. Entre 1901 e 1906, o próprio Arnaldo presidiu a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, sendo designado vice-presidente honorário a partir de 1910.

Médico de grande reconhecimento em todo o Estado e que se tornaria, anos depois, o primeiro diretor da Faculdade de Medicina pública de São Paulo, Arnaldo formara-se no Rio de Janeiro, como era frequente en-

tre os membros de sua geração. Nascido em Campinas, em 1867, oriundo de uma família de grande prestígio na região, transferiu-se muito jovem, aos dezesseis anos, para a cidade do Rio de Janeiro. Em 1883, ingressou na Academia Nacional de Medicina, a segunda escola médica criada no Brasil, e diplomou-se em 1888³.

Ao recriar a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em dezembro de 1912, Rodrigues Alves – em sua segunda administração estadual e de volta ao governo de São Paulo depois de sua gestão como presidente da República – estava, em certo sentido, dando continuidade às ações saneadoras empreendidas anteriormente no Rio de Janeiro. Enquanto presidente, Rodrigues Alves havia nomeado Oswaldo Cruz diretor-geral de Saúde Pública, cujas ações no campo do saneamento propiciariam importantes desdobramentos para a pesquisa biomédica no Brasil.

Em 1913, o decreto estadual n. 2.344, de 31 de janeiro, estabeleceu o regulamento da nova escola. O mesmo texto nomeou para sua direção Arnaldo Vieira de Carvalho, que exercia o cargo de diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia desde 1894. As relações acadêmicas entre a nova escola e a Santa Casa mantiveram-se estreitas até 1945, e por mais de trinta anos o antigo hospital acolheu o ensino das disciplinas clínicas. A transferência aconteceu somente com a inauguração do Hospital das Clínicas, na década de 1940.

De acordo com Maria Gabriela Marinho,

Desde o início das atividades, o diretor procurou conferir base científica e experimental ao ensino, com ênfase na pesquisa e em práticas laboratoriais, uma contraposição expressiva ao modelo vigente no país, mais voltado para aulas teóricas, com ênfase na clínica. Essa preocupação decorria, em parte, de suas funções anteriores como diretor do Instituto Vacinogênico, e também por sua ligação com os círculos científicos de São Paulo. O primeiro decreto de criação da Faculdade, em 1891, já previa a contratação de corpo docente composto de pelo menos um terço de professores estrangeiros. O segundo decreto, de 1912, em torno do qual o curso efetivamente se organizou, previa sua completa instalação no prazo de seis

3. André Mota, “Arnaldo Vieira de Carvalho: História e Memória de um Médico Ilustre”, em Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho e André Mota (orgs.), *Medicina, Saúde e História: Textos Escolhidos & Outros Ensaios*, São Paulo, CD.G, 2014, p. 38.

anos e manteve a cláusula para contratação de professores no exterior. Com essa perspectiva, a estrutura curricular procurou dosar aulas teóricas com as práticas de laboratório, abrindo assim a possibilidade de os estudantes receberem uma formação de cunho mais científico e não meramente clínico⁴.

A primeira sede provisória da Faculdade de Medicina e Cirurgia foi instalada, em 1913, na Escola de Comércio Álvares Penteado e na Escola Politécnica, cedidas por suas diretorias. Um ano depois, foram arrendados os prédios da rua Brigadeiro Tobias, números 1 e 42, para receberem, enfim, a Administração e as cadeiras de Física, Química, História Natural, Anatomia Descritiva, Fisiologia e Farmacologia, Histologia, Anatomia e Histologia Patológica, Microbiologia e Patologia Geral. Em 1915, várias cadeiras de clínicas começaram a ser instaladas no Hospital Central da Santa Casa de Misericórdia, excetuando-se a de Clínica Obstétrica, que ficaria na Maternidade São Paulo, e a de Clínica Psiquiátrica, instalada no Hospital do Juquery e no antigo Recolhimento das Perdizes. Tudo parecia resolvido, mas, quando os cursos começaram a desdobrar-se em novas turmas, os espaços passaram a ser avaliados como insatisfatórios, quer pelas péssimas instalações, quer pelo tamanho reduzido das salas⁵.

Para a primeira turma foram aceitos 180 alunos no curso preliminar, em 1913. As aulas dividiram-se entre a Escola de Comércio Álvares Penteado e a Escola Politécnica. Dos 180 matriculados, apenas setenta cursaram até o final do ano. Desse total, somente 34 obtiveram aprovação para o primeiro ano do curso regular, que começou em 1914. Dos 146 reprovados, 58 foram excluídos por faltas, 52 por indisciplina e 36 por questões de mérito acadêmico.

Ao final da década de 1910, mais precisamente em 1919, colava grau a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Abatidas no ano anterior pela pandemia da Gripe Espanhola, a cidade e a escola reorganizavam o seu cotidiano. A disseminação em escala

4. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, *Elites em Negociação: Breve História dos Acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931*, Bragança Paulista/SP, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH)/Editora Universitária São Francisco (Edusf), 2003, p. 48.

5. Carlos da Silva Lacaz, *História da Faculdade de Medicina, USP: Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola*, 2. ed., São Paulo, Atheneu, 1999, p. 6.



Fig. 1. Alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em frente à primeira sede da instituição, rua Brigadeiro Tobias, n. 42, 1914. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

mundial do vírus da influenza, na maioria das vezes letal, havia dizimado milhões de pessoas e debilitado as mais diversas economias e localidades. Na Europa, a Primeira Guerra havia sido um evento igualmente trágico e recente que contribuía para corroer a velha ordem social e política.

Em meio a esse quadro internacional perturbador, novas forças sociais emergiam, alavancadas por um comércio cada vez mais intenso que promovia o deslocamento do eixo de poder da Europa para as Américas. As relações bilaterais entre os Estados Unidos e o Brasil acompanhavam esse movimento. No caso brasileiro, mais especificamente o Estado e a Cidade de São Paulo vinham se tornando o território privilegiado deste arco de relações – em parte pela intensificação das trocas baseadas no café, mas também por interações inesperadas, como os desdobramentos da fixação de imigrantes norte-americanos no interior paulista, para além de Campinas, e o fluxo contínuo de missões protestantes que fundavam comunidades, colégios e escolas naquela região. Na capital, por exemplo, os presbiterianos firmavam suas posições na área educacional e haviam contribuído para acolher e tratar as vítimas da pandemia.

1.2. A Fundação Rockefeller e os acordos com a Faculdade de Medicina

A Fundação Rockefeller é, ainda hoje, uma das maiores e mais antigas instituições filantrópicas dos Estados Unidos. Organizada a partir das doações do magnata John Davison Rockefeller, foi oficialmente constituída em 1913. Tributária de uma das maiores fortunas norte-americanas, a família Rockefeller acumulou sua riqueza na segunda metade do século XIX, com o *boom* do petróleo e no ramo financeiro, respectivamente pelos conglomerados da Standard Oil e do Chase Manhattan Bank.

Entre 1916 e 1931, a Fundação Rockefeller desempenhou um papel fundamental na organização da vida científica e acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, não só pela definição do modelo de ensino e pesquisa implantado, como em relação à sua infraestrutura física e laboratorial. Nesse período, a escola concebeu e executou, com recursos da Fundação e sob sua orientação, a construção de um dos mais modernos centros de ensino médico da época.

Oficialmente, os primeiros contatos entre a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a Fundação Rockefeller foram estabelecidos a partir da correspondência enviada por Arnaldo Vieira de Carvalho em 24 de novembro de 1916, solicitando o apoio para o estabelecimento de duas cadeiras: Higiene e Patologia. A resposta enviada em 30 de dezembro do mesmo ano, assinada por Richard Mills Pearce, diretor do Departamento de Educação Médica da Fundação, comunicava sua vinda ao Brasil no início do ano seguinte, quando, então, encontraria Arnaldo para acertar os termos de aproximação entre as duas instituições⁶.

Em São Paulo, Pearce restabeleceu contato com um ex-aluno, Alexandrino Pedroso, que estudara na Faculdade de Medicina da Universidade da Pensilvânia e ali se diplomara em 1904. Outro egresso da mesma Universidade, Benedito Montenegro, formado em 1909 e futuramente diretor da Faculdade de Medicina, entre 1941 e 1947, também participaria destes contatos iniciais. Pearce tornou-se a figura central do processo de introdução do modelo de excelência da Fundação Rockefeller na Faculdade de Medicina de São Paulo. O diretor da Divisão de Educação Médica ini-

6. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho e André Mota, *Trajatória da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: Aspectos Históricos da "Casa de Arnaldo"*, São Paulo, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2012, p. 38.

cialmente intermediou o processo entre as duas instituições e foi o responsável pela elaboração dos documentos que articularam as mudanças nas estruturas de ensino e pesquisa da Faculdade.

O encontro de Richard Pearce e Arnaldo Vieira de Carvalho em São Paulo, em 1917, marcou o início das negociações que resultaram no primeiro acordo entre as duas instituições. O acerto inicial, que se concretizou a partir de 1918, previa a participação da Fundação Rockefeller na organização do Departamento de Higiene, que viria a se transformar no Instituto de Higiene (1924) e posteriormente na Faculdade de Higiene e Saúde Pública (1945). Os termos do acordo foram enviados a Vieira de Carvalho em 20 de abril de 1917 por Wickliffe Rose, diretor-geral da Junta Internacional de Saúde (International Health Board – IHB). O IHB aceitou organizar e manter o Departamento de Higiene da Faculdade de Medicina por um período de cinco anos e comprometeu-se a fornecer o equipamento inicial, com valor estimado de US\$ 10 mil, além de despendar anualmente – e pelos cinco anos de vigência do acordo – uma quantia entre US\$ 15 mil e US\$ 20 mil.

A contrapartida da Faculdade aos acordos foi estabelecida pelo aluguel e reforma das instalações, tornando-as adequadas ao trabalho acadêmico e de laboratório, além de fornecer não menos que US\$ 3 mil anuais para as despesas de operação do Departamento de Higiene. Paralelamente aos contatos que se desenvolviam com a Fundação Rockefeller, o governador do Estado e ex-secretário do Interior, Altino Arantes, autorizou a construção de instalações próprias para a escola (Lei n. 1504, de 17 de outubro de 1916), que vinha desde sua criação funcionando em prédios alugados e impróprios. Dos cinco edifícios projetados, apenas um foi construído e hoje abriga o Instituto Oscar Freire⁷. No lançamento da pedra fundamental de um dos cinco edifícios mencionados, que abrigaria a sede oficial da Faculdade de Medicina, Arnaldo Vieira de Carvalho discursou apontando que o vínculo com a Fundação Rockefeller seria mais uma obra representativa do avanço científico paulista:

7. André Mota, “Arnaldo Vieira de Carvalho: História e Memória de um Médico Ilustre”, em Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho e André Mota (orgs.), *Medicina, Saúde e História: Textos Escolhidos & Outros Ensaios*, São Paulo, CD.G, 2014, p. 42.



Fig. 2. Discurso de Arnaldo Vieira de Carvalho no lançamento da pedra fundamental do conjunto de edifícios da Faculdade de Medicina, 1920. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

[...] o edifício especialmente construído para a Escola Médica Paulista, que já é um dos elementos mais eficientes do progresso do nosso Estado, que será sua mais fulgente glória e cuja organização foi inapreciável honra a mim conferida. Os edifícios que se iniciam são segurança de duração, fecunda e autonomia da instituição fundada pelo Estado. Sem casa própria não pode funcionar bem uma escola, como sem esqueleto logicamente armado não há organismo bem adaptado ao meio e ao fim, e sem boa adaptação não há função eficaz. Inaugurarei as novas construções, Sr. Presidente, rematai vossa obra, e rematai-a certo de juntar mais um aos muitos louros do nosso Estado. O novo edifício será o templo da nascente religião avassaladora do mundo, dessa síntese de medicina

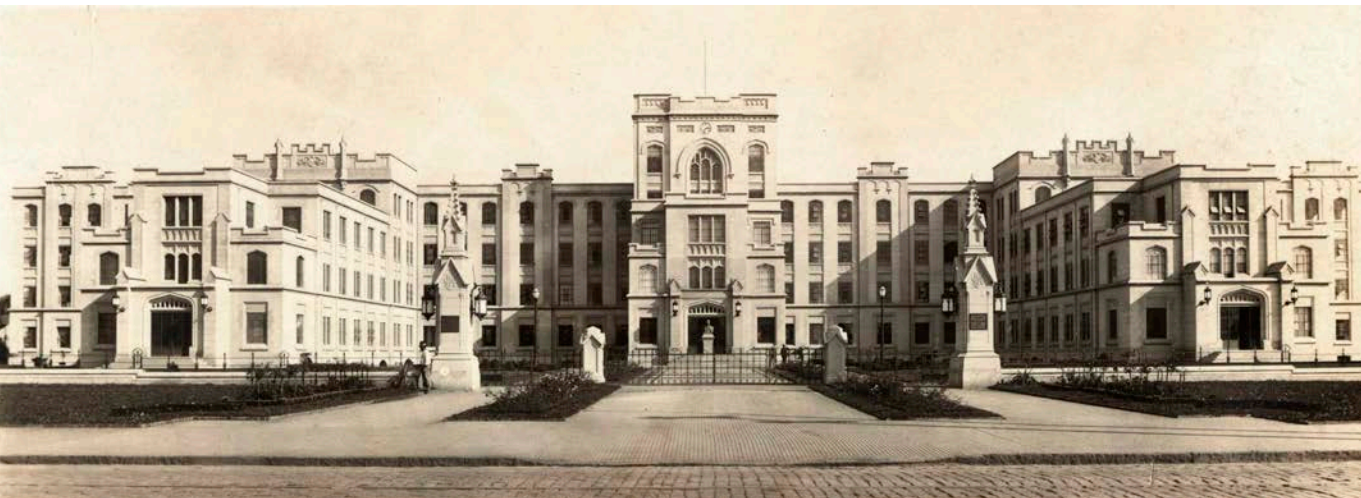


Fig. 3. Edifício-sede da Faculdade de Medicina, construído a partir dos aportes financeiros da Fundação Rockefeller, 1931. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

e higiene, única que consagra a igualdade, pratica a fraternidade e redimirá a humanidade, criando um homem sadio, o homem bom⁸.

Até o falecimento do diretor Arnaldo Vieira de Carvalho, em decorrência de uma septicemia, aos 53 anos, em 1920, poucos meses após proferir o discurso acima, a escola dispunha de razoável autonomia no relacionamento com a Fundação, fruto, em boa parte, de seu prestígio pessoal. O fato gerou grande comoção na escola e nos círculos sociais, onde transitava com desenvoltura. Sua ausência abriu um período de grave crise institucional, com a indicação de sucessivos nomes que se revezavam no cargo por curtos períodos. Uma estabilidade relativa só foi alcançada entre 1924 e 1930, quando Carlos de Campos, governador do Estado, nomeou Pedro Dias da Silva para a direção da escola.

A “desobstrução” das relações entre a direção da Faculdade e o Executivo facilitou os entendimentos com a Fundação Rockefeller, e as decisões mais importantes desse longo processo foram tomadas e implantadas

8. Arnaldo Vieira de Carvalho, “Discurso Realizado no Lançamento da Pedra Fundamental do Novo Edifício da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo”, *Gazeta Clínica*, Anno XVIII, n. 3, p. 35, 1920 (São Paulo).

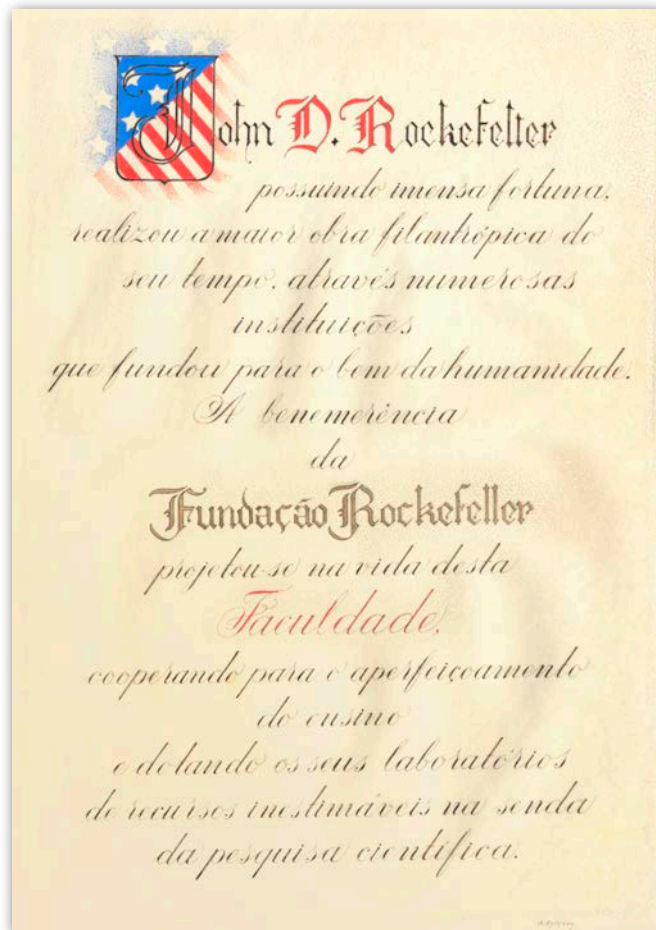
exatamente nos seis anos em que Pedro Dias da Silva esteve na direção, entre 1924 e 1930. Nesse período, obteve-se a aprovação dos novos regulamentos e a liberação dos recursos que permitiram a construção de instalações modelares para a escola médica. Os especialistas enviados inicialmente pela Fundação Rockefeller permaneceram na Faculdade até 1925. Naquele ano os regulamentos da escola foram inteiramente modificados, depois de quase uma década de negociações, com o objetivo de adequar sua estrutura e funcionamento aos padrões exigidos pela agência norte-americana. Somente depois de aprovados os novos regulamentos, os recursos financeiros seriam liberados nos Estados Unidos. Deste modo, as obras para a construção do edifício-sede da Faculdade, financiadas pelas doações da Fundação Rockefeller, tiveram início em 1928 e foram finalizadas em 15 de março de 1931.

Finalmente, cabe destacar que em suas primeiras décadas de funcionamento a Faculdade de Medicina concebeu e executou, com recursos da filantropia norte-americana e sob sua orientação, a construção de um dos mais modernos centros de ensino médico da época. A presença da Fundação Rockefeller em sua estrutura possibilitou à Faculdade de Medicina de São Paulo estabelecer a partir de então um diálogo mais efetivo com a produção científica internacional, ao mesmo tempo que, localmente, propiciou à comunidade acadêmica redesenhar sua identidade, projetando a imagem de uma escola de vanguarda. Tal inserção provavelmente não teria sido possível sem os aportes filantrópicos, uma vez que, desde sua criação, a escola vinha se deparando com dificuldades para institucionalizar-se em patamares compatíveis com a produção científica de nível internacional.

Nesse sentido, enfrentou nos primeiros anos de funcionamento obstáculos decorrentes da dispersão de suas atividades localizadas em instalações repartidas e inadequadas, dificuldades que só foram superadas com a inauguração de suas instalações definitivas em 1931. Para sua construção, a Fundação Rockefeller ofereceu recursos e apoio logístico, de modo a permitir que uma comissão visitasse cerca de duzentas instituições na Europa, Estados Unidos e Canadá em busca de informações que subsidiassem os projetos.

De acordo com Maria Gabriela Marinho,

Fig. 4. Diploma em homenagem e agradecimento à Fundação Rockefeller, produzido pela Faculdade de Medicina e desenhado por Augusto Esteves, s.d. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.



Para se dimensionar o volume de recursos investidos, cabe salientar que o estreito relacionamento entre as duas instituições permitiu a destinação, entre 1925 e 1931, de cerca de US\$ 1 milhão para a Faculdade de Medicina. Um volume significativo de recursos, principalmente quando se toma em comparação a participação da Fundação Rockefeller nas campanhas de saúde pública no Brasil. Entre 1916 e 1940, a fundação destinou cerca de US\$ 4 milhões para o combate da febre amarela em todo o país, a principal endemia combatida pela agência em sua atuação campanhista e que esteve, no Brasil, a cargo dos representantes locais da Comissão Sanitária Internacional, cujo escritório foi instalado no Rio de Janeiro⁹.

9. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, *Elites em Negociação*, p. 128.

A destinação de verbas institucionais enviadas diretamente para a Faculdade de Medicina encerrou-se com a inauguração das instalações de seu edifício-sede, em 1931. A continuidade dos relacionamentos manteve-se, porém, na concessão de bolsas de estudo e financiamento a grupos de pesquisa, principalmente na criação de áreas como a Genética, com o patrocínio, inclusive, da estada no Brasil de Theodosius Dobzhansky. Estas doações, contudo, aconteceriam anos mais tarde, em uma estrutura institucional distinta, a Universidade de São Paulo, à qual a Faculdade de Medicina deveria subordinar-se a partir de 1934.

2. A política de boa vizinhança e os recursos para a inauguração do Hospital das Clínicas da FM/USP¹⁰

Quando o Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IOT) foi inaugurado, em 1953, a primeira-dama dos Estados Unidos enviou uma bengala de seu marido, vitimado pela poliomielite:

Essa inauguração devia ser presidida pela Sra. Eleonora Roosevelt. Impossibilitada de comparecer, a esposa do grande estadista americano, ao agradecer o convite, enviou ao Dr. Godoy Moreira, diretor do novo hospital, como símbolo de presença e solidariedade àquela obra, a bengala que pertenceu a Franklin Delano Roosevelt¹¹.

Para além desse fato pontual, tal símbolo de proximidade representou o estabelecimento entre o Brasil e os Estados Unidos de uma política de aliança, que não se resumiu somente ao plano político-cultural, mas atingiu esferas diversas, como o campo médico e de saúde pública. Entre os marcos reconhecíveis dessa proximidade, está o impacto do *Relatório Flexner* sobre os modelos de ensino médico e a filantropia institucional

10. Trecho adaptado de: Gustavo Querodia Tarelou e André Mota, "Norte-Americanos em São Paulo: A Criação do Hospital das Clínicas na 'Política da Boa Vizinhança', 1938-1944". *História e Perspectivas*, vol. 58, n. 31, pp. 207-221, 2018.

11. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, *Ofício A.2-695, de 27 de Outubro de 1952*, São Paulo, 1952, p. 1.

representada pela Fundação Rockefeller na América Latina desde 1915. Conforme pontua Marinho:

[...] o projeto da Fundação Rockefeller, consubstanciado na metáfora das sementes iniciais, pautava-se em todo o mundo pela identificação e o apoio a membros da elite científica local que, ao longo de sua trajetória profissional e imbuída do ideário da Fundação, passavam a atuar como parceiros e aliados daquela instituição. Funcionavam, desse modo, como propagadores de uma ideologia e uma visão de mundo conservadoras, centradas na ideia da pesquisa de excelência como atividade de elite, assentada em talentos individuais e representativa de um ideal de racionalidade a ser perseguido¹².

Já os estreitamentos políticos internacionais trazidos pela Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, desdobraram-se na criação do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) em 1942, seguindo as decisões tomadas no Terceiro Encontro de Ministros de Relações Exteriores das Repúblicas Americanas. Pelo Serviço, uma visão mais abrangente da extensão da saúde e do sanitarismo¹³ se contraporía a uma perspectiva, nascida na década de 1920, de uma individualizante seguridade e previdência social.

No entanto, um olhar mais preciso para as regionalidades brasileiras será ainda capaz de flagrar a extensão de outras particularidades desse mesmo contexto, nem sempre identificadas, mas que se escondem nas entrelinhas documentais, recompondo cenários e suas versões explicativas. Nesse sentido, há que se ter uma visão mais alargada da chamada “política de boa vizinhança”, implementada por Franklin Roosevelt entre os anos 1930 e 1940, que tinha justamente em Nelson Rockefeller seu principal idealizador e visava afastar as nações latino-americanas dos países do Eixo por meio de um organismo político que estreitasse suas relações com os Estados Unidos. Para isso, criou-se, em 1940, o Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations Between the Americas, composto

12. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, *Norte-Americanos no Brasil: Uma História da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)*, Campinas/Bragança Paulista/São Paulo, Autores Associados/Universidade São Francisco/Fapesp, 2001, p. 48.

13. Cristina Maria Fonseca, “Trabalhando em Saúde Pública pelo Interior do Brasil: Lembranças de uma Geração de Sanitaristas (1930-1970)”, *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 5, n. 2, p. 395, 2000 (Rio de Janeiro, Abrasco).

pela Divisão Comercial e Financeira, pela Divisão de Comunicações e pela Divisão de Relações Culturais.

Conforme Moura¹⁴, em tal contexto foi lançada uma ofensiva norte-americana às áreas econômica, política e cultural, tendo o Brasil como um de seus principais alvos, em processo de “neutralidade dependente”, entre 1939 e 1942. O Departamento de Estado Norte-Americano deixava claras tais intenções:

As divisões de imprensa, rádio e cinema e de outros setores da CIAA estavam treinando homens para ir à América Latina, e um número de centros foi sugerido. Após um estudo mais aprofundado, e discussão com os representantes do Departamento de Estado, o coordenador apresentou seu plano formalmente à subsecretária de Estado em 14 de julho de 1942. Em breve, este incorporava uma proposta para adicionar pessoal adequado às equipes dos comitês de coordenação, com uma base regional para lidar com a disseminação de informações por todas as mídias e recolher informações sobre a eficácia dos programas realizados¹⁵.

A tecnologia foi um dos pilares que articulou comunicação, economia e o chamado modo de vida norte-americano (*american way of life*), tendo seus empresários de fazer o sacrifício de anunciar medidas e ações sem retorno imediato, em nome da política da boa vizinhança: “A *realpolitik* mascarava a mercadoria sob o manto democrático-liberal da luta contra o nazifascismo, contra o totalitarismo”¹⁶. No campo médico e de saúde pública, “quando os Estados Unidos se prepararam para entrar na Guerra, a adesão do Brasil à causa dos Aliados tornou-se fundamental; nesse sentido, o projeto de saúde e saneamento do Escritório afinava-se completamente aos interesses de segurança nacional daquele país”¹⁷.

14. Gerson Moura, “Neutralidade Dependente: O Caso do Brasil 1939-1942”, *Estudos Históricos*, vol. 6, n. 12, pp. 177-189, 1993 (Rio de Janeiro).

15. Coordinator of Inter-American Affairs, *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs: Historical Reports on War Administration*, Washington, United States Government Printing Office, 1947, p. 248.

16. Antonio Pedro Tota, *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 57.

17. Paulo Fernando de Souza Campos, Fernando Porto, Taka Oguisso e Genival Fernandes de Freitas, “Memória da Saúde em São Paulo: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana”, *Cadernos da História da Ciência – Instituto Butantã*, vol. 4, n. 1, p. 43, 2008 (São Paulo).



Fig. 5. Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina na Universidade de São Paulo, década de 1940. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

Entre as marcas ainda desconhecidas dessa política, a reconfiguração da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e a concretização de seu Hospital das Clínicas (HC/FM/USP) no sentido de garantir *status* internacional e de liderança merecem atenção. Nesse sentido, é necessário compreender a dimensão histórica dessa conjuntura específica, articulando as particularidades tecnológicas e simbólicas que envolveram suas instâncias médicas entre as décadas de 1930 e 1940. Tal processo se deu sob a forte influência estadunidense advinda desde a presença da Fundação Rockefeller, possibilitando que esse diálogo pudesse se dar sob novas bases em períodos subsequentes.

2.1. Caminhos cruzados de uma vizinhança conhecida: a criação do Hospital das Clínicas no contexto da Segunda Guerra Mundial

Há na história dos “primeiros tempos” da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo diversos contextos explicativos, sendo dois deles basilares. Inicialmente, aquele ligado a seu surgimento, em meio à organização corporativa médica paulista, quando a cafeicultura dava ao Estado de São Paulo lugar de prestígio e certa liderança nacional no raiar do século xx. Desde 1891, a legislação aprovara a criação de uma facul-

dade oficial de medicina. Pela Lei Estadual n. 19, sancionada por Américo Brasiliense de Almeida Mello, determinava-se a criação da chamada Academia de Medicina e Farmácia, e, finalmente, em 19 de dezembro de 1912, decretava-se a da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Um segundo momento desta narrativa se estenderia por um período histórico maior, quando a Fundação Rockefeller estabeleceu contrato com o governo paulista, a partir de 1916. Foi através de pesquisa desenvolvida por Marinho que esse período foi perscrutado¹⁸.

É interessante ressaltar que, oficialmente, o pedido de auxílio teve que partir da instituição beneficiada – no caso, a Faculdade –, apesar de o International Health Board ter decidido apoiar a Faculdade em um momento bem anterior a essa solicitação. Afinal, a comissão chefiada por Richard Pearce e despachada para o Brasil em 1916 tivera exatamente como objetivo identificar centros de ensino que pudessem ser apoiados. Completam tais ideias as observações desenvolvidas por Castro Santos e Faria:

No caso paulista, como em outras partes do mundo, o contato com os cientistas e sanitaristas norte-americanos abriu caminhos para a pesquisa em saúde pública, para a formação das chamadas “profissões de saúde” e para o avanço da educação sanitária. Ao chegar ao Brasil, em 1916, a Rockefeller concedeu bolsas de estudos a jovens cientistas para o curso de Saúde Pública da School of Hygiene and Public Health, da Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Dessa geração de brasileiros destacaram-se Geraldo de Paula Sousa, Francisco Borges Vieira, Pinheiro Chagas¹⁹.

Nos anos 1930, Getúlio Vargas estabeleceu bases políticas dando novos contornos à concepção de saúde em todo o país, viabilizada a partir de 1934, com a estabilidade governamental adquirida e a nomeação de Gustavo Capanema como ministro, conciliando posturas centralistas com a chamada Reforma Capanema, de 13 de janeiro de 1937, que teve diversos reflexos em São Paulo.

18. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, *Elites em Negociação*, p. 86.

19. Luiz Antonio de Castro Santos e Lina Faria, “Os Primeiros Centros de Saúde nos Estados Unidos e no Brasil: Um Estudo Comparativo”, em Luiz Antonio de Castro Santos e Lina Faria, *Saúde e História*, São Paulo, Hucitec, 2010, p. 169.

Os reflexos da guerra civil de 1932 e a encalacrada política que envolveu o Estado de São Paulo e suas instituições, em meio a uma interpretação heroica construída ainda durante os fatos, jogou uma certa neblina sobre os tempos difíceis vividos, também pela Faculdade de Medicina, que viu parte de seus sonhos serem desfeitos²⁰. Entre eles, além da imediata invasão pelas tropas legalistas de seus prédios recém-construídos, amargou o surgimento da Escola Paulista de Medicina em 1933, por necessidade de novas vagas, como um contraponto à estrutura que prevalecia na Faculdade de Medicina de São Paulo, que não conseguia viabilizar a construção de seu hospital-escola, e da qual a Fundação Rockefeller se distanciava desde 1931.

Desde as primeiras discussões a respeito de sua criação, o HC/FM/USP foi concebido para abrigar serviços de diferentes especialidades médicas que se consolidavam naquele momento. Justamente por isso, deveria contar com a mais alta tecnologia disponível, intensificando as transformações corporativas ligadas à formação do médico especialista, conferindo ao pensamento clínico um lugar cada vez mais amplo frente às questões médicas e de saúde pública. Essa reestruturação deu um grande impulso à “clínica”, ganhando o “novo” médico cada vez mais uma posição de cientista frente aos “antigos” práticos e à “higiene”, pautada no ideário de melhoria racial por meio de estratégias eugênicas²¹.

Em 1938, após anos de negociação, foi encabeçado pelo interventor federal e também médico Adhemar de Barros²² o início da construção do Hospital das Clínicas. Essa iniciativa sucedeu uma série de reivindi-

20. Marco Antonio Santos e André Mota, *São Paulo 1932: Memória, Mito e Identidade*, São Paulo, Alameda, 2009, p. 35.

21. André Mota e Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, “O Discurso da Excelência em Solo Paulista. Marchas e Contramarchas na Criação e Instalação do Hospital das Clínicas (1916-1950)”, em Maria Lucia Mott e Gisele Sanglard (orgs.), *História da Saúde em São Paulo: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958)*, Barueri/Rio de Janeiro, Manole/Fiocruz, 2011, pp. 155-156.

22. Adhemar Pereira de Barros (1901-1969) foi um dos políticos paulistas mais influentes e controversos do século XX. Graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1923, ingressou na vida política após tomar parte na Guerra de 1932. Em 1934 foi eleito deputado federal constituinte e em 1935 passou a exercer o mandato de deputado estadual em São Paulo. Entre 1938 e 1941 exerceu a chefia do Executivo paulista ao ser nomeado interventor federal por Getúlio Vargas. Foi governador de São Paulo em outras duas ocasiões (1947-1951 e 1963-1966) e prefeito da capital paulista entre 1957 e 1961. Adhemar de Barros teve uma carreira política de projeção nacional, pleiteando a Presidência da República em diferentes momentos e tendo sido um dos grandes apoiadores do movimento que culminou com o golpe civil-militar de 1964. Teve sua trajetória política encerrada ao ser cassado e ter seus direitos políticos suspensos em 1966 pelo regime ditatorial que ajudara a empossar dois anos antes.

cações da corporação médica para que se cumprisse o acordo firmado com a Fundação Rockefeller, ainda na década de 1920, pelo qual o governo paulista deveria construir um hospital-escola como contrapartida do financiamento oferecido pela instituição para a construção da sede da Faculdade de Medicina. Contudo, é importante ressaltar que o Estado alegava falta de verba para justificar a demora do cumprimento de sua parte no acordo. Vale lembrar que, em 1931, o prédio-sede da Faculdade havia sido inaugurado com o dinheiro disponibilizado pela Rockefeller; no entanto, as atividades práticas e clínicas dos alunos do curso médico seguiam sendo realizadas na Santa Casa de Misericórdia, uma vez que o Hospital das Clínicas ainda não era nada mais que um projeto parado nas mãos da administração paulista.

Assim, mesmo com a iniciativa da construção do almejado hospital por Adhemar de Barros, a verba disponibilizada pelo governo de São Paulo para a construção do projeto originalmente concebido foi considerada insuficiente, fato que levou a uma readequação dos espaços destinados ao hospital, desagradando médicos e docentes, como se nota no discurso de inauguração do HC/FM/USP feito pelo então diretor da Faculdade, professor Benedito Montenegro:

Eu não sei, todavia, se esta satisfação será integral, porque o nosso bom amigo, ressentindo-se, talvez, dos mesmos receios de seus predecessores, condensou o projeto original estudado pelos professores Rezende Puech e Souza Campos de modo a suprimir dependências, que, me parece, seriam de grande utilidade se conservadas. Cito, em particular, a redução no tamanho e no número de anfiteatros para as aulas. Apesar da finalidade primordial do hospital ser a de cuidar de enfermos e acidentados, é preciso termos sempre em mente, um fato de grande relevância para nós, professores – ele é a parte integrante e essencial da Faculdade de Medicina, ele é a própria Faculdade de Medicina em uma de suas manifestações – a de ministrar o ensino clínico, objetivo, ao lado dos doentes aos seus alunos dos anos superiores, e como tal não podia prescindir de amplos anfiteatros para acomodar os alunos²³.

23. Benedito Montenegro, “Comemorado Ontem nesta Capital com Diversas Cerimônias Cívicas o Aniversário do Sr. Getúlio Vargas”, *Folha da Manhã*, p. 12, 20.4.1944, Primeira Seção (São Paulo).

Dessa forma, foi instaurada a Comissão de Instalação e Organização do Hospital das Clínicas, que deveria viabilizar, com a maior rapidez possível, os serviços necessários. Eram casos considerados corriqueiros, mas indicativos de ações capazes de permitir que seus espaços estivessem dentro das regras hospitalares estabelecidas. Além disso, em 1943, Odair Pacheco Pedroso havia sido nomeado pelo interventor federal Fernando Costa para, em comissão, exercer o cargo de superintendente do HC. No entanto, por decreto de 9 de novembro de 1943, a superintendência do Hospital foi considerada vaga com a renúncia de Odair Pacheco Pedroso; o cargo foi preenchido em seguida por Enéas Carvalho de Aguiar, que ganhara certa visibilidade política e profissional ao dirigir o Asilo Colônia de Aimorés, emblemático leprosário do interior paulista. Em 19 de abril de 1944, data do aniversário de Getúlio Vargas e contando com a presença do presidente aniversariante, o Hospital das Clínicas foi inaugurado já com o *status* de “o maior hospital da América do Sul”²⁴.

Mesmo com toda uma composição burocrática na condução da instituição, o problema das verbas alocadas ainda persistia na medida em que apenas o prédio, mesmo redimensionado, não corresponderia à finalização do processo sem a compra dos equipamentos necessários. O governo paulista, que se comprometera com o financiamento de toda a construção e aparelhagem do hospital, havia aplicado o dinheiro disponibilizado na construção do edifício e dizia não ter mais recursos para investir na compra do material e da maquinaria para seu funcionamento. Nessa conjuntura, a Faculdade de Medicina conseguiu aliar os empreendimentos anteriores ao momento vivido, conseguindo demonstrar que era a mais americana das faculdades que compunham a Universidade de São Paulo, o que lhe garantiu dividendos significantes que lhe permitiram inaugurar seu esperado hospital-escola.

2.2. *Alípio Corrêa Netto: um médico no front da boa vizinhança*

Entre os professores mais envolvidos nesse processo, Alípio Corrêa Netto²⁵ teve um papel fundamental no campo de guerra e em seus desdobramen-

24. André Mota e Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, “O Discurso da Excelência em Solo Paulista”, pp. 151-152.

25. Alípio Corrêa Netto nasceu na cidade de Cataguases, em 14 de janeiro de 1898. Formado em Medicina em 1923 pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, tornou-se professor de Clínica Cirúrgica



Fig. 6. Anúncio de suturas da marca Davis & Geck publicado na *Revista Médico-Social* de março de 1943.

tos políticos nas conduções dos assuntos relativos à Faculdade de Medicina. Professor de Clínica Cirúrgica, foi um dos principais médicos a atuar nas fileiras paulistas na guerra civil de 1932, tendo a responsabilidade de cuidar dos soldados feridos nos campos de batalha, desenvolvendo inúmeras técnicas cirúrgicas emergenciais para tratar ferimentos, em sua maioria, causados por tiros e estilhaços de bombas, o que o tornou um dos maiores especialistas em “cirurgia de guerra” no Brasil.

Em 1942, com a declaração de guerra do governo brasileiro aos países do Eixo, Alípio Corrêa Netto ofereceu seus préstimos médicos ao exército nacional, o que foi aceito dois anos mais tarde, a partir da formação da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Assim, em 20 de agosto de 1944, acompanhado de alguns outros médicos²⁶, partiu para a Guerra, passando por alguns países do Norte da África, até chegar à Itália, onde teve uma

dessa mesma escola. Entre diversos cargos que ocupou e títulos que recebeu ao longo de sua carreira, destaca-se o fato de ter sido reitor da Universidade de São Paulo na década de 1950. Faleceu em maio de 1988, aos noventa anos de idade.

26. Entre eles, Floresmundo Plastino Zaragosa, João Ângelo Abatayguara, João Pereira Batista Bicudo, José Alfio Piason, José Monteiro Massaki Udihara, Oswaldo Mendes Leite, Paulo Araújo Homem de Melo, Paulo Canton, Paulo Dumangin Santos e Rubens dos Santos Alves.

atuação mais destacada durante o conflito, acompanhando de perto as batalhas travadas em Monte Castelo. Na Itália, encabeçada por ele, a equipe médica brasileira juntou-se aos médicos estadunidenses no 38º Hospital de Evacuação do V Exército Americano, comandado pelo general Mark Wayne Clark²⁷. Dessa forma, intensificaram-se as relações entre Alípio e os norte-americanos e, em seu diário pessoal, ele mesmo destacou algumas etapas dessa aproximação. Por exemplo, em 1º de setembro de 1944, descrevendo seu primeiro contato com seu posto de guerra:

Às 6 horas, fomos acordados pelo toque da alvorada; levantamo-nos, barbeamo-nos e, às 7 horas, fomos ao *break-fast*. Estamos no Evacuation Hospital, no V Exército norte-americano, somos, portanto, comandados pelo célebre general Clark. Estamos agora no final de nossa jornada e no início de nossa missão; fomos integrados ao nosso posto de 1º médico em função em hospital americano²⁸.

Entre seus relatos, é interessante notar a referência à postura dos médicos estadunidenses, demonstrando pouca confiança na competência profissional dos médicos brasileiros aliados. Justamente por isso, numa atitude discriminatória, segundo as próprias palavras do cirurgião brasileiro, só encaminhariam para eles os soldados negros feridos nos conflitos:

Continuamos a operar os feridos norte-americanos que nos chegam às levas. Já se vai tornando digno de nota o fato de sempre nos tocarem para atender os negros; já não se trata mais de coincidência. Aí está mais um dado da discriminação racial que domina a nação nórdica. Certamente não sendo comprovada, perante os responsáveis pela assistência hospitalar, a nossa capacidade técnica, procuravam eles testar-nos, oferecendo-nos, como se fosse uma experimentação, os seus patrícios de cor²⁹.

27. Mark Wayne Clark nasceu em 1º de maio de 1896. Foi combatente na Primeira Guerra Mundial e, após o conflito, passou a galgar importantes postos no Exército dos EUA, tornando-se, em 1942, o general mais jovem da história do país. Durante a Segunda Guerra Mundial liderou o V Exército Americano nos combates travados no Norte da África e na Itália, com destaque para a operação que resultou na tomada de Monte Castelo. Clark ganhou fama entre os brasileiros por ter comandado as batalhas de que a FEB participou ativamente.

28. Alípio Corrêa Netto, *Diário de Guerra*, Diário produzido por Alípio Corrêa Netto em sua atuação junto à FEB na Segunda Guerra Mundial, 1944 (mimeo), p. 25.

29. *Idem*, p. 28.



Fig. 7. Alípio Corrêa Netto e outros médicos na porta do 32º Field Hospital, durante a visita do general Souza Ferreira, em 26 de fevereiro de 1945. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

Contudo, passados alguns meses no campo de batalha e tendo conquistado a confiança desses comandantes médicos, Alípio foi encarregado de organizar e comandar o 32º Hospital do v Exército, mais perto de onde se travavam as batalhas. Mesmo em meio às dificuldades impostas pela Guerra, construiu laços estreitos de amizade com médicos e generais norte-americanos ao longo de seus trabalhos na Itália. Em 21 de fevereiro de 1945, as tropas brasileiras venceram as alemãs e tomaram de assalto Monte Castelo. Já em 3 de junho daquele ano, todos os médicos brasileiros retornaram ao Brasil vindos de Nápoles.

Esses vínculos, bem como a participação direta de outros médicos da FM/USP na Guerra, foram de suma importância para o aparelhamento do HC/FM/USP. Na ocasião, Benedito Montenegro, cujo currículo também ostentava uma participação como médico na Primeira Guerra Mundial e estudos médicos nos EUA, tendo sido aluno de Richard Pearce, um dos representantes da Fundação Rockefeller no Brasil, foi nomeado para assumir a diretoria da Faculdade e a Comissão responsável pela proposição do projeto de construção do HC/FM/USP, ao lado dos professores Resende Puech e Ernesto de Souza Campos.

À frente dessa diretoria, Montenegro acompanhou de perto a finalização da construção do Hospital das Clínicas e, vendo-se diante do impasse da falta de equipamento para o novo hospital, recorreu às relações que ele e Alípio Corrêa Netto haviam estreitado com os médicos militares estadunidenses. Segundo consta em suas memórias, todo o equipamento



Fig. 8. General Charles Clark Hillman. *Images from the History of Medicine* (<http://ihm.nlm.nih.gov>).

que permitiu a inauguração do HC/FM/USP foi doado pelo general Charles Hillman, que havia sido subchefe do Serviço de Saúde do Exército Americano e atuado nas fileiras norte-americanas até 1947, quando deixou o Exército. Nas palavras de Montenegro:

Houve, todavia, um problema angustiante, para o qual não se encontrava solução e que constituía na obtenção de equipamentos que assegurassem a funcionalidade do Hospital das Clínicas. Verba, não havia. Ademais, estando em curso a Segunda Guerra Mundial, era impossível a importação do material necessário e que já não existia no mercado nacional, por proibição dos países fornecedores em guerra e nem havia fábricas que se dispusessem a produzi-lo no Brasil. Felizmente a sorte nos favoreceu nesse momento. Eis que, passando por São Paulo, visitou as obras do Hospital das Clínicas o general Hillman, subchefe do Serviço de Saúde do Exército norte-americano. Expus-lhe as vicissitudes por que passávamos e pedi seu auxílio. Ele nada prometeu, de concreto, mas apenas intercedeu, perante as autoridades do seu país, para liberar o material de que necessitávamos. No entanto, ele foi além no seu auxílio. Assim, não eram decorridos dois

meses de sua visita e uma “fortaleza voadora” desembarcou, no Rio de Janeiro, tudo de que necessitávamos, inteiramente grátis, como “auxílio de guerra”. Somente levantando-se as “mãos aos céus” poder-se-ia agradecer tão preciosa dádiva, pois permitiu que o Hospital das Clínicas fosse completamente equipado³⁰.

Desta forma, é possível inferir que o modelo tecnológico médico e de saúde adotado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com seu Hospital das Clínicas, institutos e escolas, significou o prosseguimento dos instrumentos de influência do modelo médico-assistencial e do arsenal de tecnologia médica dos EUA, fruto de contextos bastante específicos. Em um primeiro momento, esse plano de ação e influência esteve atrelado à Fundação Rockefeller e ao impacto do *Relatório Flexner*, mas, com a eclosão da Segunda Grande Guerra, aprofundou-se a presença estadunidense e se potencializou esse quadro formativo. Tal conjuntura explica por que, em 1951, a Associação Médica Norte-Americana tenha credenciado a FM/USP entre as quinze mais importantes do planeta.

3. O restauro do edifício-sede da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo³¹

O edifício-sede da Faculdade de Medicina foi inaugurado em 1931 e, desde então, dada a sua imponência arquitetônica e a sua relevância no cenário urbano paulistano, foi considerado um dos cartões-postais de São Paulo. No entanto, ao longo das décadas, a vertiginosa expansão da cidade alcançou as paisagens do espigão do alto do Araçá. Neste processo, a Faculdade de Medicina foi perdendo parte de sua visão e originalidade, ora com prédios escondendo suas faces ou tomando seus jardins para a expansão da Avenida Dr. Arnaldo, ora abrindo espaço interno para a chegada dos automóveis. Aos poucos, essas sucessivas mudanças foram deixando suas marcas também no prédio central da escola médica: paredes novas construídas para novas salas, intervenções nas paredes origi-

30. Benedito Montenegro, *Os Meus Noventa Anos*, São Paulo, 1978 (mimeo), pp. 162-163.

31. Trecho adaptado de: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, *Restauro e Modernização da Faculdade de Medicina da USP*, Relatório 2000-2009, São Paulo, FM/USP, 2009.



Fig. 9. Fachada do edifício-sede da Faculdade de Medicina antes das obras de restauro e modernização. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

nais, envelhecimento da fachada, necessidades infraestruturais básicas e urgentes. Enfim, diversas marcas que, como um mapa, iam indicando o envelhecimento de suas estruturas, o apagamento de seu passado arquitetônico e a necessidade de sua recuperação e preservação, especialmente ao se considerar que o edifício fora tombado como patrimônio histórico pelo Condephaat em 1981.

Visando a preservação e a revitalização de suas instalações, especialmente após sofrer um incêndio, em 1999, que danificou parte de sua infraestrutura, a Faculdade deu início à captação de recursos para a realização de um amplo empreendimento de restauro e modernização. Após

a seleção do projeto arquitetônico mais adequado às perspectivas da instituição, as obras foram iniciadas e, neste sentido:

O projeto de restauro, em suas diversas etapas, baseou-se numa avaliação minuciosa do estado de conservação do bem e no profundo conhecimento sobre as características históricas, técnicas e estéticas do edifício. Buscou respeitar suas particularidades originais (desenhos e materiais), suas evidências históricas e documentais. O registro da preservação não se limita aos anos 2003-2012, nos quais a equipe encarregada, formada por professores e arquitetos (coordenada pelos professores Helena Ayoub e Julio Katinsky e pela arquiteta Thereza Katinsky de Katina e Pielz) estabeleceu as diretrizes de conciliação entre prática e pesquisa médica, que se altera constantemente, e a conservação de valores que chamamos “culturais” porque materializados em construções e formas que fundamentam as ideias que, paradoxalmente, serviram para as práticas novas e atuais³².

As obras foram executadas entre 2002 e 2010, garantindo a revitalização da fachada do edifício-sede e a recuperação de seus elementos arquitetônicos e históricos. Além disso, foram recuperados e modernizados o teatro, anfiteatros, laboratórios, salas de aula, o porão, a portaria, a biblioteca e o Museu Histórico da instituição. As obras foram iniciadas com a reforma do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, e, desde então, avançaram de acordo com o cronograma previsto no Plano Diretor. No segundo ano de obras, em 2003, foram entregues o Embasamento e a Sala da Congregação, totalmente recuperados. O restauro do teatro da FM/USP foi iniciado em maio de 2004 e entregue em outubro do mesmo ano, junto com o novo edifício da Área Técnica e o saguão da entrada principal da Faculdade.

Em janeiro de 2005, tiveram início as obras de restauro das salas da diretoria, do *hall* central do 2º ao 5º andar, concluídas no mesmo ano, e do Laboratório de Habilidades Clínicas, concluídas em abril de 2006. Também em 2005, começaram os restauros da Biblioteca Central, fachada frontal e corredores centrais do prédio principal, além do Departamento de Medicina Preventiva, também concluídos em 2006.

32. Júlio Roberto Katinsky *et al.*, *Restauro da Faculdade de Medicina da USP: Estudos, Projetos e Resultados*, São Paulo, CD.G, 2013, p. 131.

Em maio de 2006, foram restaurados e modernizados os nove anfiteatros existentes na Faculdade. Neste mesmo ano, foram construídas as novas portarias da FM/USP, além de terem sido empreendidas as ações de paisagismo, bem como a restauração das fachadas laterais e internas do prédio principal. Entre 2008 e 2009, foram restaurados o Instituto Oscar Freire e o Museu Histórico da FM/USP, tendo as suas instalações modernizadas e reformuladas.

O projeto de modernização e restauro da FM/USP foi integralmente executado com recursos provenientes da iniciativa de mais de sessenta empresas públicas e privadas e de aproximadamente quatrocentas pessoas físicas, em forma de patrocínios e doações. A captação desses recursos foi conduzida até 2006, pela Comissão de Restauro, formada por empresários e professores da instituição. O tombamento, pelo Condephaat, do prédio da Faculdade de Medicina da USP como Patrimônio Cultural de São Paulo permitiu a utilização de Leis de Incentivos Fiscais, que be-

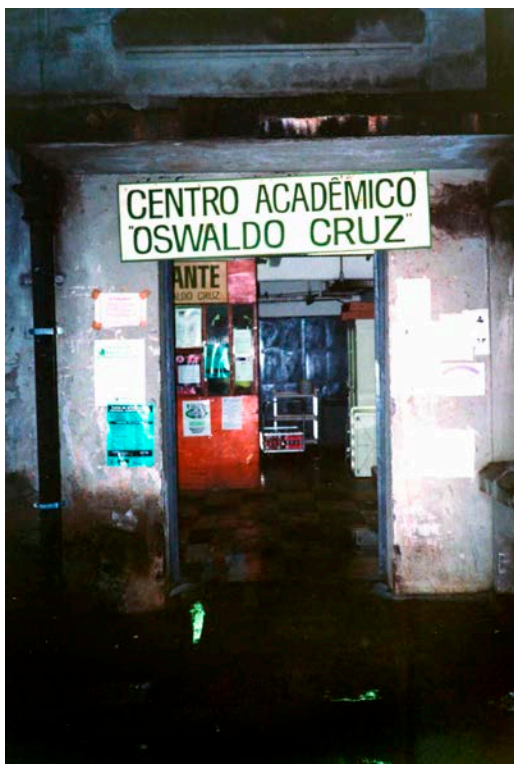


Fig. 10. Entrada do subsolo do edifício-sede da Faculdade de Medicina, espaço conhecido como "porão" e de uso do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, após o incêndio ocorrido em 1999. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.



Figs. 11 e 12. Subsolo do edifício-sede da Faculdade de Medicina após o processo de restauro e modernização, 2004. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

neficiaram diversos colaboradores pessoas físicas e jurídicas: Lei Rouanet (federal), registrada no Ministério da Cultura sob o Pronac n. 98-sp-0558-552, e Lei Mendonça (municipal), que pôde ser utilizada no restauro do teatro da FM/USP.

Quadro 1. Comissão de Restauro – FM/USP.

Profa. Dra. Angelita Habr-Gama (Presidente)	Prof. Dr. Adib Jatene
Prof. Dr. José Manoel de C. Teixeira	Dr. Carlos Alberto Pastore
Dr. José Agenor Mei Silveira	Prof. Dr. Claudio Roberto Deutsch
Profa. Dra. Linamara Rizzo Battistella	Prof. Dr. David Uip
Prof. Dr. Miguel Srougi	Dr. Eleuses Vieira de Paiva
Prof. Dr. Newton Kara José	Dra. Érika Kalil
Profa. Dra. Nise Yamaguchi	Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes
Dr. Pedro Franco Piva	Dr. Flavio Sylvio Rivetti
Prof. Dr. Roberto Kalil	Dr. Gean Enrico Mantegazza
Prof. Dr. Roberto Mansur	Prof. Dr. Geraldo Medeiros Neto
Prof. Dr. Valentim Gentil Filho	Prof. Dr. Giovanni Guido Cerri
Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti	Prof. Dr. Vicente Amato Neto

Fonte: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, *Restauro e Modernização da Faculdade de Medicina da USP*, p. 6.

Quadro 2. Patrocinadores – Pessoas Jurídicas.

Aché Laboratórios Farmacêuticos S/A	Eli Lilly do Brasil Ltda
Alfastar Participações Ltda	Figueira Rubayat
Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa – Interfarma	Fleury Centro de Medicina Diagnóstica
Associação dos Antigos Alunos da FM/USP	Fundação Faculdade de Medicina
Banco Alfa de Investimentos S/A	Fundação Itaú Social
Banco Bradesco S/A	Fundação Ortopedia
Banco do Brasil S/A	Fundação Otorrinolaringologia
Banco Fibra	Grupo Comolatti
Banco Nossa Caixa S/A	Grupo de Estudo para Doenças do Esôfago – Gradis
Banco Safra S/A	Grupo Gerdau
Banco Santander S/A	Grupo Pão de Açúcar
Bayer Shering Pharma	Grupo Papaiz
Boehringer Ingelheim do Brasil Química e Farmacêutica	Hospital Oswaldo Cruz
Bradesco Capitalização S/A	Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – Imesp
Bradesco Saúde S/A	Instituto da Tireoide
Bradesco Seguros S/A	Johnson & Johnson
Centro de Estudo e Pesquisa em Alergia	Klabin S/A
Centro de Estudos Radiológicos Raphael de Barros	Laboratório Stiefel Ltda
Clínica de Coloproctologia Professor Desi	Mantecorp
Companhia Brasileira de Alumínio – CBA	Merck Sharp & Dohme Farmacêutica Ltda
Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo – Sabesp	Monte Cristalina S/A – Assolan
Companhia de Seguros do Estado de São Paulo – Cosesp	Nycomed Pharma Ltda
Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista – CTEEP	Sanofi Aventis
Companhia Mineira de Metais	Siderúrgica Barra Mansa S/A
Companhia Paraibuna de Metais	Sociedade Beneficente de Senhoras Hospital Sírío Libanês
Companhia Suzano de Papel e Celulose	Sociedade Israelita Hospital Albert Einstein
Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo – Cremesp	Sociedade Paulista de Radiologia
Cristália Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda	Sonolayer Instituto de Tomografia
Deff Diagnóstico	Unibanco S/A
Divisão de Clínica Oftalmológica do HC/FM/USP	Universidade de São Paulo – USP
DPZ Propaganda	Votorantim Participações S/A



Figs. 13 e 14. Cerimônia de inauguração da fachada do edifício-sede da Faculdade de Medicina após o processo de restauro e modernização, outubro de 2006. Acervo do Museu Histórico da FM/USP.

O investimento inicialmente orçado no ano 2000 totalizava R\$ 35 milhões, que seriam destinados às obras e ações de comunicação, por exemplo: material gráfico (identidade visual do projeto), assessoria de imprensa, relatórios, murais, *outdoors* e eventos. Em dezembro de 2008, o Projeto de Restauro e Modernização da FM/USP foi oficialmente finalizado: com o seu orçamento atualizado em função de obras suplementares, indispensáveis para garantir o pioneirismo da Faculdade nas ações acadêmicas, foram investidos cerca de R\$ 82 milhões, dos quais R\$ 23,2 milhões captados junto a empresas públicas e privadas; R\$ 800 mil através de doações de pessoas físicas e R\$ 58 milhões repassados pela Fundação Faculdade de Medicina (FFM), que assim se tornou a principal colaboradora do projeto. A FFM também dividiu com a FM/USP a coordenação do projeto, participou da captação de recursos, deu todo o suporte necessário aos patrocinadores, acompanhou os processos, administrou os recursos e agilizou a sua utilização.

De acordo com o professor Flávio Fava de Moraes, presidente da Fundação Faculdade de Medicina no período em que o projeto de restauro e modernização foi executado:

É importante realçar que o projeto teve enorme impacto na autoestima dos docentes, alunos e funcionários. Ocorreu uma espontânea mudança de atitude e dedicação de todos, incluindo inúmeros depoimentos e manifestações de admiração emanadas durante frequentes visitas de nossa sociedade e de instituições estrangeiras. A FM/USP, sem dúvida, consagrou-se orgulhosamente também como um cartão-postal da cidade de São Paulo. Todo o êxito do Projeto deveu-se ao comprometimento coletivo da comunidade FM/USP e da sociedade paulista que participaram direta ou indiretamente. Aos competentes autores e colaboradores deste histórico livro não faltou o empenho e a vocação profissional de registrar detalhadamente e de forma exemplar um Projeto que se consagrou como modelo para outros similares que merecem acontecer em nosso Brasil. A Faculdade de Medicina/USP e a sua Fundação Faculdade de Medicina apresentam sua gratidão pela conquista exitosa ao vencer o grande desafio originalmente proposto³³.

Deste modo, é possível constatar que, após quase dez anos de ações e obras, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo pôde desfrutar de instalações modernas e atualizadas, em uma mobilização que se mostrou fundamental para a consolidação e ampliação de uma infraestrutura ainda mais qualificada para o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão na instituição, garantindo sua excelência ao chegar aos seus 110 anos de história.

4. Doações e aportes financeiros destinados ao enfrentamento da pandemia de covid-19 pelo Hospital das Clínicas da FM/USP³⁴

Em decorrência do noticiário sobre a identificação da covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo ativou o Comitê Institucional de Crise, em 29 de janeiro de 2020, contando com representantes de todos os institutos, integrantes da Comissão de Controle de In-

33. Flávio Fava de Moraes, "Posfácio", em Júlio Roberto Katinsky *et al.*, *Restauro da Faculdade de Medicina da USP*, p. 136.

34. Trecho adaptado de: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, *Relatório de Doações Recebidas pelo HC/FM/USP para o Enfrentamento da Pandemia de Covid-19 – Março/2020 a Junho/2022*, São Paulo, HC/FM/USP, 2022 (mimeo).

fecção Hospitalar corporativa, das Subcomissões de Controle de Infecção Hospitalar – SCIH e do Núcleo de Vigilância Epidemiológica, tendo como objetivos centralizar, coordenar e direcionar as ações das áreas assistenciais e administrativas.

Diante das informações de avanço da infecção em vários países e do surgimento do primeiro caso da nova doença no Estado de São Paulo (e no país), entendeu-se que seria necessária uma rápida articulação, entre os diversos setores do HC/FM/USP, para oferecer a melhor assistência aos pacientes e, ao mesmo tempo, garantir a proteção dos colaboradores com a manutenção do funcionamento de todas as atividades.

Em 23 de março de 2020, o governo do Estado noticiou a instalação de um Centro de Tratamento de Coronavírus no Hospital das Clínicas, anunciando que “o maior complexo hospitalar da América Latina teria um prédio com novecentos leitos, sendo duzentos de Unidade de Terapia Intensiva – UTI, para atendimento exclusivo da covid-19”. Para atender a essa demanda, proveniente do governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Estado da Saúde (SES/SP), de destinação de leitos exclusivos para o atendimento de pacientes com diagnóstico suspeito ou confirmado da doença, foram estabelecidas tratativas que culminaram na celebração de convênios públicos entre a SES/SP e o HC/FM/USP, com a interveniência da Fundação Faculdade de Medicina (FFM), uma das fundações de apoio do HC, para o custeio da ativação dos leitos destinados a esse atendimento.

Para transformar o Instituto Central – ICHC em um “Centro de Tratamento de Coronavírus”, os 450 pacientes ali internados foram transferidos para os demais institutos do complexo. Esta ação permitiu que o ICHC pudesse disponibilizar todos os seus leitos para atender com exclusividade os casos com diagnóstico suspeito ou confirmado da doença.

Diante do cenário da pandemia e da urgência das demandas, o HC/FM/USP lançou uma campanha de doações, contando inicialmente com dois parceiros para viabilizar as arrecadações financeiras: o “movimento #vempraguerra”, que arrecadou R\$ 3 048 554,23, e a empresa de tecnologia Sthorm, que criou uma plataforma própria de arrecadações para o HC/FM/USP³⁵, não fez custódia de fundos, não cobrou taxas, direcionando a

35. A plataforma de doações foi disponibilizada no *website* www.viralcure.org.br.

totalidade das doações para a FFM, gerando um valor aproximado de R\$ 4,9 milhões de reais.

Concomitantemente a estas parcerias, o hospital recebeu a solidariedade do povo brasileiro. Pessoas físicas e jurídicas enviaram produtos ao almoxarifado central do Prédio da Administração e telefonaram buscando informações sobre como poderiam oferecer auxílio com recursos materiais variados. Contudo, para que o recebimento das doações se fizesse legalmente, era necessária a formalização das entradas para posterior prestação de contas.

Então, a Superintendência do HC/FM/USP solicitou ao Núcleo Especializado em Direito (NUDI) a elaboração de um instrumento jurídico próprio para a formalização das doações. O termo firmava o compromisso entre o doador e o donatário, representado pela FFM, com a anuência do HC/FM/USP. Na sequência, foram mobilizados outros núcleos considerados estratégicos para fazerem parte da equipe que se tornaria o Time de Doação HC/FM/USP. Os núcleos, por sua vez, sensibilizaram seus profissionais, os quais se juntaram, voluntariamente, para compor o time, que iniciou suas atividades em 24 de março de 2020. Seu objetivo foi somar esforços para a complementação da necessária disponibilização de leitos (de Unidade de Terapia Intensiva – UTI e de Unidade de Internação) e, também, para a recepção, captação, organização, controle e distribuição dos recursos doados para subsidiar/contribuir com o atendimento da demanda que se apresentava.

O próprio time propôs e desenhou o planejamento inicial. As demandas eram direcionadas aos profissionais de acordo com as competências de cada núcleo. O recebimento das doações ocorria por meio de *e-mails* ou ligações telefônicas. Tratava-se de um processo novo, durante o qual houve entraves, tais como problemas de comunicação, falta de informações, conflitos, todos eles superados no decorrer de sua execução. Frente a essa organização, ao longo do tempo, foram desenhados os fluxos, revisados frequentemente a fim de mitigar os problemas e/ou erros de processo.

Durante o processo, surgiu uma nova demanda de doação – de alimentos e material de leitura – que não havia sido prevista no planejamento inicial e que tinha o objetivo de confortar colaboradores e pacientes. Assim, muitas empresas da área de alimentos passaram a disponibilizar produtos como iogurtes, doces, chocolates, refeições, lanches, sucos, cafés

e outros itens específicos. Nesse momento, o IOT foi solicitado a dar sua contribuição, por meio da participação de uma nutricionista, que se tornou responsável pela gestão dos alimentos doados. Também foram disponibilizadas centenas de livros por livrarias e editoras, as quais ficaram sob a gestão do NTH.

Neste exercício de aprendizagem contínua, o time desenvolveu suas atividades no período de março a outubro de 2020. A partir daí, as atividades se mantiveram, em menor escala, sob a operacionalização e gestão do NEO, até a atualidade. Do início do processo até junho de 2022, o HC/FM/USP recebeu cerca de 570 doações, totalizando um valor aproximado de R\$ 75 200 000,00.

A atividade de controle se iniciou com o registro das doações, por meio da criação, no Google Drive, de um documento denominado Planilha de Doações. Ela continha as informações passíveis de aproveitamento para a emissão de relatórios, as quais foram sendo aperfeiçoadas à medida que se fazia sua revisão:

1. Número do processo.
2. Data da entrada da doação.
3. Empresa doadora.
4. Contato (nome, telefone, *e-mail*).
5. Nome do responsável pela tratativa da doação.
6. Nome da pessoa que fez a indicação da doação.
7. Classificação da doação (alimento, EPI, equipamento, financeiro, material hospitalar, medicamentos, outros, serviços).
8. Descritivo do item doado.
9. Quantidade.
10. Unidade (caixa, quilograma, litro, unidade, itens).
11. Valor total da doação.
12. Moeda estrangeira (quando depósito em moeda estrangeira, identificação do valor, origem da moeda e câmbio).
13. Data de entrega ou do depósito.
14. Se financeiro (banco e conta em que foi depositada a doação).
15. Observações.
16. Autorização de uso de imagem.

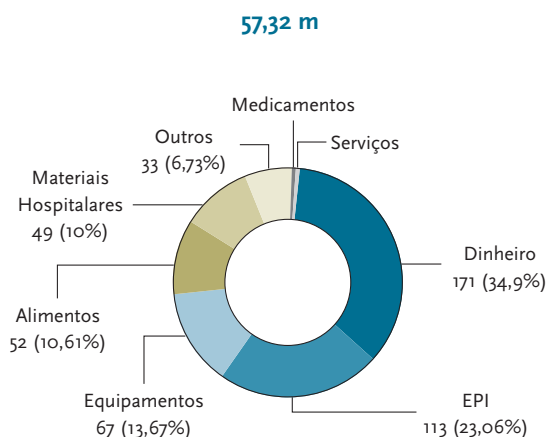
Para a formalização do processo de doação de produtos, foi estabelecida a juntada do já citado “Termo de Doação” devidamente preenchido e assinado, da nota fiscal (quando pessoa jurídica) e do comprovante de inserção no sistema corporativo MV (quando se tratava de itens com código no sistema de suprimentos, como, por exemplo, luvas, máscaras, *face shields*, entre outros). Para doações financeiras, registrava-se o depósito em conta e, posteriormente, o encaminhamento do recibo da FFM ao doador.

Neste período, a operacionalização da gestão documental para montagem dos processos era de responsabilidade do NEO e das residentes multiprofissionais do PROAHS. Para garantir a lisura e transparência do processo de doações, a Superintendência contratou a PWC, em abril de 2020, a fim de auditar os procedimentos e garantir a fidedignidade de todas as informações. Em todas as ondas de auditoria, o processo de doação passava por revisão e oportunidade de melhoria, readequando o termo, inserindo novos documentos para garantir o padrão e qualidade das informações.

Vejamos, a seguir, alguns dados que contribuem para a compreensão dos recursos recebidos e sua destinação:

Gráfico 1. Tipologia das 490 doações concluídas pela FFM.

As doações foram objeto de auditoria entre abril e outubro de 2020.



Fonte: Relatório de Auditoria PWC.

Tabela 1. Resultados das doações (produtos e financeiras) recebidas até 30 de junho de 2022.

Itens	Valores	Representatividade
Financeiro	R\$ 59.418.868,86	78,9%
Equipamentos	R\$ 4.890.691,61	6,5%
EPIs	R\$ 3.232.076,68	4,3%
Materiais Hospitalares	R\$ 2.751.224,14	3,7%
Alimentos	R\$ 2.281.555,72	3,0%
Outros	R\$ 1.403.481,64	1,9%
Serviços	R\$ 1.282.000,00	1,7%
Medicamentos	R\$ 95.393,66	0,1%
	R\$ 75.355.292,31	

Fonte: Planilha de Doações HC/FM/USP.

Tabela 2. Resultado das doações financeiras recebidas até 30 de junho de 2022, estratificadas por contas.

Depósitos campanha doações # HCCOMVIDA – Todos os Bancos	
Data: 30/06/2022	R\$ 59.418.868,86
Total de depósitos Santander 13003244-4	R\$ 5.319.666,04
Total de depósitos Santander 13006498-6	R\$ 2.004.368,38
Total de depósitos em “moeda estrangeira” Santander 13003231-0	R\$ 3.790.598,12
Total de depósitos Santander 13003231-0	R\$ 21.119,00
Total de depósitos em “moeda estrangeira” Banco do Brasil (205939-8) 105401-5	R\$ 540.500,00
Total de depósitos Banco do Brasil 205938-x	R\$ 4.882.572,34
Total de depósitos Banco do Brasil 205939-8	R\$ 32.775.394,39
Total de depósitos Banco do Brasil 105401-5	R\$ 3.350.000,00
Total de depósitos Banco do Brasil 205619-4	R\$ 12.421,25
Total de depósitos Banco do Brasil 71.208-6	R\$ 20.333,34
Total de depósitos Banco do Brasil 205944-4 – CG 19.021 e CG 19.042	R\$ 5.004.046,00
Total de depósitos Banco do Brasil 206146-5 – CG 19.046	–
Total de depósitos Banco do Brasil 205995-9 CG 19.045	R\$ 54.900,00
Total de depósitos Banco do Brasil 19.900-1 – exclusiva CG 88.173 – ICESP	R\$ 332.950,00
Total de depósitos Banco do Brasil 19.900-x – exclusiva CG 88.174 – ICESP	R\$ 1.000.000,00
Total de transferência interna entre CGs FFM – Não envolve conta bancária.	R\$ 310.000,00

Fonte: Planilha financeira da FFM.

Quadro 3. Resultado estratificado com a classificação em materiais hospitalares, equipamentos hospitalares e de informática e EPIS, até 30 de junho de 2022.

Classificação	Descritivo sintético	Valores aproximados
Materiais hospitalares	Lâminas, algodão termômetros, assistente de tosse, canulas, circuito de ventilação, cilindros de oxigênio, curativos, bolsas de potássio, <i>Filters Tipes</i> , kits Prismaflex, maguitos, sensores de temperatura, entre outros.	R\$ 1.918.121,90
Tecnologia (equipamentos, serviços e materiais)	Acessórios, computadores, licenças, monitores, mouses, teclado, <i>softwares</i> , cartuchos, <i>webcams</i> , conectores, <i>enlight</i> , fibra ótica, HC, cabos para instalações e adequações, <i>nobreaks</i> , repetidores <i>wireless</i> , roteadores, transdutores de banda larga.	R\$ 2.738.571,03
Equipamentos hospitalares	Desfibriladores, analisadores de fluxo, videolaringoscópios, adaptadores, aparelhos de ultrassom, calibradores de aparelhos de anestesia, camas motorizadas, desfibriladores, equipamentos de ondas curtas, sensores de oximetria, eletrocardiógrafos, ultrafreezers, monitores multiparamétricos, pressostatos, perfuradores cirúrgicos, aparelhos AVEA, Rotores autoclaves, ventiladores, tomógrafos e videoendoscópios.	R\$ 18.801.716,45
Materiais de instalação e adequação	Anéis de vedação, aquecedores, aspersores de base, bombas d'água, buchas, braçadeiras, torneiras, tintas, protetores de balcões, resistências, kits de chuveiros, e outros tantos itens menores.	R\$ 1.161.493,95
Serviços	Locações de equipamentos, montagem de tendas, consultorias, sistemas de integração, sistema vital suporte, soluções em atendimento, montagem dos boxes para vacina, serviços técnicos em saúde, administrativos, informática e diversos, incluindo impostos.	R\$ 4.565.529,84
EPIS	Máscaras, luvas e aventais.	R\$ 4.329.058,70
Aquisição de mobiliário	Armários, roupeiros e araras.	R\$ 542.991,94
Despesas com alimentação	Fornecimentos de refeições (499) e aquisição de lanches	R\$ 42.592,78
Material de escritório	Lápis, caneta, porta lápis, impressões de cartazes e faixas	R\$ 9.862,00
Serviço de ambulância	Locação de ambulância (cinco ambulâncias por 24h durante quatro meses) (com impostos)	R\$ 3.674.892,88
Pagamento de plantões médicos	Pagamentos de plantões para intensivistas e fisioterapeutas (com impostos)	R\$ 4.606.959,25
Pagamento de hospedagens	Hospedagem para 430 profissionais em períodos aproximados de 10 dias cada um (diária média de R\$ 29,66)	R\$ 127.530,00
Investimento em Pesquisa	Pesquisa Shield Pacientes Imunodeprimidos e Adote um Pesquisador	R\$ 1.615.000,00
Kits de testes Diasorin	SARS COV-2 S1/S2 IgC	R\$ 1.302.978,00
		R\$ 45.437.298,72

Fonte: Planilha financeira da FFM – Controle diário.

Quadro 4. *Ranking* dos cinquenta maiores doadores para o HC/FM/USP, cuja somatória de aproximados R\$ 62 500 000,00 representa quase 90% das doações.

	Empresa/Doador	Classificação da doação	Descrição do item	Valor
1	Banco BTG Pactual	Financeiro	Financeiro e produtos hospitalares	R\$ 5.914.463,90
2	#VEMPRAGUERRA	Financeiro	Reais	R\$ 3.967.508,54
3	Zurich Foundation	Financeiro	Reais	R\$ 3.591.837,50
4	B3 Social	Financeiro	Reais	R\$ 3.300.000,00
5	Assoc. Benef. DHS-Abadhs	Financeiro	Reais	R\$ 3.275.000,00
6	Mariana Moreau / Gisele Moreau	Financeiro	Reais	R\$ 2.829.837,98
7	Cosan	Financeiro	Reais	R\$ 2.590.118,00
8	João Alves Queiroz Filho	Financeiro	Reais	R\$ 2.556.000,00
9	Carlos Saway Botelho Bacher/ Eduardo Sawaya Botelho Bracher	Financeiro	Reais	R\$ 2.441.890,00
10	Viral Cure (Mercado Pago e Paypal)	Financeiro	Reais	R\$ 2.262.069,78
11	JBS S/A	Financeiro	Reais	R\$ 2.015.500,00
12	Santander em Dobro	Financeiro	Reais	R\$ 2.004.368,38
13	WildLife	Financeiro	Reais	R\$ 1.998.019,78
14	Eurofarma Laboratórios	Financeiro	Reais	R\$ 1.984.346,00
15	EDP	Financeiro	Reais	R\$ 1.984.346,00
16	Mubdala Consultoria Financeira e Gestora de Recursos	EPI	Toucas	R\$ 527.920,00
17	NU Bank	Financeiro	Reais	R\$ 1.584.160,00
18	Reckitt Benckiser do Brasil	Financeiro	Financeiro, máscaras e Lysol	R\$ 1.414.019,51
19	LS Music Produções Artísticas Ltda.	Alimentos	Ovos de páscoa (5 mil) e copos descartáveis (500 mil)	R\$ 313.826,42
20	Instituto Galo da Manhã	Financeiro	Reais	R\$ 1.220.945,00
21	Malwee Malhas Ltda.	Materiais	Máscaras hospitalares	R\$ 297.000,00
22	Vinicius Biagi Antonelli	Financeiro	Reais	R\$ 1.050.000,00
23	MPT	Financeiro	Reais	R\$ 1.010.997,52
24	Bradesco	Financeiro	Reais	R\$ 1.000.000,00

	Empresa/Doador	Classificação da doação	Descrição do item	Valor
25	Península Participações SA (família Diniz)	Financeiro	Reais	R\$ 1.000.000,00
26	SURA	Financeiro	Reais	R\$ 742.375,83
27	HD Seguros	Financeiro	Reais	R\$ 615.772,00
28	AF Energia S/A	Financeiro	Reais	R\$ 605.772,00
29	Nazapack Embalagens Ltda	Materiais hospitalares	Copos	R\$ 6.209,99
30	Bristol Foundation e Bristol Myers Squibb	Financeiro	Reais	R\$ 525.504,79
31	Hershey's Brasil	Alimentos	Chocolate	R\$ 153.040,71
32	AVL Aplicativo	Financeiro	Reais	R\$ 500.000,00
33	Stone Pagamentos S/A	Financeiro	Reais	R\$ 492.699,80
34	Porto Seguro	Materiais hospitalares	Beliche	R\$ 1.110.934,73
35	Ambev	EPI	Máscaras (200 mil) e Bebidas RedBull (16 mil)	R\$ 238.240,00
36	Stawi Finanças do Bem	Financeiro	Reais	R\$ 450.000,00
37	Tetra Pak Ltda	Financeiro	Reais	R\$ 440.000,00
38	Wilson Issamu Harada	EPI	Máscaras	R\$ 136.308,00
39	Trisul S/A	Financeiro	Reais	R\$ 400.000,00
40	Joanna Pascowitch Paula Lunardelli	EPI	Máscaras	R\$ 108.183,20
41	TRT 2ª Região	Financeiro	Reais	R\$ 351.263,48
42	AEGEA Saneamento e participações	Financeiro	Reais	R\$ 336.612,00
43	Rede D'OR São Luiz S/A	Financeiro	Reais	R\$ 332.950,00
44	United Medical	Materiais hospitalares	Materiais hospitalares e medicamentos	R\$ 68.708,55
45	Câmara de Comércio Brasil-Canadá (CCBC)	Financeiro	Reais	R\$ 300.000,00
46	Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo	Financeiro	Reais	R\$ 300.000,00
47	Vigor	Alimentos	logurtes	R\$ 488.313,57
48	Ericsson Telecomunicações S/A	Materiais hospitalares	Máscaras	R\$ 205.204,00
49	Banco Julius Bär International	Financeiro	Franco Suíços	R\$ 278.645,00
50	TJSP (Juíza Valdivia Ferreira Brandão)	Financeiro	Reais	R\$ 269.239,25

Fonte: Planilha de Doações HC/FM/USP.

Referências Bibliográficas

- CAMPOS, Ernesto de Souza. *História da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Reitoria da Universidade de São Paulo/Saraiva, 1954.
- CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; PORTO, Fernando; OGUISSO, Taka & FREITAS, Genival Fernandes de. “Memória da Saúde em São Paulo: Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana”. *CADERNOS DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA – INSTITUTO BUTANTÃ*, vol. 4, n. 1, pp. 39-52, 2008 (São Paulo).
- CARVALHO, Arnaldo Vieira de. “Discurso Realizado no Lançamento da Pedra Fundamental do Novo Edifício da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo”. *Gazeta Clínica*, Anno XVIII, n. 3, p. 35, 1920 (São Paulo).
- COORDINATOR OF INTER-AMERICAN AFFAIRS. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs: Historical Reports on War Administration*. Washington, United States Government Printing Office, 1947.
- CORRÊA NETTO, Alípio. *Diário de Guerra*. Diário produzido por Alípio Corrêa Netto em sua atuação junto à FEB na Segunda Guerra Mundial. 1944 (mimeo).
- CUNHA, Luiz Antônio Constant Rodrigues da. *A Universidade Crítica: O Ensino Superior na República Populista*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Restauração e Modernização da Faculdade de Medicina da USP*. Relatório 2000-2009. São Paulo, FM/USP, 2009.
- FONSECA, Cristina Maria. “Trabalhando em Saúde Pública pelo Interior do Brasil: Lembranças de uma Geração de Sanitaristas (1930-1970)”. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 5, n. 2, pp. 393-411, 2000 (Rio de Janeiro, Abrasco).
- HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Ofício A.2-695, de 27 de Outubro de 1952*. São Paulo, 1952.
- _____. *Relatório de Doações Recebidas pelo HC/FM/USP para o Enfrentamento da Pandemia de Covid-19 – Março/2020 a Junho/2022*. São Paulo, HC/FM/USP, 2022 (mimeo).
- KATINSKY, Júlio Roberto et al. *Restauração da Faculdade de Medicina da USP: Estudos, Projetos e Resultados*. São Paulo, CD.G, 2013.

- LACAZ, Carlos da Silva. *História da Faculdade de Medicina, usp: Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola*. 2. ed. São Paulo, Atheneu, 1999.
- MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha. *Elites em Negociação: Breve História dos Acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931*. Bragança Paulista/SP, Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH)/ Editora Universitária São Francisco (Edusf), 2003.
- _____. *Norte-Americanos no Brasil: Uma História da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952)*. Campinas/Bragança Paulista/São Paulo, Autores Associados/Universidade São Francisco/Fapesp, 2001.
- _____. & MOTA, André. *Trajatória da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo: Aspectos Históricos da "Casa de Arnaldo"*. São Paulo, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2012.
- MONTENEGRO, Benedito. "Comemorado Ontem nesta Capital com Diversas Cerimônias Cívicas o Aniversário do Sr. Getúlio Vargas". *Folha da Manhã*, p. 12, 20.4.1944, Primeira Seção (São Paulo).
- _____. *Os Meus Noventa Anos*. São Paulo, 1978 (mimeo).
- MOTA, André. "Arnaldo Vieira de Carvalho: História e Memória de um Médico Ilustre". In: MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha & MOTA, André (orgs.). *Medicina, Saúde e História: Textos Escolhidos & Outros Ensaios*. São Paulo, CD.G, 2014, pp. 33-56.
- _____. *Tropeços da Medicina Bandeirante: Medicina Paulista entre 1892 e 1920*. São Paulo, Edusp, 2005.
- _____. & MARINHO, Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha. "O Discurso da Excelência em Solo Paulista. Marchas e Contramarchas na Criação e Instalação do Hospital das Clínicas (1916-1950)". In: MOTT, Maria Lucia & SANGLARD, Gisele (orgs.). *História da Saúde em São Paulo: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958)*. Barueri/Rio de Janeiro, Manole/Fiocruz, 2011, pp. 133-170.
- MOTT, Maria Lucia & SANGLARD, Gisele (orgs.). *História da Saúde em São Paulo: Instituições e Patrimônio Arquitetônico (1808-1958)*. Barueri/Rio de Janeiro, Manole/Fiocruz, 2011.
- MOURA, Gerson. "Neutralidade Dependente: O Caso do Brasil 1939-1942". *Estudos Históricos*, vol. 6, n. 12, pp. 177-189, 1993 (Rio de Janeiro).

- NADAI, Elza. *Ideologia do Progresso e Ensino Superior (São Paulo, 1891-1934)*. São Paulo, Loyola, 1987.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *A Higienização dos Costumes: Educação Escolar e Saúde no Projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo*. Campinas/São Paulo, Mercado de Letras/Fapesp, 2003.
- SANTOS, Luiz Antonio de Castro & FARIA, Lina. "Os Primeiros Centros de Saúde nos Estados Unidos e no Brasil: Um Estudo Comparativo". In: SANTOS, Luiz Antonio de Castro & FARIA, Lina. *Saúde e História*. São Paulo, Hucitec, 2010, pp. 154-186.
- SANTOS, Marco Antonio & MOTA, André. *São Paulo 1932: Memória, Mito e Identidade*. São Paulo, Alameda, 2009.
- SILVA, Márcia Regina Barros da. *O Mundo Transformado em Laboratório: Ensino Médico e Produção de Conhecimento em São Paulo de 1891 a 1933*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003 (Tese de doutorado em História Social).
- TARELOW, Gustavo Querodia & MOTA, André. "Norte-Americanos em São Paulo: A Criação do Hospital das Clínicas na 'Política da Boa Vizinhança', 1938-1944". *História e Perspectivas*, vol. 58, n. 31, pp. 207-221, 2018.
- TEIXEIRA, Luiz Antonio da Silva. *A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo 1895-1913*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001 (Tese de doutorado em História Social).
- TOTA, Antonio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

II. Esalq – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

CARMEN PILOTTO¹

LUCIANA JOIA DE LIMA²



Fig. 1. Traçado do Edifício Central inaugurado em 1907.

1. A doação da Fazenda São João da Montanha

A Esalq nasceu em 1901, sonho do visionário Luiz Vicente de Souza Queiroz e de sua esposa Ermelinda Ottoni de Souza Queiroz, que doaram, em 1892, a Fazenda São João da Montanha ao governo do Estado de São Paulo, conforme Decreto Estadual n. 130, com a condição de que as obras da escola agrícola fossem finalizadas no prazo máximo de dez anos.

De acordo com Marly Therezinha Germano Percin:

Adentrando o século xx, a cidade já incorporava escolas públicas de primeiro e segundo graus, a Escola Complementar (1897), depois Escola Normal, endereçada à formação de educadores ao magistério primário, e a Escola Prática de Agricultura

1. Seção Técnica de Apoio Institucional – Escritório de Relações Institucionais da Esalq/usp.

2. Seção Técnica de Apoio Institucional – Escritório de Relações Institucionais da Esalq/usp.



Fig. 2. Luiz Vicente de Souza Queiroz (12.6.1849-11.6.1898).
Acervo da Esalq/USP.

Luiz de Queiroz (1901), dedicada à formação de técnicos, depois Escola Superior de Agricultura (1931), incorporada à Universidade de São Paulo (1934), formadora de engenheiros agrônomos. Piracicaba oferecia padrões de crescimento socioeconômico que a incluíam entre as mais progressistas cidades do Estado de São Paulo e um visual de cidade limpa e arborizada, paisagística e romântica, que impressionava os viajantes. O grande trunfo do perrepismo (refiro-me ao PRP, Partido Republicano Paulista) local estava na classificação obtida, em 1911, de segunda cidade paulista em escolas, só perdendo para a capital do Estado, à frente de importantes matrizes culturais, Santos, Campinas, Sorocaba³.

Idealizada para ser uma escola prática de ensino agrícola, após a evolução de discussões políticas e sucessivos projetos pedagógicos passa a constituir uma escola de vanguarda e de destaque nos cenários nacional e internacional.

Desde seu retorno da Europa, Luiz de Queiroz apresentava uma concepção de progresso baseada na modernização da agricultura, mobilizando esforços para introduzir a racionalização científica através de uma escola prática. Visava o desenvolvimento tecnológico, que proporcionaria aumento na produção e fortalecimento da economia nacional.

3. Marly Therezinha Germano Perecin, *Os Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática de Luiz de Queiroz*, São Paulo, Edusp, 2004, p. 23.



Fig. 3. Foto aérea do Campus Luiz de Queiroz. Acervo da Esalq/usp.

Tudo faz crer que a ideia da Escola Agrícola amadureceu quando as pragas aumentaram nas plantações de algodão, dificultando o cultivo. Para que não faltasse matéria-prima, Luiz de Queiroz aumentou o valor pago aos produtores, viabilizando a produção da fibra.

Em 1888, Luiz de Queiroz dá início aos planos para construção da Escola Agrícola. Neste período, visitou na Europa e nos Estados Unidos diversas fazendas experimentais e escolas agrícolas. Em 1889, adquiriu a

Fazenda São João da Montanha, propriedade agrícola com 319 hectares, distantes glebas de terras de excelente qualidade, banhada e contornada por dois mananciais de água, o Rio Piracicaba e o Ribeirão Piracicamirim.

Em 1891, em Londres, encomendou a planta do edifício que abrigaria a sede da escola. Nos Estados Unidos contratou a vinda de um professor de agricultura que supervisionaria a construção do edifício, gerenciaria a fazenda e daria orientação e assistência aos programas de estudos, além de se responsabilizar pela seleção dos professores.

Impossibilitado de dar continuidade ao programa em função dos altos custos que demandava, Queiroz negociou subvenções com o governo de São Paulo, mas não obteve sucesso. Em 1892, doou a Fazenda São João da Montanha ao poder público estadual com a condição de que as obras fossem finalizadas no prazo máximo de dez anos.

Inaugurada em 3 de junho de 1901, a Escola Agrícola Prática de Piracicaba passa a ser denominada, em 1931, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, em homenagem ao seu idealizador, que faleceu em 11 de junho de 1898. Os restos mortais do casal Souza Queiroz foram trasladados para Piracicaba em 1964 e sepultados em frente ao Edifício Central, onde foi construído um mausoléu projetado pelo artista e professor piracicabano Archimedes Dutra, com a seguinte inscrição:

A Luiz Vicente de Souza Queiroz:
...O teu monumento é a tua Escola.

De acordo com Marly Therezinha Germano Percin:

O inventário das experiências fracassadas no ensino agrônômico paulista remete aos projetos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, o pioneiro, entre 1891-1892, a Paula Souza, entre 1894-1910, na Escola Politécnica, a Jorge Tibiriçá, entre 1894-1896 (Projeto Morimont), ao oficial, implantado entre 1901-1905 pela Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Dois destes nunca se materializaram. O de Paula Souza, implantado na Politécnica como curso superior, fracassou por ausência de demanda, desacreditando momentaneamente os defensores da agricultura científica e da proposta de modernidade. O oficial, implantado em Piracicaba, como curso secundário teórico-prático, também ameaçou fracassar, não tanto pela falta de demanda, mas pela evasão assustadora e



Fig. 4. Aula prática. Acervo da Esalq/usp.

reprovação em massa, subsequentes à imprecisão de planejamento pedagógico e de organização curricular, adequação à clientela e interesse do alunado.

A readequação salvacionista do ensino agrícola foi obra de Jorge Tibiriçá, entre 1905 e 1908, seguida do Projeto Clinton Smith, entre 1908-1912, que deu configuração ao ensino técnico agrícola. Foram iniciativas salutares para a Educação, definidoras do saber técnico de segundo grau para todo o país, mas tiveram significado relativo para a Ciência. Esta continuava eminentemente europeia.

A construção do ensino técnico de primeiro e terceiro graus na agricultura foi obra acumulativa e seletiva com relação aos principais produtos da agência de saber – o agrônomo, o docente e o pesquisador. Independentemente das medidas oficiais, legislativas e investimento financeiro, esteve fortemente relacionado ao imaginário construídos sobre a Ciência, a Técnica e a Educação, bem como às transformações operadas no interior da mentalidade conservadora dos agronegócios, dos políticos e dos intelectuais liberal-cientificistas de São Paulo, durante as primeiras décadas republicanas⁴.

4. *Idem*, p. 29.

Até 1934, a Escola fez parte da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, quando passou a integrar a USP, como uma de suas unidades fundadoras. Desde sua criação, a Esalq evoluiu constantemente, ampliando sua atuação alicerçada nos pilares Ensino, Pesquisa & Inovação e Extensão, sendo considerada centro de excelência nacional e internacional nas áreas de Ciências Agrárias, Ambientais, Biológicas e Sociais Aplicadas.

As contribuições científicas de interesse público promovidas pela Esalq são inúmeras, o que revela a importância do conhecimento gerado em áreas como plantio; manejo das culturas; colheita e armazenamento; genética aplicada à agricultura com estudos sobre microrganismos; controle biológico; mecanização e avaliação de desempenho de máquinas agrícolas; estudo do clima por meio da coleta de dados feita pela Estação Meteorológica desde 1º de janeiro de 1917; doenças de clima tropical; microbiologia do solo; qualidade e inovação tecnológica para alimentos; produção de açúcar e de álcool, tendo sido propulsora do Pro-Álcool, iniciado em 1975, além de auxiliar o desenvolvimento de tecnologia voltada para a produção do etanol como fonte de energia renovável; modelagem em agricultura para aprimorar sistemas de produção existentes com a otimização do uso de recursos naturais em agricultura; modelos matemáticos e estatísticos que se ajustem aos dados experimentais obtidos em pesquisas; novos métodos de propagação de árvores, como a macro e a micro-propagação vegetativa de espécies de *Eucalyptus* e *Pinus*; e a contribuição histórica para a profissionalização de sistemas de produção e produtos de origem animal no Brasil.

DECRETO N. 130, DE 18 DE NOVEMBRO DE 1892

Aceita a doação feita ao Estado pelo dr. Luiz de Queiroz, da fazenda denominada S. João da Montanha, no município de Piracicaba, destinada à projectada Escola Agrícola e abre o credito de 50:774\$000 para, indemnização ao doador, das despesas por elle feitas com bemfeitorias e custeio na mesma fazenda.

O presidente do Estado de S. Paulo:

Attendendo à conveniencia de ser aceita pelo Governo a doação feita ao Estado pelo dr. Luiz de Queiroz, da fazenda de S. João da Montanha, do município de Piracicaba, afim de nella ser levada a effeito a idéa do estabelecimento de uma

escola agricola, ou instituto para educação profissional dos que se dedicam á lavoura, (lei n. 26 deste anno);

Decreta:

Artigo 1.º É aceita a doação feita ao Estado pelo dr. Luiz de Queiroz da fazenda de S. João da Montanha, situada no municipio de Piracicaba, afim de nella ser levada a effeito a fundação de uma escola agricola, para educação profissional dos que se destinarem à lavoura.

Artigo 2.º A escriptura de doação será passada de accordo com as divisas que constam da escriptura de arrematação em notas do tabellião Francisco Vieira e comprehenderá as terras e plantações, machinismos, bemfeitorias, aparelhos, animaes, plantas e projectos dos edificios a construir, constantes da avaliação feita pela commissão nomeada pelo Governo para inventariar os bens existentes na propriedade doada.

Artigo 3.º Como indemnização das despesas com bemfeitorias o custeio realizadas na propriedade doada, receberá o doador, do Governo, a importancia de cinquenta contos setecentos e setenta e quatro mil réis (50:774\$), sendo quarenta e cinco contos setecentos e setenta e quatro mil réis (45:774\$), em pagamento das bemfeitorias e cinco contos de réis (5:000\$000), pelo custeio.

Artigo 4.º Para execução do artigo antecedente é aberto à Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, no Thesouro do Estado, sob a responsabilidade do Governo, um credito de cinquenta contos setecentos e setenta e quatro mil réis (50:774\$000), solicitando-se opportunamente do Congresso Legislativo a approvação deste acto.

Artigo 5.º Na hypothese de não ser levada a effeito a idéa do doador com a fundação da escola agricola, reverterá a elle ou seus herdeiros a propriedade doada, préviamente indemnizado o Thesouro da importancia a que se refere o artigo 3.º deste decreto.

Artigo 6.º Rovogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, aos 17 de Novembro de 1892.

Bernardino de Campos.
M. P. de Siqueira Campos.



Fig. 5. Edifício Central do *campus*. Fabio Torrezan, DvComun, Esalq/usp.

De sua inauguração até 2023, a Esalq apresenta os seguintes números: 17 256 profissionais formados, 7 022 mestres e 4 084 titulados, 3 825 hectares, quatro estações experimentais, doze departamentos e 140 laboratórios. A instituição conta com oitenta grupos de extensão universitária, sessenta convênios internacionais e toda uma infraestrutura que acolhe e impulsiona a formação diferenciada de recursos humanos, que podem inclusive optar por dupla diplomação com universidades de renome internacional.

Hoje, a Esalq/USP representa a consolidação de um sonho visionário com uma trajetória grandiosa, alinhada ao presente desafiador e conectada com as demandas do futuro.

2. Estações Experimentais de Pesquisa e Extensão

A Estação Experimental de Ciências Florestais de Anhembi, distante 95 km de Piracicaba, está sob a administração do Departamento de Ciências Florestais da Escola. Em 1974, as Centrais Elétricas do Estado de São Paulo (Cesp) doaram à USP duas glebas de terras remanescentes da desapropria-



Fig. 6. Vista aérea do *campus*. Fabio Torrezan, DvComun, Esalq/usp.

ção de terras para a instalação do reservatório de Barra Bonita, SP, para fins acadêmicos e científicos, ocupando uma área total de 2 224 hectares.

A implantação de experimentos florestais iniciou-se em outubro de 1975, e, atualmente, já são mais de 170 projetos instalados, número ampliado ano a ano. Nessa área ocorrem importantes atividades de ensino e de extensão, mas, sobretudo, de pesquisas, especialmente na área de Melhoramento Genético de espécies florestais tropicais e subtropicais, com destaque para um banco de germoplasma florestal de valor inestimável. São desenvolvidos também programas de Experimentação Florestal, Produção de Sementes Florestais, Conservação da Flora e Fauna, além de estudos sobre pragas florestais, captura de CO₂, óleos essenciais, entre outros, resultando em diversos benefícios para a sociedade.

Outros pontos de relevância são o oferecimento de oportunidades de estágios para alunos de cursos técnicos e de ensino médio e a colaboração com o desenvolvimento de teses de doutorado e dissertações de mestrado.

Em 1988, foi incorporado ao patrimônio da USP um dos hortos florestais remanescentes da extinta Ferrovia Paulista S/A (Fepasa). A partir de

então, sob a administração do Departamento de Ciências Florestais da Esalq/USP, essa unidade florestal foi transformada na Estação Experimental de Ciências Florestais de Itatinga. Desde a sua fundação, ela tem sido regulamente utilizada para práticas acadêmicas e científicas dos cursos de graduação e de pós-graduação da Esalq/USP, contribuindo significativamente para os programas de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, conforme os objetivos:

- Promover suporte técnico e operacional para a implementação de atividades voltadas para a educação, a ciência e o desenvolvimento tecnológico.
- Elaborar e implementar atividades de educação ambiental de extensão florestal.
- Promover a conservação e a restauração ambiental.
- Planejar e promover o uso múltiplo florestal.

Em 27 de fevereiro de 1975, foi firmado acordo entre USP e Cesp para cessão de área em comodato, onde funciona a Estação Experimental de



Fig. 7. Aula prática na Estação Experimental. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/USP.



Fig. 8. Visita monitorada na Estação Experimental. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/usp.

Genética de Anhumas, sob a administração do Departamento de Genética. Localizada na bacia de acumulação (cabeceira) de Barra Bonita, margem direita do Rio Tietê, em Piracicaba, SP, compreende uma área de 306 hectares, sendo 904 m² de área construída. Nela, são conduzidos experimentos de genética e melhoramento de milho, soja, maracujá e manutenção de um banco de germoplasma de mandioca coletado em todo o Brasil. Aproveitando-se o sistema de elevação e abaixamento frequentes do nível de água do rio Tietê (hidrovia do Mercosul), o uso da área pantanosa tem sido maximizado com a criação de rebanho bovino, atualmente com seiscentos animais. As pesquisas realizadas fazem parte de projetos que têm dado origem a inúmeros estudos de impacto nacional e internacional.

Todos os projetos de pesquisa envolvem a produção de dissertações e teses, além de publicações nacionais e internacionais, contribuindo assim para o treinamento e a formação de recursos humanos e gerando um retorno direto para a sociedade brasileira.

3. Parceiros da Esalq, o programa de doação institucional

O programa Parceiros da Esalq contempla a possibilidade de doação de recursos financeiros ou execução de serviços de construção, ampliação, adaptação, reforma, restauração, montagem e reequipamento de sala, laboratório ou espaço, entre outros, pela empresa ou pessoa física doadora, conforme Portaria Esalq-06 e termos de adesão relacionados⁵.

Entre 2013 e 2023, destacam-se:

Equipamento de genotipagem de DNA

Em 18 de junho de 2013, o Laboratório de Biotecnologia Animal, do Departamento de Zootecnia, recebeu por doação da empresa Affymetrix a Plataforma Microarray Automatizada GeneTitan®, no valor de US\$ 250 mil, equipamento que incrementou as pesquisas de genotipagem de DNA.

Restauração do Pavilhão de Engenharia

Em 17 de julho de 2015, foi realizada a cerimônia de lançamento da restauração das fachadas do Pavilhão de Engenharia, edificação de 6945,95 m² que data de 1945. Essa ação contou com doações do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), EsalqLOG, Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq), Programa de Educação Continuada em Economia e Gestão de Empresas (Pecege) e Raízen, totalizando cerca de um milhão de reais.

A restauração do prédio teve três etapas: fachadas externas, coberturas e entorno do prédio; recuperação parcial dos sistemas de captação e escoamento de águas pluviais; e substituição do sistema de proteção contra descargas atmosféricas.

Museu de Logística: obras, restauração e novas parcerias

Inaugurado em 15 de abril de 2020, o Museu de Logística, sob a coordenação do grupo EsalqLOG, vinculado ao Departamento de Economia, Administração e Sociologia, já recebeu doações como um empurrador hidroviário (Raízen), uma locomotiva (Rumo) e projetos estruturais de

5. Mais detalhes em: www.esalq.usp.br/parceirosdaesalq



Fig. 9. Equipamento de genotipagem de DNA. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/usp.



Fig. 10. Fachada do Pavilhão de Engenharia. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/usp.



Fig. 11. Museu de Logística. Fabio Torrezan, DvComun, Esalq/usp.

implantação do Museu (Gepec Engenharia Ltda.), que estão disponíveis para visitação pública e apoio às aulas didáticas relacionadas ao tema.

Projeto Equoterapia

Em 2 de agosto de 2021, o projeto Equoterapia completou vinte anos de existência, sob a coordenação do Departamento de Zootecnia e gestão administrativo-financeira da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq). Em duas décadas, foram aproximadamente trinta mil atendimentos realizados no *campus* da USP em Piracicaba. O projeto é voltado a pessoas com deficiência, principalmente crianças, e busca, dentro de uma abordagem multidisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, o desenvolvimento biopsicossocial das pessoas assistidas, que podem inclusive frequentar um jardim sensorial.

As doações recebidas pelo projeto garantem a manutenção de parte da estrutura e dos cuidados com os animais, além do jardim sensorial, sob coordenação do Departamento de Produção Vegetal. Já foram doadores Felipe Moura ME, McHale, Agroceres Multimix, Cargill, ADM, DSM, Naandanjain, Ball Horticultural do Brasil, Cia. Brasileira de Florestas Tropicais, Forth Jardim e Inpasa, o que representa doações de feno, sal mineral e ração para alimentação dos animais; transporte de feno; sistema completo



Fig. 12. Atividade com participantes da Equoterapia. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/USP.

de irrigação por gotejamento; mudas de espécies de flores e plantas; banco de madeiras; condicionadores do solo, fertilizantes e defensivos, além de recursos financeiros.

4. Doações que impulsionaram o ensino e a pesquisa

4.1. Contribuições de instituições americanas no ensino da pós-graduação

As atividades desenvolvidas na Esalq/USP apoiam o desenvolvimento nacional, conectando-se internacionalmente por meio de parcerias estratégicas. Entre elas, destacam-se: projetos cooperados com a University of Illinois que remontam a mais de cem anos, quando, em 1891, Dr. Eugene Davenport, o primeiro diretor do College of Agriculture da University of Illinois at Urbana-Champaign, assessora a concepção e a implantação da Escola Agrícola Prática de Piracicaba.

Outra parceria estratégica foi a consolidada em 1964 com a The Ohio State University (OSU), o que culminou com a implantação dos progra-



Fig. 13. Politriz Logitech no Laboratório de Micromorfologia dos Solos. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/USP.

mas de pós-graduação na Esalq, a primeira unidade da USP e a segunda no Brasil, criando o grau de mestre em Ciências nas áreas de Estatística e Experimentação, Solos, Nutrição de Plantas, Fitopatologia, Genética e Melhoramento de Plantas, Mecânica, Motores e Máquinas Agrícolas.

Conforme registrado nos termos do convênio do Protocolo de Intenções, como parte dos programas da USAID, 75 docentes da Esalq estiveram na OSU, incluindo 55 que concluíram programas de pós-graduação e obtiveram os respectivos títulos nos Estados Unidos. Além disso, muitos docentes da OSU colaboraram com membros da Esalq em seus programas, incluindo sessenta de seus professores, que estiveram na Esalq por vários períodos, colaborando em programas acadêmicos e de pesquisa.

Durante as décadas de 1960 e 1970, diversas ações efetivadas por meio de aportes internacionais impulsionaram o desenvolvimento das atividades acadêmicas da instituição. Já entre os principais financiadores nacionais estavam, nessa época, a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), pertencente ao Ministério do Planejamento.



Fig. 14. Prédio do Pavilhão B do Departamento de Economia, Administração e Sociologia. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/usp.

4.2. Departamento de Ciência do Solo

Na primeira década de 2000, foi formalizado comodato de uma máquina de laminação/polimento da Logitech para o Laboratório de Micromorfologia de Solos, do Departamento de Ciência do Solo. Esse comodato foi sendo renovado e está em andamento a sua doação definitiva à Esalq/usp. Um equipamento similar custa em torno de noventa mil libras (cerca de R\$ 500 mil).

A Politriz Logitech, produzida na Escócia, é marca líder mundial em equipamentos de polimento de alta qualidade. Somente com esse equipamento é possível produzir em quantidade significativa lâminas del-

gadas para estudo ao microscópio, que no caso da Esalq é de amostras indeformadas de solos. Antigamente, essa produção era feita de forma totalmente manual, com diversos problemas de uniformidade e em tamanhos e quantidades muito menores do que as atualmente produzidas, limitando os estudos de micromorfologia de solos, importantes em pesquisas de Pedologia, Conservação do Solo, Física do Solo, Arqueologia e outras aplicações da Geotecnia e Geologia, áreas de destacada atuação da universidade.

Como a Esalq/USP é reconhecida como a instituição que mais atua nessa área no Brasil, toda a comunidade nacional que faz uso dessa técnica entra em contato com o Departamento. Eventos e cursos são ministrados, como a I Reunião Brasileira de Micromorfologia de Solos, realizada em novembro de 2022.

4.3. Departamento de Economia, Administração e Sociologia

O Departamento de Economia, Administração e Sociologia recebeu, no final de 1997, um novo prédio, com suporte financeiro da atual B3 – naquela época, BM&F (Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo). A pedra fundamental foi instalada em outubro de 1996, e o valor do aporte concedido foi de R\$ 410 mil, que equivalem atualmente a R\$ 3,5 milhões⁶.

Esses recursos possibilitaram a construção de um prédio de três andares, que totaliza uma área útil de 512 m², com salas de aulas e de informática, um auditório (que permite a recepção de 93 pessoas) e uma biblioteca especializada na área de Economia e Administração, com enfoque especial no setor de Agronegócio. No último andar, foi instalado o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea).

Essas estruturas permitiram um salto em termos de ofertas de disciplinas na graduação e na pós-graduação, bem como pesquisas acadêmicas e aplicadas ligadas direta ou indiretamente ao agronegócio. O auditório, inaugurado com o nome BM&F, possibilita, além de aulas para classes numerosas, centenas de encontros, *workshops*, entre outros, estimulando a comunidade a participar de discussões relevantes em diferentes áreas.

6. *Jornal de Piracicaba*, p. A7, 11.12.1996.

Em termos de pesquisas aplicadas, é importante destacar a parceria entre o Cepea e a atual B3, firmada em outubro de 1993, que resulta até hoje em benefícios para todo o setor agropecuário nacional e, por extensão, à sociedade como um todo. Inclusive, foi essa parceria que permitiu a captação de recursos para a construção do prédio no qual o Cepea está instalado.

Trata-se, portanto, de uma parceria de sucesso entre os setores público e privado, que completa trinta anos em 2023 e mantém de forma ininterrupta a elaboração e a divulgação de indicadores de mercado físico (boi gordo, bezerro, milho, etanol, açúcar, soja e algodão), que, além de serem utilizados para liquidação financeira de contratos futuros negociados na Bolsa, tornam os produtores rurais, suas cooperativas e associações mais bem informados para negociar sua produção a preços consistentes com os praticados nacional e internacionalmente. Outros temas de pesquisa foram sendo desenvolvidos no Cepea, contemplando aspectos macroeconômicos – como PIB e mercado de trabalho, comércio exterior –, questões sociais e ambientais.

4.4. Departamento de Engenharia de Biosistemas

Em 2012, foi doado pela empresa Irrigabrás Irrigação do Brasil Ltda. um pivô central fixo, modelo 658/600, para substituir um equipamento antigo, de 28 anos, que já não funcionava. O novo pivô central cobre uma área de treze hectares e está instalado na Fazenda Areão. Desde que foi implantado, esse equipamento vem dando apoio ao desenvolvimento de pesquisas em culturas irrigadas, especialmente milho, soja, feijão e cana-de-açúcar, mas também para outras produções, como a de pinhão-manso. Também já foi utilizado em pesquisas na área de hidráulica, para desenvolvimento de emissores para irrigação de precisão, de um aplicador de fertirrigação útil, para pesquisa de distribuição de água no sistema e de economia de energia e como apoio às aulas práticas das disciplinas de irrigação para graduação e pós-graduação.

Em decorrência das atuais necessidades de uso racional da água e nutrientes, vêm surgindo nas atividades agrícolas novas tecnologias que visam proporcionar maior produtividade aliada e maior eficiência no uso desses recursos. Dentre essas tecnologias, pode-se citar a utilização de membranas semipermeáveis, com potencial para melhorar o uso eficiente



Fig. 15. Pivô Central de irrigação. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/USP.

da água e de fertilizantes, bem como para evitar a salinização de solos. As membranas foram doadas pela University of New South Wales (UNSW), Sydney, Austrália, e fizeram parte da pesquisa, realizada durante o período da pandemia, de projeto de auxílio à pesquisa Fapesp conduzido junto ao Departamento de Engenharia de Biosistemas em parceria com University of Nebraska–Lincoln, The University of New South Wales e University of Illinois at Urbana-Champaign, entre 31 de outubro de 2019 e 31 de janeiro de 2021, com a participação de vários pesquisadores colaboradores de universidades brasileiras e internacionais.



Fig. 16. Laboratório de Ecologia Química e Comportamento de Insetos. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/USP.

4.5. Departamento de Entomologia e Acarologia

Entre 1979 e 2008, várias doações de empresas vinculadas à Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef) foram feitas para a construção e manutenção do Laboratório de Análise Cromatográfica e de Resíduos de Pesticidas na Agricultura.

Em 2006, a empresa japonesa Fuji Flavor Co. doou cerca de US\$ 30 mil para a construção inicial do Laboratório de Ecologia Química e Comportamento de Insetos, que em 2009 tornou-se a sede nacional do Instituto Nacional de Semioquímicos na Agricultura (INCT).

Em 2022/2023, as empresas Koppert Biological Systems e Máquinas Agrícolas Jacto doaram cerca de R\$ 3 milhões para a construção da sede do São Paulo Advanced Research Center for Biological Control (SparcBio).

4.6. Fazenda Figueira – atividades coordenadas pelo Departamento de Zootecnia

A Fazenda Figueira, no município de Londrina, PR, foi doada em testamento pelo esalqueano Alexandre Von Pritzelwitz para a Fundação de Es-



Fig. 17. Rebanho na Fazenda Figueira. Divulgação.

tudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq). Na data de seu falecimento, em 5 de janeiro de 2000, tornou-se pública a doação que havia sido escriturada em 1995, e representantes da Fealq e do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP formaram uma comissão para um diagnóstico sobre a fazenda.

Ao doar tal propriedade, Pritzelwitz fez algumas exigências: que fosse mantida a pecuária de corte, que a propriedade fosse transformada em uma estação experimental batizada com o nome de sua mãe, Hildegard Georgina von Pritzelwitz, e que fosse administrada de modo economicamente autossustentável. Desde então, a gestão administrativo-financeira é da Fealq, mas as atividades na fazenda são acompanhadas por uma comissão de professores do Departamento de Zootecnia da Esalq/USP, com o qual o doador manteve estreito relacionamento desde sua época de aluno, em meados da década de 1940.

A propriedade fica no distrito de Paiquerê, distante cerca de cinquenta quilômetros do centro de Londrina. Tem 3 686 hectares, dos quais 40% são dedicados à preservação ambiental. A maior parte dessa área é composta pela Mata do Barão, com 1 126 hectares de Mata Atlântica averbados, pelo

próprio doador, em caráter de perpetuidade como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) – essa é a maior RPPN do município de Londrina.

A fazenda chegou às mãos da família Pritzelwitz em 1942, quando foi comprada por Kurt Gustav von Pritzelwitz, pai do Sr. Alexandre, conhecido como Barão, forma de tratamento transferida ao seu filho. Ele veio da Alemanha em 1921 para trabalhar com comércio e exportação de café em Santos. Londrina era importante praça formadora do preço do grão, e o Sr. Kurt se interessou por também ter sua fazenda de café. Na propriedade, desde o início, era criado também gado de corte. Com a Geada Negra de 1975, as lavouras de café de todo o Estado do Paraná foram duramente impactadas, e a atividade principal da Fazenda Figueira passa a ser a pecuária de corte. Na década de 1980, período em que o Sr. Alexandre assume a direção da fazenda, o café restringia-se a pequenas áreas da propriedade.

No início de 2000, quando a Fealq recebe a fazenda em doação, gestores da Fundação, em sua primeira visita à propriedade, constataram que o solo era de boa qualidade, que havia um rebanho considerável (cerca de 3 200 cabeças) e que podiam contar com 24 funcionários comprometidos.

Foi, então, implementado um programa de intensificação da pecuária de corte dedicado à recuperação de pastagens, melhora da nutrição e da reprodução do rebanho. Esses experimentos poderiam servir de modelo ou parâmetro – a depender da maior ou menor semelhança com as condições naturais de cada localidade – para ações de outros produtores.

A Fazenda Figueira consolidava o seu papel de geradora e irradiadora de conhecimento desenvolvido sob bases científicas e validado na prática. De 2000 até 2022, foram realizados aproximadamente noventa experimentos na fazenda, incluindo as pesquisas em sua área de reserva natural (Mata Atlântica). Em meados de 2022, com rebanho de cerca de 4 500 cabeças, é praticada a integração lavoura-pecuária e feita seleção genética para a obtenção de reprodutores CEIP (Certificado Especial de Identificação e Produção).

A Estação Experimental Hildegard Georgina von Pritzelwitz, que tem a Fealq como sua “guardiã de patrimônio” e que se empenha para que as intenções altruístas do esalqueano Alexandre von Pritzelwitz se materializem, está permanentemente aberta para parcerias com universidades, centros de pesquisa e empresas, que podem apresentar propostas para análise da comissão de professores da Esalq/USP.



Fig. 18. Bolsistas do Programa Valdomiro Shigeru Miyada. Gerhard Waller, DvComun, Esalq/usp.

5. Programa de Permanência Universitária Valdomiro Shigueru Miyada

Instituído em 2016 pela Associação dos Ex-alunos da Esalq (Adealq), oferece auxílio financeiro a alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação. Seu processo de seleção é embasado em critérios socioeconômicos e conduzido pelo Serviço de Promoção Social e Apoio Estudantil da Divisão de Atendimento à Comunidade da Prefeitura do *campus* usp Luiz de Queiroz.

A concessão da bolsa é efetivada por meio de apoio da Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) e da contribuição de egressos mantenedores do programa. Já foram concedidas 116 bolsas: uma (2016); uma (2017); 24 (2018); trinta (2019); em 2020 e 2021 não foram concedidas bolsas devido à pandemia de covid-19; e, em 2022, foram sessenta bolsas no valor de R\$ 400,00 por mês, ao longo de doze meses, totalizando R\$ 556800,00. Em 2023, em comemoração aos oitenta anos de fundação da

Adealq, serão concedidas oitenta bolsas no valor de R\$ 500,00, ao longo de doze meses, totalizando R\$ 480 000,00.

Fontes e Referências Bibliográficas

Informações encaminhadas pelos Departamentos de Ciência do Solo; Economia, Administração e Sociologia; Engenharia de Biosistemas; Entomologia e Acarologia; Zootecnia; Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (Fealq) e Associação dos Ex-alunos da Esalq (Adealq).

Banco de notícias do *website* da Esalq/USP.

Processos físicos da Esalq/USP.

CAIXETA FILHO, José Vicente; CERRI, Carlos Eduardo Pelegrino & NUSSIO, Luiz Gustavo. "Contribuição da Esalq – USP 80 Anos". In: GOLDEMBERG, José (coord.). *USP 80 Anos*. São Paulo, Edusp, 2015.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. *Os Passos do Saber: A Escola Agrícola Prática de Luiz de Queiroz*. São Paulo, Edusp, 2004.

III. O Campus USP São Carlos

LUÍS FERNANDO COSTA ALBERTO¹

DAGOBERTO DARIO MORI²

CILENE DE CASSIA GARCIA³

SUZANA XAVIER RIBEIRO⁴

EDMILSON LUCHESI⁵

1. O início da USP na cidade de São Carlos e sua consolidação

Após a Segunda Guerra Mundial, Miguel Petrilli, deputado estadual de São Carlos, sensibilizado com a causa da comunidade são carlense de atrair para a cidade estabelecimentos de ensino superior, submeteu à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) o Projeto de Lei n. 10, no dia 25 de julho de 1947, propondo a criação da Universidade de São Carlos.

Em 1948, após grandes debates na Alesp, manifestação de desaprovação por unanimidade do Conselho Universitário da USP em 12 de maio, veto do governador do Estado de São Paulo em 10 de setembro e rejeição do veto pela Assembleia Legislativa, o projeto apresentado pelo deputado estadual Miguel Petrilli evoluiu e alcançou êxito em 24 de setembro, com a publicação da Lei n. 161, criando, dentre outros estabelecimentos de ensino superior, a Escola de Engenharia de São Carlos (EESC).

1. Atual prefeito da PUSPSC e professor da EESC.

2. Professor aposentado da EESC.

3. Engenheira da PUSPSC.

4. Assessoria de comunicação da PUSPSC.

5. Assessoria de comunicação da EESC.



Fig. 1. Prédio do Centro de Divulgação Científica e Cultural – CDCC/USP. Arquivo CDCC.

As atividades da Escola de Engenharia de São Carlos tiveram início cinco anos depois, com a primeira aula proferida no dia 18 de abril de 1953, em um prédio cedido pela Società Dante Alighieri, localizada no centro da cidade, na Rua 9 de Julho, 1227, e que hoje abriga o Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) da USP (Fig. 1).

Não demorou muito e a sede da Escola, na Rua 9 de Julho, ficou pequena. Assim, em 1956, a Escola de Engenharia foi transferida para uma área bem maior, doada pela Prefeitura Municipal de São Carlos, na Avenida Dr. Carlos Botelho, iniciando o processo de constituição e implantação do *campus* da Universidade de São Paulo na cidade de São Carlos.



Fig. 2. Prédio E-1 na época de sua construção. Acervo EESC-USP.



Fig. 3. Prédio E-1 atualmente. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

O primeiro edifício construído neste novo espaço nos anos 1957 e 1958, denominado Bloco E1, com área superior a 4 mil m², é um ícone arquitetônico, o que pode ser observado nas Figuras 2 a 4. Admirado até os dias de hoje, embeleza o *campus* com grandes vãos e colunas centrais com a delicadeza das primaveras que escalam suas escadarias externas. Desde aquela época, os prédios eram projetados pelos professores, alunos e funcionários da Escola, característica muito presente até hoje nos projetos de expansão e, inclusive, na implantação do Campus 2 em São Carlos a partir de 2001.

Com a consolidação da Escola de Engenharia neste novo espaço e expansão de sua infraestrutura, no início da década de 1970 outras duas unidades de ensino iniciaram atividades no *campus*. O Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos (ICMSC), que surgiu da união dos Departamentos de Matemática e de Ciências de Computação da EESC, e o Instituto de Física e Química de São Carlos (IFQSC), formado, então, pelo Departamento de Física e Ciência dos Materiais e pelo Departamento de Física e Química Molecular, também da EESC.



Fig. 4. Prédio E-1 atualmente. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

Mais tarde, em 1994, o IFQSC se divide, resultando na criação do Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e do Instituto de Química de São Carlos (IQSC). Em 1998, o ICMSC muda de nome e passa a ser chamado de Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC). A última unidade a ser criada, também como fruto da consolidação das atividades desenvolvidas na EESC, foi o Instituto de Arquitetura e Urbanismo (IAU) em dezembro de 2010.

Hoje, essas cinco unidades de ensino – EESC, IAU, ICMC, IFSC e IQSC –, somadas à Prefeitura do Campus USP de São Carlos (PUSP-SC), ao Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) e a outros órgãos de apoio, constituem o *campus* da USP em São Carlos, um centro de excelência, com projeção nacional e internacional em ensino, pesquisa e extensão universitária.

2. A necessidade de expansão do *campus* nos anos 2000

Com a consolidação das unidades de ensino e o crescimento da infraestrutura ao longo de pouco mais de quarenta anos após sua criação, o *campus* universitário da USP, localizado na Avenida Dr. Carlos Botelho, no centro da cidade de São Carlos, ficou limitado, com mais de cinco mil alunos matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação, cerca de oitocentos funcionários e mais de 350 professores. Seus 32 hectares, ao final da década de 1990, eram densamente ocupados com as instalações da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Instituto de Física de São Carlos (IFSC) e Instituto de Química de São Carlos (IQSC). Com uma área construída acima de 100 mil m², não havia espaço para outros grandes edifícios, necessários para a implantação de novos cursos e laboratórios de ensino e pesquisa.

A necessidade de expansão teve origem inicialmente no enorme potencial de desenvolvimento que o *campus* possuía ao final da década de 1990, não somente nas áreas de ensino e pesquisa que vinha tradicionalmente desenvolvendo, mas principalmente em áreas emergentes. A EESC, por exemplo, que contava na época com oito departamentos responsáveis por quatro habilitações do curso de Engenharia (Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia de Produção Mecânica) e pelo curso de Arquitetura e Urbanismo, em nível de graduação,

bem como por dez programas de pós-graduação, iniciara a criação de duas novas habilitações: Engenharia Aeronáutica e Engenharia Ambiental. No mesmo período, a EESC e o ICMC também propuseram a criação do curso de Engenharia de Computação. As novas habilitações procuravam atender demandas da sociedade por profissionais com essas novas formações e habilidades e, particularmente, desenhava-se na região o desenvolvimento de um polo tecnológico de aeronáutica, com a instalação do centro de manutenção de aeronaves da Latam, na cidade de São Carlos, e de uma unidade da Embraer, no município de Gavião Peixoto, cerca de 68 quilômetros distante do *campus*.

A partir de grupos que se adensavam na EESC, consolidando suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, havia também pressões para a expansão causadas por desmembramentos, como era o caso da criação do Departamento de Engenharia de Produção na EESC, e pela criação do Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos.

O IFSC também tinha toda sua área disponível ocupada e precisava de novos laboratórios de ensino, para maior oferta de vagas no curso noturno de Licenciatura em Ciências Exatas, e laboratórios de pesquisa, para acomodar o grande desenvolvimento do Instituto e as grandes iniciativas de implantação, por exemplo, de Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

O ICMC, por sua vez, havia ampliado o número de alunos em cursos de graduação e pós-graduação, tendo iniciado o curso noturno de Licenciatura em Matemática, e necessitava de maior infraestrutura. Enfim, todas as quatro unidades de ensino, EESC, IFSC, IQSC e ICMC, apresentavam ao final da década de 1990 e início dos anos 2000 tendências de crescimento e expansão por causa da criação ou proposição de novos cursos, demandando novos espaços didáticos. Além disso, devido à consolidação de grupos de pesquisa, eram necessários novos espaços para laboratórios.

Todos esses fatores somaram-se às políticas de ampliação de vagas no ensino superior público que se consolidaram no início dos anos 2000 nos âmbitos federal e estadual. Com a aprovação do curso de Engenharia Aeronáutica, no início de 2001, e a possibilidade de implantação de outras carreiras na USP São Carlos, a necessidade de expansão configurou-se inevitável, e tiveram início as tratativas para a expansão do *campus* no município de São Carlos. A decisão foi corroborada pelo Programa de

Ampliação de Vagas e Criação de Novos Cursos do Governo do Estado de São Paulo.

3. Em busca de uma nova área – doações e doadores

De início, procurava-se um terreno próximo ao *campus* USP São Carlos, para o qual pudessem ser transferidos alguns serviços da universidade. As tratativas iniciais avaliaram possibilidades, como usar o espaço do campo de futebol e transferi-lo para uma área nas vizinhanças, entretanto, nenhuma das alternativas aventadas se mostrou viável. O processo acelerado de ocupação na zona norte da cidade de São Carlos e o aumento dos custos das áreas contíguas ao *campus* inviabilizaram o que seria uma solução a princípio mais simples e adequada.

Esta dificuldade de aquisição de terrenos contíguos incitou a busca por áreas maiores, que fossem capazes de atender às necessidades de longo prazo. Para isso, um grupo de trabalho (GT) foi designado pelo então reitor, professor Jacques Marcovitch, para o estudo e execução dessa expansão. O GT foi constituído pela portaria GR-747 de 23 de abril de 2001 e era formado pelos professores Helio Nogueira da Cruz, Carlos Reynaldo Toledo Pimenta, Dagoberto Dario Mori e Carlos Roberto Monteiro de Andrade e pelo arquiteto Sérgio Luiz de Assumpção. Os trabalhos começaram em maio de 2001, com o objetivo de encontrar uma área que não representasse custos à universidade.

Com a divulgação na imprensa do projeto, Prefeituras, Câmaras Municipais e proprietários particulares da região passaram a oferecer áreas que resultaram em catorze propostas com ofertas de terrenos. Entre elas, cinco em São Carlos, uma na divisa com o município de Ibaté e outras oito em cidades da região.

Dentre as catorze ofertas, só foram cadastradas as áreas que representariam custo zero à USP, ou seja, que constituiriam doação de uma propriedade privada ou pública à instituição. Com base nessa premissa, o GT estudou doze propostas, quatro delas na cidade de São Carlos:

- Antigo Horto Florestal da Fepasa (Estrada do Broa) – governo do Estado de São Paulo.

- Fazenda Embaré (final da Rua Miguel Petroni) – área para doação.
- Fazenda Tangará (próxima ao CEAT) – área para doação.
- Área próxima ao Jardim Ipanema (acesso pela Rua Miguel Petroni) – indicada pela Prefeitura Municipal de São Carlos.

Foi indicada uma quinta área na cidade de São Carlos, dentro do *campus* da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), que entretanto não foi incluída no relatório porque a decisão de doação dependeria da aprovação do Plano Diretor daquela instituição, que ainda seria discutido pelo Conselho Gestor. As outras oito áreas propostas se localizavam nos municípios de Araraquara, Batatais, Brotas, Descalvado, Leme, Matão, Mococa e na divisa entre São Carlos e Ibaté.

O Mapa 1 ilustra a localização dos terrenos com proposta de doação. Destacada na cor azul e denominada Campus 1, no centro da cidade, está a área da USP.

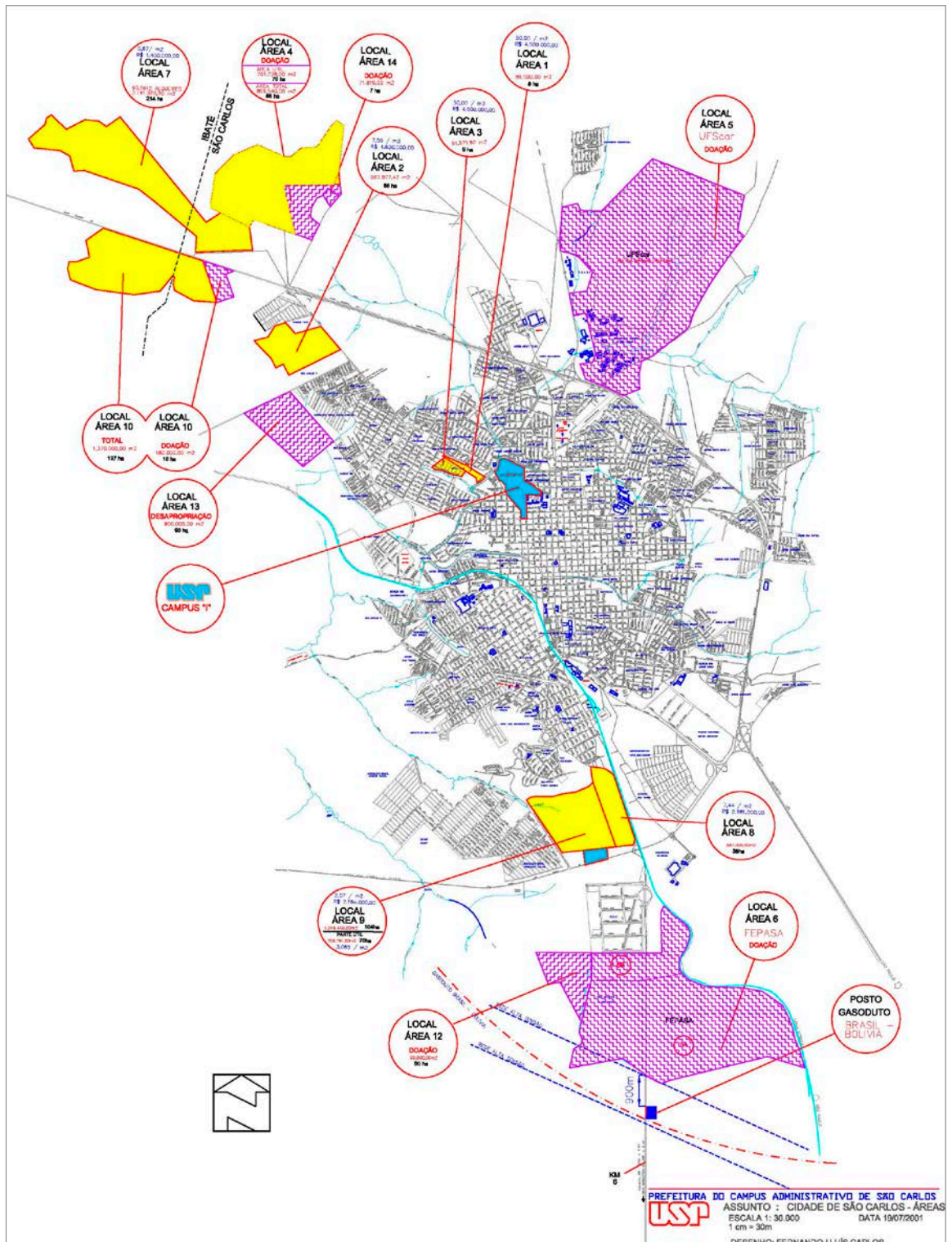
Para que a seleção fosse feita de modo fundamentado dos pontos de vista técnico, urbanístico e econômico, os membros do grupo de trabalho elaboraram uma série de critérios de pontuação, dentre os quais destacam-se: dimensão da área, distância do *campus* atual, acessibilidade, presença de fontes poluentes, infraestrutura, topografia e impacto ambiental.

Os critérios preestabelecidos pela Comissão para a seleção da nova área foram:

Físico-territoriais

- Área edificável entre sessenta e cem hectares.
- Distância máxima de quinze quilômetros, em linha reta, do atual *campus*.
- Acesso fácil à cidade e às rodovias.
- Distância de fontes de poluição.
- Disponibilidade de infraestrutura de acesso, abastecimento de água, esgoto e energia elétrica.
- Proximidade de redes de transporte público.
- Topografia suave – declives entre 1% e 15% – e inexistência de áreas alagadiças ou inundáveis.
- Solo favorável à edificação.

Mapa 1. Áreas oferecidas para doação para a expansão do *campus* de São Carlos.



Técnicos-jurídicos

- O alienante deve estar na posse direta da área para transmiti-la à USP.
- Possibilidade de construção dentro da legislação.

Econômico-financeiro

- Volume total de recursos necessários para a implantação da infraestrutura interna e externa do *campus*.

Com o amadurecimento dos estudos para a expansão, entendia-se que o terreno não deveria ser escolhido apenas para a expansão da área física do *campus*, mas deveria possibilitar a criação de um novo assentamento universitário sustentável em harmonia com o Plano Diretor de crescimento do município e promover a expansão sustentável por pelo menos cinquenta anos. Sendo assim, um dos critérios adotados foi que a área tivesse ao menos o dobro da área existente no centro da cidade. O Quadro 1 resume os critérios físico-territoriais de todas as áreas ofertadas à USP e que foram utilizados para classificá-las.

A classificação final das áreas oferecidas foi:

- 1^a. Área indicada pela Prefeitura Municipal de São Carlos (Área 13 no Mapa 1).
- 2^a. Área indicada pela Prefeitura Municipal de Ibaté (Área 10 no Mapa 1).
- 3^a. Área oferecida pela Fazenda Embaré – São Carlos (Área 4 no Mapa 1).
- 4^a. Área do antigo Horto da Fepasa – São Carlos (Área 6 no Mapa 1).
- 5^a. Área oferecida pela Fazenda Tangará – São Carlos (Área 12 no Mapa 1).
- 6^a. Área indicada pela Prefeitura Municipal de Descalvado.

Não foram incluídas na pontuação as ofertas com distância superior a 20 km do atual *campus* nem as áreas para venda.

No dia 11 novembro de 2001, o então reitor Jacques Marcovitch anunciou a área mais bem classificada, com 73 hectares, a 4 km do atual *campus* e oferecida pela empresa Novo Tema Empreendimentos Ltda, momento registrado nas Figuras 5 e 6. A Prefeitura Municipal de São Carlos viabilizou a doação por meio de desapropriação não onerosa da área escolhida, ou seja, o Poder Executivo, com o apoio do Poder Legislativo, repassou o terreno à USP sem encargos. Luciane Gomes, aluna do Instituto de Arqui-

Quadro 1. Critérios físico-territoriais das áreas ofertadas.

Critérios físicos territoriais										
Custo	B-1	B-2	B-2	B-2	B-2	B-3	B-4	B-5	B-6	B-7
	Tamanho da área utilizável	Distância do Campus I	Facilidade de acesso	Proximidade de fontes poluidoras	Disponibilidade de infraestrutura	Proximidade de redes de transporte público	Topografia boa declividade	Características do solo	Interferências na área	
1. Mozart	60 a 100 ha	máx. 15 km			até 5 km		1 a 15%			
	Total 8,71 ha	0,45 km	Acesso asfaltado	Não	Toda infraestrutura no local	Ônibus urbano no local	Estimado 20 a 25%	Variado	Não	
	\$ 30,00/m ²				Fibra ótica a 0,5 km			Mais argiloso no trecho baixo		
	\$ 4.355.000,00									
2. Pedro Maffei	60 ha utilizável	4,2 km	Ao lado da Miguel Petroni	Não	Toda infraestrutura no local	Ônibus urbano no local	Estimado 6 a 10%	Arenoso bom	Nascente na área de preservação	
	6,8 ha preservação				Fibra ótica a 4,5 km					
	\$ 8,00/m ² utilizável									
	\$ 4,00/m ² preservação									
	\$ 4.690.000,00									
3. Jardim Paraíso	9,17 ha (anexa à área 1)	0,9 km	Acesso asfaltado	Não	Toda infraestrutura no local	Ônibus a 200 m	Estimado 20%	Arenoso	Córrego na divisa com área 1	
	\$ 30,00/m ²				Fibra ótica a 0,9 km					
	\$ 4.500.000,00									
4. Fazenda Embaré	a solicitar total 86 ha útil 70 ha	6,0 km	Asfalto até a W.L. + 900 m de terra	A 2 km do depósito de lixo	Água, esgoto local	Ônibus urbano a 1 km	Média 14%	Arenoso bom	Não	
				Passagem de caminhões de lixo no perímetro	Energia elétrica					
					Fibra ótica a 0,9 km					
5. Universidade Federal	doação 100 ha	57 km	Acessos asfaltados (dependendo do local)	Não	Toda infraestrutura no local	Ônibus urbano a 1,8 km	Dependendo da área a ser doada, poderá ser 6 ou 20%	Arenoso bom	Dependendo da área cedida, nascentes e áreas de preservação	
6. Horto Fepasa	Liberação pelo Estado 600 ha a solicitar 115 ha	9,0 km	Asfalto, estrada para o Broa	A 1 km do Parque Industrial, sem poluição no momento	Toda infraestrutura no local	Ônibus urbano a 1,8 km	Estimado 10 a 15%	Arenoso bom	Estrada S. Carlos x Broa e adutora SAAE, dependendo da área escolhida pode não haver interferência	
					Fibra ótica a 3 km					
					Caseoduto a 0,9 km					
7. Fazenda Fênix (área não visitada)	Venda \$ 0,64/m ²	2,14 ha	Asfalto até W.L. + 0,75 km de terra	Não	Água, esgoto no local	Ônibus urbano a 1 km	Dois córregos e áreas de preservação			
	\$ 1.402.500,00	6,3 km			Energia elétrica e fibra ótica a 0,75 km					

Critérios físicos territoriais

Custo	B-1 Tamanho da área utilizável	B-2 Distância do Campus I máx. 15km	B-2 Facilidade de acesso	B-2 Proximidade de fontes poluidoras	B-3 Disponibilidade de infraestrutura até 5km	B-4 Proximidade de redes de transporte público	B-5 Topografia boa declividade 1 a 15%	B-6 Características do solo	B-7 Interferências na área
8. Sítio São Sebastião (Ind. Giometti)	Venda 38,7ha \$ 7.44/m ² \$ 2.881.000,00	5,1 km	Acesso asfaltado	A 1km do Parque Industrial, sem poluição no momento	Toda infraestrutura Fibra ótica a 2 km	Ônibus urbano no local	Declividade 6 a 10%	Arenoso	Não
9. Sítio São Sebastião (Ind. Giometti)	Venda 104,5 ha total 70,6ha utilizável \$ 2,07/m ² total \$ 3,06/m ² utilizável \$ 2.164.000,00	6,0km	Asfalto estrada S. Carlos x Rib. Bonito a 200 km	A 1 km do Parque Industrial, sem poluição no momento	Infraestrutura no local Fibra ótica a 3 km	Ônibus urbano no local	Muito acidentada c/erosões	Variado	Duas nascentes, áreas de preservação Área utilizável coberta por vegetação nativa
10. Ibaté	Doação e venda Valores a definir 18ha (doação a definir) 137ha (venda a definir)	6,0 km	Rodov. W.L.	Polição sonora da rodovia	Infraestrutura no local	Ônibus intermunicipal no local Ônibus urbano a 1,8 km	Declividade estimada 15%	Arenoso bom	Não
11. Descalvado – Horto da Fepasa	Liberação pelo Estado Aprox. 600ha	27,5 km	Rodov. SP 215	Polição sonora da rodovia	Toda infraestrutura no local Fibra ótica a dist. desconhecida	Ônibus intermunicipal no local Ônibus urbano a 10 km	Declividade 10 a 15%	Arenoso	Não
12. Fazenda Tangará	Doação 60ha	7,8km	A 0,9 km da estrada S. Carlos x Broa	A 0,5 km do Parque Industrial, sem poluição no momento	Infraestrutura no local Caseoduto a 1,5 km Fibra ótica a 3 km	Ônibus urbano a 2,5 km	Declividade 6 a 10%	Arenoso bom	Vegetação nativa baixa e rala
13. PMSC (Novo Tema)	Desapropriação 170ha total 90ha a solicitar	3,0km	Asfalto existente Duas avenidas previstas	Sonora da estrada de ferro	Infraestrutura no local Fibra ótica a 3 km	Ônibus urbano no local	Declividade 6 a 10%	Arenoso bom	Córrego com área de preservação
14. Sítio Vista Alegre	Doação 7ha a solicitar (anexa à área 4)	6,5 km	Asfalto até W.L. + 1,5 km de terra	A 2 km depósito de lixo	Água, esgoto no local Energia e fibra ótica a 1,5 km	Ônibus urbano a 1,5 km	Declividade 10 a 15%	Arenoso bom	Córrego com área de preservação



Fig. 5. Anúncio pelo Magnífico Reitor da USP da classificação das áreas, em 11.1.2001. Da esquerda para a direita: Arquiteto Sérgio L. Assumpção (CT), Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz (CT), Prof. Dr. Jacques Marcovitch (Reitor da USP), Prof. Dr. Dagoberto Dario Mori (CT), Prof. Dr. Carlos Roberto Monteiro de Andrade (CT). Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 6. Público que acompanhou o anúncio das áreas. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 7. Governador do Estado Dr. Geraldo Alckmin – plantio de Araucária. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 8. Lançamento do marco fundador, em 21.11.2001. Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz, Sr. Nelson Maffei, Arquiteto Sérgio Luiz de Assumpção, Prof. Dr. Dagoberto Dario Mori, Prof. Carlos Reynaldo Toledo Pimenta. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 9. Lançamento do marco fundador. Da esquerda para a direita: Dr. José Roberto Ayres Monteiro, Da. Iva Lydia Aires Monteiro (doadores da área) e Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado). Edmilson Luchesi – Comunicação usp.



Fig. 10. Lançamento do marco fundador. Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Jacques Marcovitch (reitor da usp), Prof. Dr. Adolpho José Melfi (vice-reitor da usp), Da. Iva Lydia Aires Monteiro (doadora da área) e Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado). Edmilson Luchesi – EESC/usp.

Mapa 2. Áreas doadas pelas empresas Faber Castell e Sobloco (2003) e Novo Tema Empreendimentos Ltda (2005).





Fig. 11. Cerimônia de descerramento da placa do memorial de reconhecimento da USP. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 12. Cerimônia de descerramento da placa do memorial de reconhecimento da USP. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 13. Placa presente no Campus 2.



Fig. 14. Doadores da área selecionada e o Prof. Dr. Dagoberto Dario Mori participam da cerimônia de descerramento da placa do memorial de reconhecimento da USP. Acervo PUSP-SC.

tetura e Urbanismo (IAU), a primeira aluna PCD (Pessoa com Deficiência) do Instituto, foi responsável por anunciar a área selecionada, motivando também o início das obras referentes à acessibilidade no *campus*. A área selecionada é indicada no Mapa 1 como “Local Área 13” e no Quadro 1 como “13. PMSC (Novo Tema)”, em que PMSC refere-se à Prefeitura Municipal de São Carlos.

Em 21 de novembro de 2001, como ilustrado nas Figuras 7 a 10, o então governador Geraldo Alckmin e o reitor da USP Jacques Marcovitch inauguraram o marco fundador da nova área da USP São Carlos, com a presença de autoridades, prefeitos e proprietários particulares que ofertaram as áreas. O reitor eleito da USP na época, Adolpho José Melfi, também esteve presente.

Em 2003, o *campus* recebeu mais 5,8 hectares de doação das empresas Faber Castell e Sobloco, seguidos, no ano de 2005, de mais 19,3 hectares pela então vizinha Novo Tema Empreendimentos Ltda, totalizando para o Campus 2 uma área de 97 hectares, aproximadamente três vezes maior do que a área do Campus 1. O Mapa 2 ilustra as áreas doadas, e as Figuras 11 a 14 registram a cerimônia de descerramento da placa do memorial de reconhecimento da USP aos que contribuíram para a implantação do Campus 2 e da assinatura da escritura de doação de terreno à universidade. Em 2005, o Campus 2 iniciou suas atividades.

4. Planejamento e implantação do Campus 2 em São Carlos

Após o anúncio da escolha da área, em janeiro de 2002, a Reitoria da USP criou duas comissões com a tarefa de planejar e implantar o novo *campus*: a Comissão Acadêmica do Campus 2, formada pelos professores Eugenio Foresti, Milan Trsic, Horácio Carlos Panepucci, Paulo Cesar Masiero e Francisco Antonio Rocco Lahr, com o objetivo de cuidar do projeto acadêmico; e a Comissão de Implantação do Campus 2, formada pelos professores Helio Nogueira da Cruz, Dagoberto Dario Mori, Carlos Reynaldo Toledo Pimenta, Carlos Roberto Monteiro de Andrade, Sérgio Luiz de Assumpção e Paulo Cesar Masiero, com a tarefa de elaborar o Plano Diretor e desenvolver fisicamente as estruturas administrativas e acadêmicas do Campus 2.

A Comissão de Implantação deu início aos estudos de planejamento e instalação dos primeiros equipamentos e edifícios no *campus* e, paralelamente, iniciou o preparo do processo de licenciamento ambiental. O tamanho do empreendimento, sua localização em área rural e a existência de áreas de preservação permanente exigiam o licenciamento perante o órgão ambiental do Estado de São Paulo, na época, o Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais (DEPRN), ligado à Coordenadoria de Licenciamento Ambiental e Proteção de Recursos Naturais da Secretaria do Meio Ambiente.

O processo de licenciamento ambiental foi elaborado de acordo com a Conama 01/86, por meio de um Relatório Ambiental Preliminar (RAP) pelo fato de a área total do *campus* ser inferior a cem hectares. Embora

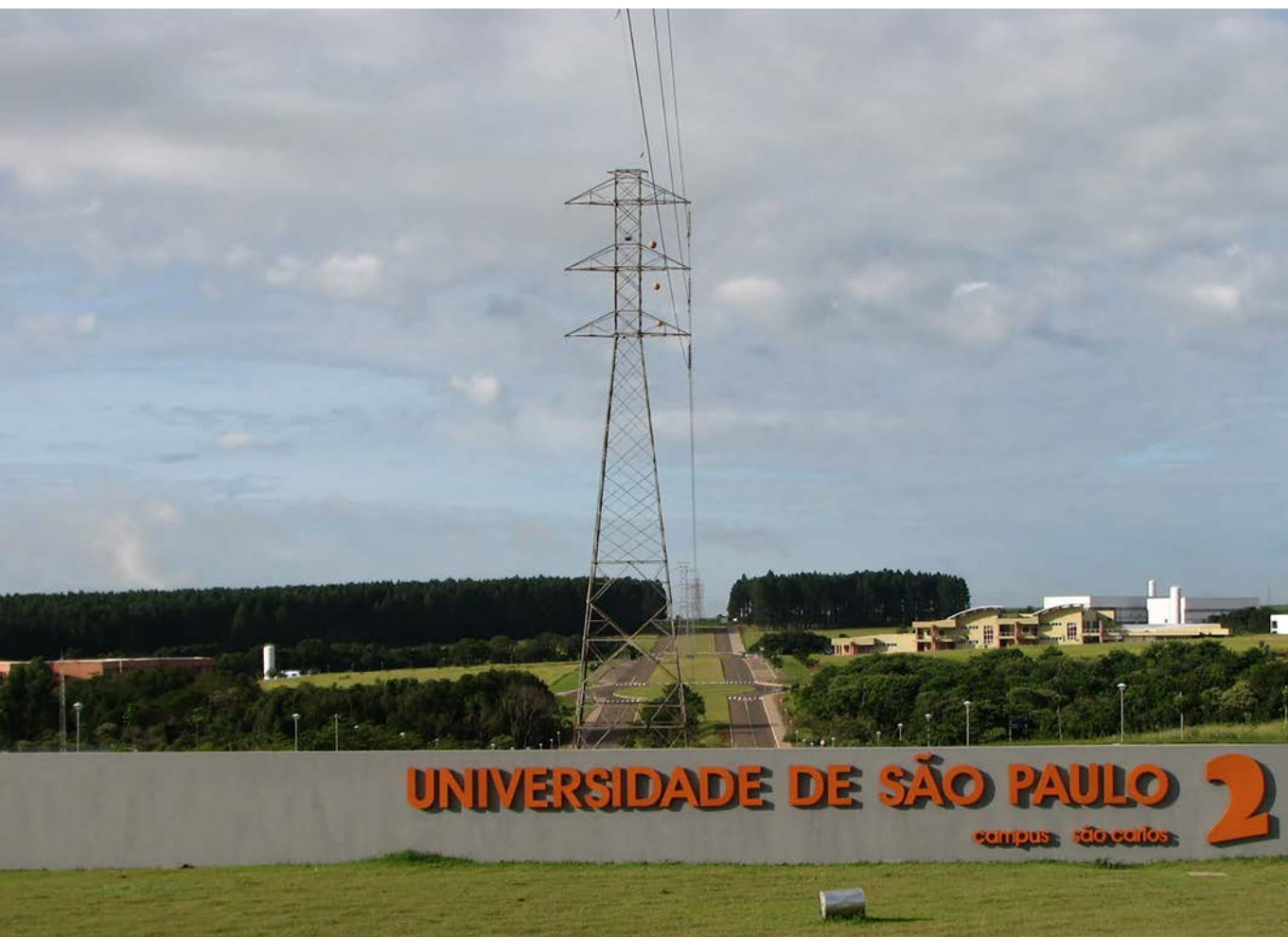


Fig. 15. Trecho do sistema viário do Campus 2. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

hoje o Campus 2 esteja em área urbana, naquela época o terreno estava inserido em área territorial rural da cidade, e as exigências de tamanhos de Área de Preservação Permanente (APP) e Reserva Legal (RL) eram distintas daquelas de áreas urbanas.

Dentre os projetos de infraestrutura da nova área do *campus*, um de grande relevância e relacionado com o processo de licenciamento ambiental foi o do sistema viário. O traçado do sistema foi definido em função de duas restrições importantes existentes no terreno: a linha de transmissão de energia elétrica, que corta o Campus 2, e as Áreas de Preservação Per-

manente (APPS). Uma avenida principal foi planejada acompanhando a linha de transmissão, conforme a Figura 15, com o objetivo de preservar em seu canteiro central uma área de servidão não edificável, e ruas foram projetadas contornando as APPS e áreas de Reserva Legal, servindo também de proteção a estas APPS e com um traçado que favorece vias seguras com tráfego em velocidades baixas.

As obras do sistema viário iniciaram em setembro de 2003 e foram pavimentados 32823,57 m² de ruas, rotatórias e avenidas que definiram o traçado principal do *campus*. A proposta de uma avenida acompanhando a linha de transmissão era relevante não somente para preservar uma área de servidão, mas também para permitir o acesso às áreas centrais do terreno via bairro Santa Angelina. Entretanto, este traçado cortava a APP e exigia a construção de duas pontes sobre o córrego Mineirinho e mais duas sobre outro córrego cuja nascente se localiza dentro do *campus*.

Fig. 16. Ponte de madeira do Campus 2. Suzana Xavier – PUSP-SC.



Além da necessidade de preservação das APPs e da criação de Reservas Legais, exigidas como resultado da análise da área pelo DEPRN, foi determinado também que no local onde seriam construídas as duas pontes de acesso, logo após a entrada do *campus*, na região do bairro Santa Angelina, e que sofreria troca de solo e aterro, fossem inseridos tubos de vida sob o pavimento permitir a passagem de fauna na região de APP.

As quatro pontes foram projetadas empregando tecnologia desenvolvida pelo Laboratório de Madeiras e de Estruturas de Madeiras (LAMEM) do Departamento de Estruturas da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), que, além de ter projetado as travessias, detalhou todo o processo construtivo e acompanhou a execução. Um exemplo de conhecimento tecnológico e *expertise* da EESC colocado em prática, adotando materiais que atendiam aos anseios de sustentabilidade na construção com uso de madeira nas regiões de APP e RL, caracterizando-se, inclusive, entre as pri-

Fig. 17. Ponte de madeira do Campus 2. Suzana Xavier – PUSP-SC.



meiras pontes protendidas de madeira da América do Sul. Tais pontes, ilustradas nas Figuras 16 e 17, são construídas com sistemas estruturais alternativos, mais leves do que as pontes tradicionais, mas com grande rigidez e facilidade de montagem.

Desde o anúncio da área, em outubro de 2001, até meados de 2003, foram elaborados os primeiros projetos básicos pelo grupo de trabalho delegado pela Comissão de Implantação, sob a tutela do professor Carlos Roberto Monteiro de Andrade, que foram o instrumento de balizamento das licitações de contratações dos projetos executivos e demais materiais técnicos utilizados para as licitações de execução das obras.

No dia 8 de agosto de 2002, iniciaram-se as primeiras obras de implantação do Campus 2, com a perfuração para estacas do primeiro prédio que sediará o Galpão de Apoio, mais tarde nomeado Centro de Apoio Técnico (CAT), que até hoje abriga a Divisão de Espaço Físico da PUSP-SC e a Seção de Manutenção e Operação do Campus 2. Ainda que o processo de licenciamento estivesse em andamento, foi dada permissão para tal construção pelo mérito da ocupação e pelo fato de sua localização não apresentar características que pudessem interferir na análise global do licenciamento ambiental. Apesar de esta ser a primeira obra na área, o sistema viário é considerado oficialmente como a primeira obra do *campus*, pois foi a primeira após a emissão do Licenciamento Ambiental expedido em 9.9.2003.

Decidiu-se começar a implantação do *campus* não ocupando toda a área disponível, mas sim abrigando todas as edificações que seriam projetadas em uma área compreendida dentro de uma linha imaginária, traçada do centro do sistema viário até o extremo sul da divisa do *campus*. Essa decisão tinha como premissa melhor empregar os recursos financeiros disponíveis, ocupar o terreno de maneira racional e não dispersa e diminuir as distâncias entre prédios para os usuários, facilitando, por exemplo, o acesso ao restaurante universitário e oferecendo melhores condições de segurança.

Essa decisão foi relevante na definição de projetos como os das redes de infraestrutura de abastecimento de água, esgoto, média tensão, lógica e iluminação, distribuição dos reservatórios de água, calçadas e estacionamentos que foram projetados para atenderem a “primeira metade do *campus*”. Outra premissa foi construir toda a infraestrutura de água, esgoto,

sistema de iluminação, alimentação de energia elétrica e rede de dados do *campus* de forma subterrânea, garantindo maior segurança e proteção das redes e dos usuários e oferecendo uma paisagem mais harmônica, sem barreiras arquitetônicas, como postes e redes aéreas.

Em 2003, já existia material técnico concluído relativo ao sistema viário e aos prédios da Engenharia Aeronáutica e da Engenharia de Computação. Após algumas alterações nesses projetos, necessárias às exigências do licenciamento ambiental, iniciaram-se as licitações de contratação de empresas para elaboração dos projetos executivos e execução das obras.

Todas as obras em questão foram fiscalizadas pela equipe de engenharia da Prefeitura do Campus Administrativo de São Carlos (PCASC) – atual PUSP-SC –, que gerenciou também os contratos e fez a coordenação da interface projetos/execução.

Anteriormente à fase de licitação das obras, houve processo licitatório para elaboração dos projetos executivos de cada prédio a partir de estudo preliminar empreendido pelo grupo de trabalho dos alunos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC, orientados pelo professor do Departamento Carlos Roberto Monteiro de Andrade e mais tarde pelo professor Gelson de Almeida Pinto. O projeto final de cada obra foi elaborado por empresa especializada, que ficou responsável pelo desenvolvimento de todos os projetos executivos, coordenação e compatibilização desse material e confecção das planilhas orçamentárias com memoriais descritivos de especificações e cronogramas físicos e financeiros.

Após essa fase, foram realizadas então novas licitações para a execução das obras. As construtoras venceram os processos licitatórios pelo menor preço sob regime de empreita global, ou seja, fornecimento de materiais e mão de obra.

Entre setembro de 2003 e março de 2006, considerada a primeira etapa de implantação do *campus*, foram contratados 23 serviços diversos, compreendendo 21 obras nas quais foram envolvidas dezesseis diferentes empresas que desenvolveram obras prediais, pavimentação asfáltica, infraestrutura básica (água, esgoto, telefonia e dados e iluminação pública e média tensão), abastecimento de média e baixa tensão nos edifícios, poço tubular, calçadas e estacionamentos. Estas obras geraram 790 empregos formais diretos (desconsiderando nesta fase as subcontratações), trazendo benefícios para a cidade de São Carlos.



Fig. 18. Inauguração do prédio da Engenharia de Computação – 15.1.2005. Da esquerda para a direita, Sr. Antonio Adolpho Lobbe Neto (deputado federal), Prof. Dr. Adolpho José Melfi (reitor da USP), Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado), Prof. Dr. Newton Lima Neto (prefeito de São Carlos). Acervo PUSP-SC.



Fig. 19. Inauguração do prédio da Engenharia de Computação – 15.1.2005. Da esquerda para a direita, Prof. Dr. Adolpho José Melfi (reitor da USP), Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado), Prof. Dr. Newton Lima Neto (prefeito de São Carlos). Acervo PUSP-SC.



Fig. 20. Inauguração do prédio da Engenharia de Computação – 15.1.2005. Da esquerda para a direita, Prof. Dr. Antonio Marcos de Aguirra Massola (coordenador da Coesf), Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado), Prof. Dr. Adolpho José Melfi (reitor da usp), Prof. Dr. Dagoberto Dario Mori (prefeito do *campus* de São Carlos). Edmilson Luchesi – Comunicação usp.



Fig. 21. Inauguração do prédio da Engenharia de Computação – 15.1.2005. Da esquerda para a direita, Prof. Dr. Adolpho José Melfi (reitor da USP), Sr. Antonio Adolpho Lobbe Neto (deputado federal), Dr. Geraldo Alckmin (governador do Estado). Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

O primeiro prédio didático, concluído em setembro de 2004, foi o do curso de Engenharia de Computação. Em 14 de janeiro de 2005, em uma cerimônia que contou com a presença de diversas autoridades, entre elas o governador do Estado, Geraldo Alckmin, e o reitor da USP, Adolpho José Melfi, foi inaugurado o prédio da Engenharia de Computação, e em seguida visitaram-se os prédios também concluídos da Engenharia Aero-náutica, Conjunto de Apoio Didático e três módulos da Engenharia Ambiental, evento registrado nas Figuras 18 a 21. Cerca de um mês depois, no dia 28 de fevereiro de 2005, o Campus 2 recebia os primeiros alunos.

No período de fevereiro de 2008 a dezembro de 2013, considerado como a segunda etapa de implantação do *campus*, foram executadas outras 22 obras, destacando-se entre elas o Restaurante Central, a biblioteca

e o início do Centro de Convenções. Nesta nova fase, foram gerados 1 790 empregos formais diretos, considerando subcontratações.

Em ordem cronológica de construção, são destacadas algumas obras de relevância para a implantação do Campus USP São Carlos:

Sistema viário do campus

Essa obra foi derivada de projeto geométrico comandado por Carlos Reynaldo Toledo Pimenta, membro da Comissão de Implantação e professor da disciplina de Estradas do Departamento de Transportes da EESC.

A contratação para executar este projeto contemplou a drenagem, terraplanagem e pavimentação de 2 596,40 m de duas avenidas com rotatórias e três ruas com rotatórias com percurso de 2 453,38 m. No total, foram pavimentados 32 823,57 m² de ruas, rotatórias e avenidas que definiram o traçado principal do *campus*.

Em 24 de setembro de 2003, foi dada a ordem de início de serviços no prédio da Reitoria, com a presença de representantes da Reitoria, Prefeitura do Campus e da empresa contratada. A obra foi iniciada em setembro de 2003, com prazo contratual de 269 dias e valor de R\$ 1 933 937,36.

A empresa que executou a obra foi fundada em 1957, tem sede em São Carlos e atua no ramo da terraplanagem, pavimentação, obras de arte e drenagem tanto para a iniciativa privada como a estatal. Na época, tinha um quadro funcional de 380 funcionários e atuava em todos os portes de obra, do pequeno ao grande.

Hangares dos laboratórios da Engenharia Aeronáutica

A obra (Figuras 22 e 23) incluiu a construção de dois hangares com estrutura de concreto convencional, executada no local, fechamento lateral de telhas trapezoidais e cobertura metálica, totalizando 3 562,00 m².

A empresa que executou a obra foi fundada em 1979, tem sede em Cascavel, Estado do Paraná, e atuava no ramo de edificações, obras de saneamento e engenharia ambiental tanto para a iniciativa privada como a estatal.

A ordem de início da obra foi emitida em 12 de janeiro de 2004, com prazo contratual de 354 dias e valor de R\$ 1 898 746,02.

Uma particularidade nesta obra foi o emprego de parte da mão de obra, pela construtora, proveniente de um convênio com o Serviço Penitenciário



Fig. 22. Hangar da Engenharia Aeronáutica. Acervo EESC-USP.



Fig. 23. Prédios da Engenharia Aeronáutica. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

do Estado de São Paulo, que firmou acordo para que pessoas cumprindo regime semiaberto fizessem parte do quadro funcional da obra.

Engenharia de Computação

A obra incluiu a construção de um prédio de dois pavimentos para abrigar salas de aula e laboratórios com estrutura de concreto convencional, executada no local, fechamento em alvenaria, parede de cobogós para constituir uma das fachadas, caixilhos metálicos e cobertura metálica, totalizando 850 m², e abrigaria o recém-criado curso oferecido em parceria entre o Departamento de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia e o Instituto de Ciências Matemáticas e Computação.

A empresa que ganhou a licitação era a mesma que estava construindo os hangares da Engenharia Aeronáutica. A obra foi iniciada simultaneamente com a dos hangares, em 12 de janeiro de 2004, com prazo contratual de 297 dias, e seu valor final foi de R\$ 596 735,22.

Posto Policial

Fruto de uma parceria com a Polícia Militar do Estado de São Paulo, pela qual a universidade construiria e equiparia a edificação com o intuito de reforçar a segurança do *campus* e do bairro limítrofe. O projeto do prédio foi desenvolvido pela Prefeitura do Campus com auxílio do grupo de trabalho dos alunos do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC, orientados pelo professor Gelson de Almeida Pinto.

A empresa que executou a obra era da cidade de São Carlos e atuava no ramo das edificações para empresas privadas e estatais. A obra foi iniciada em março de 2004, com prazo contratual de 135 dias e valor final de R\$ 90 123,25.

Conjunto de Apoio Didático (CAD)

O Conjunto de Apoio Didático (Figuras 24 e 25) foi implantado sob o conceito de agregar e concentrar os alunos na região central do *campus*, onde estariam implantados todos os edifícios e equipamentos que atenderiam a comunidade com os chamados serviços comuns (restaurantes, lanchonetes, biblioteca, agências bancárias etc.).

Dentro das linhas de planejamento da comissão de implantação do *campus*, um dos objetivos era que, após construídos os prédios de uso co-



Fig. 24. Conjunto de Apoio Didático. Acervo PUSP-SC.

mum, as aulas dos dois primeiros anos dos cursos de Engenharia fossem ministradas no Campus 2. O que justifica as dimensões do prédio, projetado inicialmente para abrigar quatro blocos de salas de aula com dois pavimentos, com previsão de expansão, e três auditórios. Entre cada bloco, também haveria um corredor de acesso interligando-os e, nestas regiões, conjunto de sanitários e escadas.

No CAD, havia a previsão para uma lanchonete e conexão direta com o eixo central do *campus*, que receberia uma praça para sediar eventos a céu aberto.

O projeto, concebido preliminarmente pelo arquiteto Sérgio Assumpção, foi licitado e elaborado por empresa de projetos da cidade de São Carlos. O projeto teve tamanha aceitação que foi, inclusive, implementado também no Campus USP Leste (Escola de Artes, Ciências e Humanidades



Fig. 25. Conjunto de Apoio Didático. Edmilson Luchesi – EESC-USP.

da Universidade de São Paulo – EACH), em São Paulo, que estava sendo construído na mesma época da implantação do Campus 2 de São Carlos.

Apesar de ser um projeto completo, essa fase da obra executou apenas dois blocos de dois pavimentos cada, para abrigar as salas de aula e laboratórios de Física e Química, e um bloco térreo, destinado a um restaurante provisório (o projeto do restaurante definitivo ainda estava em fase de planejamento, e para o início das aulas era necessário um local adequado para as refeições dos alunos), corredores de serviço e três anfiteatros para 120 pessoas cada. O sistema construtivo adotado foi de estrutura de concreto convencional, executada no local, fechamento em alvenaria, caixilhos de alumínio e cobertura metálica, totalizando 4 864,00 m².

A obra foi iniciada em abril de 2004, com prazo contratual de 420 dias e valor de R\$ 3 683 036,12.

Engenharia Ambiental

Com o curso de Engenharia Ambiental aprovado e com as primeiras turmas já tendo aulas no Campus 1, havia pressa em consolidar o prédio que sediará o curso no Campus 2.

O complexo, ilustrado pela Figura 26, foi concebido em quatro blocos – cada um com finalidades distintas, de modo que unidos atenderiam às necessidades do curso –, com tipologia de alvenaria estrutural e blocos de cerâmica estruturais aparentes.

De maio de 2004 a março de 2005, com área de 2 280,00 m² e a um custo de R\$ 1 412 069,40, foram construídos três blocos, com dois pavimentos cada, e interligados por uma passarela com cobertura de policarbonato. Estes blocos abrigaram os laboratórios, salas de aula, um anfiteatro e a administração.

A empresa que executou a obra foi fundada em 1982, tinha sede em Sorocaba, Estado de São Paulo, e trabalha com construção civil.



Fig. 26. Prédio da Engenharia Ambiental. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

Poço profundo

Um dos pontos mais importantes para a implantação de qualquer empreendimento é a garantia de abastecimento de água. A Prefeitura do Campus submeteu ao Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE), vinculado à Secretaria de Estado de Energia, Recursos Hídricos e Saneamento, a solicitação de permissão de perfuração de poço profundo para abastecer o *campus*.

Após a emissão da autorização emitida pelo DAEE, foi contratada a perfuração do poço com 350 metros de profundidade no Aquífero Guarani, atravessando camadas de solo, basalto e arenito.

Sua perfuração teve como finalidade abastecer o *campus* com água potável, mais tarde por meio de reservatórios a serem construídos, uma vez que a localização não era abrangida por abastecimento da rede pública. Estando localizado sobre o Aquífero Guarani, o *campus* dispõe de água de excelente potabilidade.

A obra foi iniciada em setembro de 2004, com prazo contratual de 120 dias, e o valor final da intervenção foi de R\$ 299 674,30.

Infraestrutura básica

Seguindo o planejamento de ocupar inicialmente apenas metade do *campus*, foram traçadas as redes de infraestrutura para alimentar os novos prédios.

Uma diretriz de projeto para definir o posicionamento dessas redes mestras era situá-las de modo a não interferir no cotidiano do *campus* se nelas precisasse haver alguma manutenção. Além disso, a necessidade de posicionar os ramais principais de redes de infraestrutura para fácil identificação e reconhecimento originou um projeto que definiu a chamada “faixa de serviços”, que contorna as avenidas e ruas principais do sistema viário. Essa faixa reserva uma largura após as calçadas, ao longo de todos os seus comprimentos, e tem enterradas, em posições e profundidades determinadas no projeto, as redes de água potável, combate a incêndio, média tensão, dados, esgoto e iluminação.

A empresa que executou a obra foi fundada em 1991, tem sede em Cravinhos, Estado de São Paulo, e trabalhava com construção civil e instalações elétricas em geral.

A obra consistiu em escavar mecanicamente, colocar tubulação e reaterrar as redes de infraestrutura equivalentes a 1 549,20 m de água, 1 876,50 m de esgoto, 7 935,94 m de distribuição de média tensão, 5 308,20 m de iluminação pública e 10 020,00 m de telefonia e lógica.

A obra foi iniciada em novembro de 2004 e terminou em maio de 2005. O valor para a execução de todas essas redes foi de R\$ 442 554,78.

Logo em seguida, foi executado o lançamento do cabeamento de média tensão pela mesma empresa, apesar de ser por contrato diferente, oriundo de nova licitação. Ele foi lançado entre fevereiro de 2005 e setembro de 2005, a um custo de R\$ 614 050,79.

Reservatórios de água

O projeto de abastecimento consistia em reservar a água recalcada do poço profundo e acondicioná-la em um reservatório de apoio, que a bombearia para um outro elevado e a partir dele abasteceria, por gravidade, reservatórios devidamente posicionados para atender a metade habitável do *campus*.

Essa tipologia adotada garante o abastecimento contínuo de todos os reservatórios, localizados estrategicamente para alimentar o conjunto de edificações. Seu objetivo era evitar reservatórios isolados por edificação, minimizando a ocupação desnecessária de solo, possibilitar projetos de edificações mais leves e fundações menos robustas e, por fim, promover melhor recirculação da água, reduzindo riscos de contaminação.

A obra consistiu na execução das fundações e fornecimento e instalação de um reservatório metálico cilíndrico de apoio de 145 m³, um reservatório metálico tipo taça de 90 m³ e três reservatórios metálicos cilíndricos de 52,80 m³, 100 m³ e 157,42 m³.

A obra foi iniciada em janeiro de 2005, com prazo contratual de 180 dias, e seu valor final foi de R\$ 471 883,05.

Piso intertravado para calçadas e estacionamentos

Ao longo de todo o sistema viário foram projetados os estacionamentos e calçadas para oferecer condições de utilização aos novos usuários do *campus*, em sua maioria alunos que dependiam de acessos seguros por calçadas.

A obra visava à execução de passeios, calçadas, estacionamentos e *boulevard* em piso de concreto intertravado, com 7 522,30 m² e 6 cm espessura para os estacionamentos e 8 213,40 m² e 4 cm de espessura, na cor natural e terracota, para as calçadas, compondo uma diagramação com as distintas cores dos materiais, assentamento de 6 124 m de guias de 74 mm para limitar as calçadas e 1 505 m de 130 mm para contenção dos estacionamentos.

No final da obra, realizada de fevereiro de 2005 a setembro de 2005, a um custo de R\$ 282 600,90 (1ª fase), e de novembro de 2005 a julho de 2006, a um custo de R\$ 101 061,72 (2ª fase), o *campus* começava a ter vida, pois mais um elemento necessário para a ocupação estava concluído e os usuários tinham condições de transitar em segurança.

Execução da Avenida 3 do sistema viário

O projeto original não contemplava essa via. Entretanto, ao longo das negociações que culminaram na última doação feita pela Novo Tema Empreendimentos Ltda., um dos condicionantes feitos pela empresa doadora foi que a universidade se incumbisse de, logo após a doação, executar uma rua entre a divisa da nova área incorporada ao *campus* e a área remanescente da Fazenda pertencente à Novo Tema. Assim surgiu essa demanda, ou seja, a Avenida 3.

A obra foi constituída pela drenagem, terraplanagem e pavimentação de 955,95 m de rua, com 10 m de largura.

A empresa que executou a obra foi fundada em 1960, tinha sede em São Carlos e atuava no ramo da pavimentação asfáltica, saneamento básico e construção civil em geral, geralmente para entidades públicas.

A obra foi iniciada em novembro de 2005, com prazo contratual de 180 dias, e seu valor final foi de R\$ 583 101,53.

Restaurante Central

O objetivo do projeto do restaurante (Figura 27) era proporcionar um local que não somente atenderia à demanda do Campus 2, pelo menos nos próximos vinte anos, mas também à crescente demanda do restaurante do Campus 1, com grande número de usuários e sem a possibilidade de expansão física de suas instalações.

Baseado nesses fatores, o Restaurante Central foi discutido e projetado para que, quando em operação, houvesse uma inversão na metodologia



Fig. 27. Restaurante Central. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

de trabalho aplicada nos restaurantes, pois a cozinha deveria comportar o preparo de refeições para atender não somente ao Campus 2, mas também ao Campus 1.

Para isso, foi adotado o sistema controlado de preparação avançada dos alimentos, projetado para proporcionar mais flexibilidade, chamado *cook chill*. A técnica envolve o cozimento completo dos alimentos, seguido de resfriamento rápido e armazenamento em temperatura controlada. Dessa forma, a alimentação seria produzida no Campus 2 e levada para o Campus 1 por meio de caminhão refrigerado com *pass-through* (equipamentos utilizados para transportar refeições produzidas anteriormente e que servem de passagem de alimentos para ambientes diferentes). Ao chegar no restaurante do Campus 1, a quantidade de refeições necessárias seria apenas aquecida e servida.

Com área de 2.405,57 m², o restaurante foi projetado para viabilizar o sistema *cook chill*, com área de recebimento e condicionamento de matéria-prima, quatro câmaras frias, uma área de processamento de carnes (açougue), área de processamento de alimentos, área de cocção e refeitório.

A obra foi iniciada em fevereiro de 2008, com prazo contratual de 446 dias, e seu valor final foi de R\$ 2.002.975,34.

Biblioteca Central

O projeto da biblioteca foi concebido para absorver os novos conceitos de condicionamento de exemplares, definidos pela Comissão de Bibliotecas da USP, ligada ao SIBIUSP – Sistema Integrado de Bibliotecas, que privilegia não mais grandes espaços de acervos, mas sim novos espaços com propostas mais convidativas de permanência para os usuários.

O projeto, que pode ser visualizado na Figura 28, foi desenhado para ter quatro blocos interligados e com comunicação fluida, de modo que um usuário poderia se deslocar das salas de consulta ao acervo e às salas de trabalho rapidamente.

A obra foi executada em duas fases, sendo a primeira delas a dos Blocos C e D, com área de 2 192,16 m², iniciada em janeiro de 2009, com prazo contratual de 550 dias e valor final de R\$ 2 790 756,47.



Fig. 28. Biblioteca Central. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

A segunda fase, com a execução dos Blocos A e B e área de 2 555,00 m², foi iniciada em junho de 2012, com prazo contratual de 585 dias e valor final de R\$ 4 919 569,91.

Centro de Convenções

O Centro de Convenções (Figuras 29 a 31) foi projetado para comportar um auditório com 960 lugares, um grande espaço com oito salas multiuso delimitadas por divisórias removíveis que permite alterar sua configuração e quantidade e um *foyer* central com o objetivo de conectar as duas áreas.

Além desses locais de uso geral, foi também projetada toda uma área de apoio, que compreende cozinha, vestiários, banheiros, salas de almo-xarifado, despensas, salas técnicas, camarotes, cabine de tradução simul-tânea, camarins e salas administrativas. A obra, com 5 285,41 m² e valor de R\$ 16 125 259,13, foi iniciada em junho de 2012.

Como pode ser notado, o surgimento do *campus* foi muito rápido, pois de sua ideia inicial à concepção do Plano Diretor, urbanização e projetos até o início de atividades foram 45 meses de muito trabalho e concentra-ção de profissionais multidisciplinares, a fim de equacionar os problemas para fazer o *campus* funcionar e atingir as metas então estipuladas pelo governo do Estado, ou seja, dobrar o número de vagas nas universidades estaduais num período de dez anos.

Particularmente, destacam-se os depoimentos dos professores Mori e Pimenta, envolvidos nas iniciativas. “Como fui prefeito do *campus* USP de São Carlos de 1998 a 2005, tenho grande orgulho de ter participado, ati-vamente, desde a escolha do terreno para a implantação do novo *campus* USP, até o início das atividades acadêmicas, em 2005, com a chegada dos primeiros alunos. De 2005 a 2014, fui coordenador do *campus* USP de São Carlos, período este em que foram implantadas outras obras fundamen-tais para o seu funcionamento”, afirma Dagoberto Dario Mori.

O professor Carlos Reynaldo Toledo Pimenta complementa, afir-mando: “Fui convidado pelo reitor da USP para participar da Comissão que iria escolher um local e construir um novo *campus* para resolver pro-blemas de expansão do *campus* de São Carlos; foi um trabalho muito gra-tificante. Com um grande apoio da EESC, construímos o Campus 2 em



Fig. 29. Centro de Convenções. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 30. Centro de Convenções. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.



Fig. 31. Realização de edição da Feira USP e as Profissões, no Centro de Convenções. Acervo PUSP-SC.

curto espaço de tempo e de custo muito baixo. Eu me orgulho de ter participado desse projeto”.

5. O Campus 2 da USP São Carlos – vinte anos depois

Passados pouco mais de vinte anos da doação de área para o *campus* da USP em São Carlos, a Área 2, popularmente conhecida por Campus 2, é pujante em pesquisa, ensino e extensão universitária. O processo de implantação foi um sucesso, e hoje ele conta com uma infraestrutura de excelência, que se divide em infraestrutura de uso comum e compartilhado, prédios que abrigam departamentos das unidades de ensino, laboratórios especializados de pesquisa e um centro de convenções. Nas Figuras 32 e 33, pode-se observar o *campus* em 2005 e em 2023.



Fig. 32. Campus 2 em novembro de 2005. Acervo PUSP-SC.



Fig. 33. Campus 2 em setembro de 2023. Google Earth.

Em suporte às atividades de ensino, o Campus 2 dispõe de um Conjunto de Apoio Didático (CAD), um prédio de dois pavimentos com nove salas de aulas para sessenta alunos, duas salas para oitenta alunos, quatro laboratórios didáticos e três anfiteatros para 120 alunos, além da Sala Pró-Aluno. No CAD são oferecidas aulas de graduação das diversas unidades de ensino do *campus*, principalmente para os cursos de Engenharia Aeronáutica, Engenharia da Computação, Engenharia Ambiental e Engenharia de Manufatura e Materiais. Além disso, o prédio abriga atualmente também o programa de difusão científica Vem Saber, ligado ao Instituto de Física de São Carlos (IFSC), que recebe anualmente milhares de alunos, professores e gestores de escolas de ensino médio de vários lugares do Brasil, para desenvolver atividades de difusão científica e, assim, ampliar as oportunidades de ingresso dos estudantes da rede pública de ensino na universidade.

No CAD, também foram construídos modernos laboratórios de ensino de química, que permitiram uma intensificação de aulas práticas tanto para o curso de Bacharelado em Química do IQSC quanto para as disciplinas de química ministradas para os cursos de graduação das outras unidades do *campus*, aprimorando desta maneira a formação dos estudantes.

O Restaurante Central do Campus 2 atende principalmente alunos de graduação e pós-graduação. Possui uma cozinha industrial projetada para produzir dez mil refeições por dia. Atualmente, são servidas aproximadamente 750 refeições por dia no refeitório desta área, que tem capacidade para 448 pessoas simultaneamente.

Em suporte às atividades de ensino e pesquisa, o Campus 2 dispõe de uma biblioteca central administrada pela PUSP-SC, que proporciona a seus usuários instalações modernas e adequadas para o estudo e pesquisa. Na biblioteca há uma sala para exposições e uma área externa, incluindo uma Praça de Leitura, que possibilitam a convivência e a promoção de eventos com objetivo de integrar ações de cultura e extensão em complementação às de ensino e pesquisa. Possui livros, periódicos, materiais especiais e disponibiliza tecnologia de informação que permite o acesso ao seu acervo e ao das demais bibliotecas da USP, a 270 mil livros eletrônicos (*e-books*), a mais de cem mil periódicos em texto completo e às principais bases de dados, nas mais diversas áreas do conhecimento, tais como Web of Science, IEEE, Computer Databases, MathSciNet, entre outras.

O Centro de Convenções possui um projeto moderno, apropriado para a realização de grandes eventos acadêmicos e científicos, o que deve ajudar a consolidar o *campus* da USP em São Carlos como referencial acadêmico, científico e cultural do país. Ao lado do Centro de Convenções, uma miniusina fotovoltaica produz 60 kWh anuais, contribuindo para a diminuição da pegada de carbono do *campus*.

O Campus 2 conta com uma significativa Área de Preservação Permanente e uma também significativa área de Reserva Legal, que juntas constituem 36,50% de seu território. A Tabela 1 apresenta as áreas territoriais, edificadas, Reservas Legais e APPs do *campus* da USP em São Carlos. A implantação da nova área contribuiu significativamente para a recuperação dessas áreas, beneficiando a preservação ambiental da cidade de São Carlos.

Tabela 1. Áreas e Construções da USP São Carlos.

Especificação	Áreas e construções				
	Área 1	Área 2	9 de Julho	CRHEA	Total em m ²
Área territorial	321.457,00	978.027,85	1.605,89	253.602,72	1.554.693,46
Área edificada	140.303,82	47.262,36	2.537,91	4.397,35	194.501,44
Reserva legal	0	213.012,51	0	0	213.012,51
APP	0	144.028,39	0	17.085,23	161.113,62

Fonte: Dados Números do Campus – levantamento 2022.

As necessidades de expansão de área que havia no final da década de 1990 e início dos anos 2000 para a criação de novos cursos e ampliação da infraestrutura dedicada à pesquisa foram completamente atendidas com a doação da área pelas empresas Novo Tema Empreendimentos Ltda e Faber Castell.

A expansão propiciada pela implantação do Campus 2 demonstra que os resultados almejados com o Programa de Ampliação de Vagas e Criação de Novos Cursos do governo do Estado foram alcançados, permitindo uma ampliação no número de cursos, vagas e de alunos já nos primeiros anos de atividades no novo *campus*. A Tabela 2 demonstra que de 2000 a 2006 foram criados sete novos cursos de graduação, quase que dobrando o número de vagas oferecidas anualmente e aumentando em mais de 1 500 a população de alunos no *campus* da USP em São Carlos.

Tabela 2. Expansão propiciada pela criação do Campus 2.

Dados graduação 2000-2006			
Ano	Cursos	Vagas	Alunos
2000	13	465	2017
2001	13	465	2112
2002	14	505	2261
2003	18	775	2809
2004	18	795	3266
2005	18	795	3603
2006	20	875	–
Aumento	7 cursos	410 vagas	1586 alunos*
*sem considerar os ingressos de 2006			

Fonte: PUSP-SC.

Entre os cursos criados no período de 2000 a 2006 estão os de: Engenharia Aeronáutica (EESC), em 2002; Engenharia Ambiental (EESC), em 2003; Engenharia Mecatrônica (EESC), em 2003; Engenharia Elétrica com ênfases em Sistemas de Energia e Automação (EESC), em 2003; Engenharia de Computação (EESC e ICMC), em 2003; Física Computacional (IFSC) e Ciências Físicas e Biomoleculares (IFSC), ambos em 2006.

Outros cursos foram criados após este período: o curso de Engenharia de Materiais e Manufatura da EESC, em 2010, e os cursos de Estatística e Ciência de Dados, em 2009, e Ciências de Dados, em 2020, ambos do ICMC.

Comparando as estatísticas do ano de 2005 com os dados atuais na Tabela 3, também fica evidente a ampliação propiciada com a criação do novo *campus*. Particularmente, destaca-se a expansão de mais de 60% do número de alunos de graduação e pós-graduação.

Atualmente, a USP São Carlos tem um total de 23 cursos de graduação, e são disponibilizadas 1 010 vagas por ano. O número atual de alunos de graduação no *campus* é de cerca de cinco mil, e o de alunos de pós-graduação é de 3 700, além de pesquisadores colaboradores, pós-doutorandos e alunos especiais.

Tabela 3. Comparativo das populações do *campus* em 2005 e 2022.

População do Campus de São Carlos		
	2005	2022
Docentes	426	488
Funcionários	943	996
Alunos (graduação e pós-graduação)	5896	8685
Total	7265	10169

Fonte: PUSP-SC.

Esses dados demonstram que a EESC, o ICMC e o IFSC concretizaram suas demandas de criação de novos cursos de graduação por meio da expansão de área propiciada pela implantação do Campus 2. Dentre estes cursos, os de graduação em Engenharia Aeronáutica, Engenharia de Materiais e Manufatura, Engenharia Ambiental e Engenharia de Computação ocorrem quase que em sua totalidade nas dependências e instalações do Campus 2.

Com a implantação destes cursos e a necessidade de expansão de sua infraestrutura, os departamentos de Engenharia Aeronáutica, Engenharia e Ciências dos Materiais e Engenharia Ambiental, todos da Escola de Engenharia de São Carlos, instalaram-se no Campus 2, contribuindo para a concretização das demandas de desmembramentos da EESC nos idos de 1990.

O curso de Engenharia Aeronáutica iniciou suas atividades na EESC em 2002, oferece quarenta vagas anuais e atualmente conta com catorze professores e cerca de trezentos alunos de graduação e pós-graduação. Havia muito otimismo e esforço para que o curso se tornasse realidade, conforme afirmou o diretor da Escola de Engenharia de São Carlos na época, Eugênio Foresti: “Estávamos muito otimistas com a aprovação, que cria uma perspectiva extraordinária para a USP. O setor da aviação torna-se cada dia mais promissor, principalmente em nossa região. Estamos certos de que vamos contribuir, formando profissionais capacitados, como já fazemos em outras áreas”.

O curso de Engenharia de Materiais e Manufatura iniciou suas atividades na EESC em 2010. Em 2014, o Departamento de Engenharia de Materiais, até então localizado no Campus 1 e, na época, com infraestrutura

insuficiente para atender à demanda dos novos equipamentos e laboratórios, assim como novos docentes e espaço administrativo para atender aos novos alunos, iniciou suas atividades no Campus 2 em suas novas instalações com uma área total de cerca de 5 000 m², onde estão sediados a secretaria do programa de Engenharia de Materiais, laboratórios de pesquisa, laboratórios didáticos e outras instalações, como um auditório. O Departamento oferece disciplinas para os alunos de Engenharia de Materiais e Manufatura e também para outros cursos da EESC, como Engenharia Aeronáutica, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica e Engenharia de Produção.

Com as novas instalações, as atividades de pesquisa tiveram grande impulso, e um grande número de projetos apoiados por agências públicas de fomento à pesquisa e por convênios e parcerias com empresas de médio e grande porte foi estabelecido a partir de 2014.

Ao longo do período compreendido entre 2014 e 2023, a ampliação das dependências do Departamento de Engenharia de Materiais, com infraestrutura robusta, possibilitou o aumento considerável da quantidade e qualidade de projetos de ensino, pesquisa e extensão; a formação de 316 engenheiros de materiais e manufatura; a aprovação de 293 alunos de mestrado e doutorado.

Além de permitir a criação do novo curso de Engenharia Ambiental, o novo *campus* também é um verdadeiro laboratório a céu aberto para seus alunos, uma vez que três córregos cortam os 97 hectares do terreno, formado em torno de 30% por Áreas de Preservação Permanente e Reserva Legal. Além disso, o novo prédio da Engenharia Ambiental possibilitou a “presença de alunos de graduação, docentes e pesquisadores no mesmo ambiente, de maneira a compartilhar de maneira efetiva o ensino e a pesquisa”, conforme afirmou o professor Eugênio Foresti, da EESC, que participou da criação do projeto pedagógico do curso original.

A implantação do Campus 2 também foi crucial para o curso de Engenharia de Computação, que teve sua primeira turma em 2003. O curso é integral e tem duração de cinco anos, oferece anualmente cinquenta vagas e já formou 575 profissionais. É oferecido no Campus 2 e dispõe de um prédio com área construída de 796 m² e estrutura de laboratórios de ensino, como Laboratório de Embarcados, Laboratório de Eletrônicos e Laboratório de Redes. Conta também com salas para realização de proje-

tos extracurriculares, abrigando grupos de extensão formados por alunos do curso, e sala para a realização de projetos especiais, como é o caso dos espaços *maker* e de *coworking*.

O objetivo do curso de Engenharia de Computação é a formação de profissionais plenamente capacitados para exercer atividades relacionadas com as áreas de interface entre engenharia elétrica e ciências da computação. Acompanhando as rápidas mudanças observadas em diversos setores da atividade econômica, são oferecidas aos alunos, por intermédio de disciplinas complementares, certificados de estudos especiais para a formação complementar em áreas estratégicas, como sistemas computacionais avançados, sistemas embarcados, sistemas de computação e computação móvel, robótica e ciência de dados.

A proposta contempla um perfil diferenciado em relação a diversos cursos de Engenharia de Computação já implantados no país e faz uso da ampla experiência pedagógica, científica e tecnológica da EESC e do ICMC.

Mais de 1800 profissionais foram formados pelos cursos instalados no Campus 2. Mais precisamente, 316 engenheiros de materiais e manufatura, 550 engenheiros aeronáuticos, 516 engenheiros ambientais e 575 engenheiros de computação, contribuindo para o desenvolvimento da engenharia no Brasil.

A expansão do Campus 2 também atendeu às necessidades advindas da consolidação de grupos de pesquisa, que precisavam de espaço para seus laboratórios especializados.

O Laboratório de Escoamentos Multifásicos Industriais (Lemi) do Departamento de Engenharia Mecânica da EESC iniciou as suas atividades no Campus 2 em novembro de 2014 e está instalado em um prédio de 1 500 m². Ele é a sede física do Núcleo de Pesquisa em Escoamento Multifásico (NAP-EM), formado por pesquisadores de pós-graduação e pós-doutores da EESC/USP, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e ICMC/USP.

O Lemi combina a experiência e os equipamentos para produzir, medir e analisar fluxos multifásicos de gases e líquidos, conta com toda a infraestrutura e instrumentação necessárias para estudar os escoamentos de misturas de diferentes fluidos imiscíveis e já conquistou diversas publicações e prêmios de pesquisa.

Para o Instituto de Física de São Carlos (IFSC) em particular, o Campus 2 resolveu um problema crítico de falta de espaço para laboratórios.



Fig. 34. Prédio do Instituto de Física de São Carlos. Rui Sintra – IFSC-USP.

A característica multidisciplinar do ensino e da pesquisa no IFSC requer laboratórios e infraestrutura muito variados, que possam abrigar experimentos desde áreas fundamentais da física, como física atômica e molecular e ressonância magnética, até áreas como microbiologia e neurociência. Muitos desses laboratórios exigem um controle bastante rígido do ambiente, por exemplo, de temperatura e garantia de ausência de partículas e de interferências de sinais elétricos, magnéticos e de vibração. Com essa diversidade de requisitos, o IFSC precisa de muito espaço para laboratórios de pesquisa, que raramente são compartilháveis entre pesquisadores de campos distintos.

No Campus 2, o IFSC inaugurou em 2013 seu primeiro prédio (Figura 34), que hoje abriga vários grupos de pesquisa num espaço de quase 6 000 m². Ocupa essa área o Grupo de Nanomateriais e Cerâmicas Avançadas,

com seus equipamentos de grande porte, como microscópios eletrônicos, e vários laboratórios para a produção e caracterização de novos materiais. Também nessa área estão os grupos de Biofísica e Biologia Estrutural, que desenvolvem projetos na área de Biofísica Molecular e Biologia Estrutural de proteínas, além de estudos interdisciplinares envolvendo Microbiologia e Divulgação Científica; e grande parte do Grupo de Cristalografia, com as áreas de Cristalografia de Proteínas, Modelagem Molecular, Biologia Molecular e Planejamento de Fármacos e Vacinas. A disponibilização deste espaço completamente novo foi essencial num campo de pesquisa que se transforma rapidamente a partir de tecnologias de fronteira, que requerem materiais especiais e novas tecnologias.

Com o Campus 2, o IFSC pôde criar em 2020 um centro para energias renováveis, o chamado Polo TERRA (Figura 35). Esse centro tem características particulares para permitir pesquisa e inovação, pois sua infraestrutura de biotecnologia contempla a produção de insumos em escala-piloto para indústrias, distribuída numa área de aproximadamente 2 350 m². O Polo TERRA foi fruto de vultosos investimentos do governo do Estado de São Paulo, da USP e de agências de fomento como a Fapesp, com a perspectiva de que o estudo de energias renováveis é crucial para o Brasil, como na produção de etanol de segunda geração, além da necessidade de o país contar com uma indústria de biotecnologia que possa diminuir nossa dependência.

Atualmente, um novo edifício para abrigar o Centro de Óptica e Fotônica do IFSC está em construção no Campus 2. Tal prédio, com 7 230 m², permitirá um avanço sem precedentes em dois campos distintos de pesquisa e inovação. O primeiro é o de Física Atômica, pois novos espaços serão criados para abrigar relógios atômicos e sistemas de aprisionamento de átomos com resfriamento por *laser*. Esses equipamentos sofisticados requerem dispositivos antivibração e controle do ambiente. O outro campo é o de Biofotônica, no qual o IFSC foi pioneiro em muitas tecnologias de aplicação de *lasers*, como em terapia fotodinâmica. Sua infraestrutura atual, no Campus 1, é muito inferior à desejada, e o novo prédio possibilitará a existência de um espaço compatível com a relevância do Centro, além da expansão nas atividades de pesquisa e serviços à comunidade.

Além da expansão de laboratórios e infraestrutura, ressalta-se que iniciativas pioneiras puderam ser implementadas com a criação do



Fig. 35. Prédio do Polo TERRA. Rui Sintra – IFSC-USP.

Campus 2. Em particular, o IFSC também se beneficia indiretamente dos avanços de outras unidades e da administração central possibilitadas pelo novo espaço. Exemplos são a criação do Centro de Inovação da USP Complexo São Carlos (Inova SC), cuja estrutura física foi implantada no Campus 2, e o Departamento de Materiais da EESC, que mantém estreita colaboração com o IFSC, principalmente no curso de pós-graduação em Engenharia e Ciência dos Materiais.

Quanto ao ensino, o prédio do qual o IFSC dispõe no Campus 1, denominado Laboratório de Ensino e um dos primeiros no Brasil inteiramente dedicado a laboratórios de ensino de graduação, já não era suficiente para atender ao número crescente de estudantes. Há cerca de vinte anos, a USP teve um aumento considerável no número de alunos de graduação, inclusive em São Carlos. Assim, novos laboratórios para o ensino de gra-

duação eram necessários, e a construção do Conjunto Didático no Campus 2 resolveu tal problema. A título de ilustração, todos os alunos das demais unidades de ensino no *campus* da USP em São Carlos fazem seus cursos de Laboratório de Física no Campus 2, em um número maior do que os estudantes do próprio IFSC, que ainda utilizam o Laboratório de Ensino do Campus 1.

A implantação do Campus 2 propiciou também ao IQSC uma expansão da capacidade de realização de atividades de ensino e pesquisa, uma vez que ampliou o espaço para a instalação de laboratórios de ensino para os cursos de graduação e de laboratórios de pesquisa de alto nível.

Além disso, o IQSC possui o Edifício Prof. Douglas Wagner Franco (Figura 36), que abriga diversos grupos, incluindo Química Orgânica e Biocatálise, Síntese Orgânica, Análise Fitoquímica, Biotecnologia Microbiana, Processos Eletroquímicos e Ambientais e Química de Materiais Híbridos e Inorgânicos.

As atividades de pesquisa realizadas por esses grupos têm impactos significativos na sociedade, abrangendo: desenvolvimento de métodos de análise de fitoterápicos; desenvolvimento de materiais e processos para o tratamento de efluentes e água destinada ao consumo humano; elaboração de revestimentos e processos para prevenção de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS), também conhecidas como infecções hospitalares; criação de metodologias para o aproveitamento do gás de efeito estufa (CO_2), visando a mitigação do aquecimento global e a promoção da sustentabilidade em processos industriais; desenvolvimento de materiais e metodologias para a mineração de íons potássio para a agricultura com o uso da energia solar; criação de materiais e métodos para a remediação de contaminação por íons metálicos provenientes de atividades industriais ou de mineração; e aumento da sustentabilidade em processos industriais por meio do desenvolvimento de processos biotecnológicos para a produção de insumos industriais, bem como de materiais e fármacos.

Essas pesquisas, de alto nível e de inserção internacional, têm um grande enfoque em questões ambientais, valendo-se da filosofia temática do *campus*.

No campo da extensão, os grupos de pesquisa do IQSC instalados no Campus 2 promovem atividades que incluem visitas ao laboratório de pesquisa para grupos de escolas da região, contribuindo para a forma-



Fig. 36. Edifício Professor Douglas Wagner Franco, do IQSC-USP, no Campus 2. Luiz Henrique Barra – IQSC-USP.

ção dos estudantes; estágio de alunos externos à USP e colaborações com o setor privado.

A criação deste *campus* foi fundamental, não apenas pela expansão necessária, mas também porque sua implantação acabou por ser um marco para a USP, tanto pelo aprimoramento de atividades acadêmicas e científicas como por permitir um novo tipo de convivência universitária: a grande área verde e o espaço, muito maiores que os do Campus 1, possibilitam construir infraestrutura com conceitos modernos de sustentabilidade.

6. O futuro do Campus 2

O Campus 2 ainda está em plena expansão. Existem prédios em construção e outros em planejamento, entre os quais destacam-se o novo edifício para abrigar o Centro de Óptica e Fotônica do IFSC, em construção no Campus 2, e um almoxarifado de produtos químicos agregado ao prédio do IQSC, em fase de contratação de obra. Esses novos prédios exigem a ampliação da infraestrutura do sistema viário, de redes elétricas e lógica e do sistema de distribuição de água. Bacias de contenção têm sido planejadas para mitigar o impacto das águas pluviais e contribuir para o controle de enchentes na cidade de São Carlos.

Em parceria com a Prefeitura do Campus USP de São Carlos (PUSP-SC), o CDCC viabilizará a implantação da Trilha Interpretativa na Reserva Ecológica na Área 2 do Campus da USP em São Carlos. Após a implantação da trilha, prevista para 2024, o espaço ficará aberto para a comunidade da USP e do seu entorno. Também serão oferecidas visitas para professores e alunos da rede pública e particular de ensino de São Carlos e região. Essas visitas serão realizadas pelo CDCC-USP, que ficará responsável pelo agendamento e acompanhamento com os monitores. À PUSP-SC caberá a



Fig. 37. Portaria do Campus 2. Edmilson Luchesi – Comunicação USP.

gestão administrativa do espaço, bem como a sua preservação e manutenções gerais.

Um centro de convivência foi projetado e está planejado para ser inaugurado em 2024, propiciando um espaço de convivência próximo aos Departamentos de Engenharia Aeronáutica e de Engenharia de Materiais. Com espaço para *food trucks* e um projeto sustentável e moderno, vem atender aos anseios de uma comunidade do Campus 2 que trabalha distante do centro da cidade e carece de espaços para refeições, estudos, conversas e cultura.

Percebe-se, portanto, que a implantação do Campus 2 foi um sucesso, pois ainda permite a expansão das atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação da USP São Carlos. Esta expansão contínua mostra que a decisão, feita em 2001, de procurar por uma área de grande porte que permitisse a expansão por cinquenta anos foi acertada. Este processo crescente de ocupação do Campus 2 traz consigo permanente preocupação e desafios para a expansão de sua infraestrutura e serviços e para sua operação, mas demonstra a pujança do *campus* da USP em São Carlos em expandir suas atividades, caracterizando um centro de excelência com projeção nacional e internacional em ensino, pesquisa e extensão universitária.

Nossos agradecimentos aos Professores Carlos Reynaldo Toledo Pimenta e Carlos Roberto Monteiro de Andrade pelas proveitosas e enriquecedoras conversas e informações relativas à implantação do Campus 2 e a todas as unidades de ensino do *campus* São Carlos que forneceram material e informação rica para a elaboração deste texto.

Referências Bibliográficas

“A USP no Interior – Uma Data Esquecida após 70 Anos”. *Portal do Instituto de Física de São Carlos*, 2019. Disponível em: <https://www2.ifsc.usp.br/portal-ifsc/a-usp-no-interior-uma-data-esquecida-apos-70-anos/>. Acesso em: 15 set. 2023.

BONAGAMBA, Tito José. “Um Jubileu de Diamante a Celebrar: A USP no Interior do Estado de São Paulo”. *Jornal da USP*, 2022. Disponível em: ht-

- [tps://jornal.usp.br/artigos/um-jubileu-de-diamante-a-celebrar-a-usp-no-interior-do-estado-de-sao-paulo/](https://jornal.usp.br/artigos/um-jubileu-de-diamante-a-celebrar-a-usp-no-interior-do-estado-de-sao-paulo/). Acesso em: 14 set. 2023.
- CHIMIRRI, Renato. “UFscar Pode Ceder Terreno à USP”. *Jornal Primeira Página*, 1.7.2001, Política (São Carlos, SP).
- CURY, Cíntia. “Universidades Públicas Anunciam Ampliação de Cursos, Vagas e Campi”. *Portal do Governo do Estado de São Paulo*, 2002. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/universidades-publicas-anunciam-ampliacao-de-cursos-vagas-e-campi/>. Acesso em: 12 set. 2023.
- GARCIA, Cilene de Cassia. *Elaboração dos Mapas de Risco de 2 Edifícios do Campus 2 da USP de São Carlos com Base no Levantamento dos Riscos Ambientais*. São Paulo, Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, 2008 (Monografia de especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho).
- _____. *Revisão dos Índices de Produtividade da Mão de Obra na Construção Civil para a Região de São Carlos. Estudo de Caso – Campus 2 da USP*. Lavras, Universidade Federal de Lavras, 2006 (Monografia de Especialização em Gestão da Inovação Tecnológica na Construção Civil).
- LUCESI, Edmilson A. “História e Números”. *Portal USP São Carlos*, 2022. Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/historia-e-numeros/>. Acesso em: 14 set. 2023.
- _____. Textos/releases produzidos pelo Serviço de Apoio Institucional de 2000 a 2002.
- PROJETO DE LEI n. 10/1947. *Portal da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1025324>. Acesso em: 15 set. 2023.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Licença Ambiental. Campus II – São Carlos*. São Carlos, Universidade de São Paulo, 2003.

IV. A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo¹

ALEXANDRE MACCHIONE SAES²

HÉLIO DE SEIXAS GUIMARÃES³

1. Apresentação da coleção

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM), órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP), foi criada em dezembro de 2004 para abrigar a coleção reunida ao longo de mais de oitenta anos pelo bibliófilo José Mindlin e sua esposa Guita. Com expressivo conjunto de livros, documentos e periódicos, é considerada a mais importante coleção do gênero formada por particulares.

O acervo, doado à USP em 2006 e composto de cerca de 32 mil títulos que correspondem a aproximadamente sessenta mil volumes, reúne material sobre o Brasil ou que, tendo sido escrito e/ou publicado por brasileiros, seja importante para a compreensão da história e cultura do país. A coleção destaca-se por incluir livros raros publicados entre os séculos XVI e XIX, como relatos de viajantes que estiveram na América do Sul entre os séculos XVI e XIX, as primeiras edições da Imprensa Régia, além de um amplo conjunto de primeiras edições de obras publicadas pelos mais relevantes autores da literatura brasileira.

1. Os autores agradecem as sugestões de Jacques Marcovitch e Rosa Maria Fischer.
2. Diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
3. Vice-Diretor da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Vale destacar a singularidade da coleção da BBM, composta de obras especiais, muitas vezes de exemplares únicos e insubstituíveis, seja pelas marcas autógrafas que trazem, tais como dedicatórias e anotações, seja pelas encadernações especiais, seja ainda pelas trajetórias que muitas descrevem, tendo passado pelas mãos de figuras decisivas para a história do país.

Ao tratar de sua coleção, José Mindlin qualificava-a reiteradamente de “indisciplinada”. Ainda assim, nos *Destaques da Biblioteca Brasileira InDisciplinada de Guita e José Mindlin*⁴, há algumas balizas, que Mindlin chama de vertentes: história, literatura, relatos de viagem, periódicos, manuscritos históricos e literários e livros científicos, didáticos e de artistas.

Essas vertentes variam ligeiramente nos vários depoimentos de Mindlin sobre sua coleção, mas notam-se algumas linhas de força: uma coleção prioritariamente dedicada às ciências humanas e às artes, assim como aos livros raros e às edições preciosas. Como definiu seu amigo, o crítico literário e professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Antonio Candido de Mello e Souza: “Mais do que um colecionador, José foi uma espécie de autor da sua própria biblioteca. Ele a compôs como quem compõe uma obra”⁵.

A Biblioteca guarda também onze conjuntos documentais, cujos titulares são: 1. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin; 2. Cunha de Leiradella; 3. Erthos Albino de Souza; 4. Francisco de Assis Barbosa; 5. Guita Mindlin; 6. Istvan Jancsó; 7. João Etienne Filho; 8. José Mindlin; 9. Rubens Borba de Moraes; 10. Vicente do Rego Monteiro; e 11. Zila da Costa Mamede.

Abriga também uma importante coleção de periódicos, que inclui materiais raros e raríssimos, muitos deles em encadernações especiais e em excelente estado de conservação. São mais de mil títulos, que incluem alguns pioneiros, como a revista *Variedades*, editada em Salvador em 1812, revistas que registram o movimento moderno brasileiro, até publicações recentes e em circulação, como *Novos Estudos Cebrap* e *Piauí*. Acrescenta-se a esse conjunto a coleção integral do periódico *O Estado de S. Paulo* em papel do jornal, com mais de sete mil volumes encadernados.

4. José Mindlin, *Destaques da Biblioteca InDisciplinada de Guita e José Mindlin*, 2. ed., São Paulo, Publicações BBM/Edusp, 2013.

5. Discurso de inauguração do Espaço Brasileira na Universidade de São Paulo, 23 de março de 2013.



Fig. 1. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin na Universidade de São Paulo.

Parte do acervo doado à USP pertenceu ao bibliófilo e bibliotecário Rubens Borba de Moraes, em quem José Mindlin reconhecia “uma espécie de irmão mais velho”, dono de “um amor aos livros e à leitura muito parecido com o meu”. Importante intelectual e dos mais destacados estudiosos da bibliografia sobre o Brasil, Rubens Borba de Moraes deixou ao casal Mindlin um conjunto de obras raras e especiais, formado por cerca de 2 300 títulos, após seu falecimento, em 1986.

Ao longo de quase um século, os dois colecionadores garimpavam materiais Brasil e mundo afora para formar uma coleção extraordinária, em si mesma uma prova de que interesses pessoais e particulares não são de forma alguma incompatíveis com projetos coletivos e o bem comum. Aliás, essa visão dos livros e do conhecimento como algo a ser compartilhado esteve presente ainda quando José e Guita Mindlin mantinham a biblioteca em sua casa, no bairro do Brooklin, recebendo ali, generosamente, várias gerações de pesquisadores de todas as partes.

A ideia de constituir uma biblioteca-museu, aberta ao público, era acalentada por Moraes e Mindlin há muito tempo. Em carta de 1978 ao livreiro português António Tavares de Carvalho, Rubens Borba de Moraes escreveu:

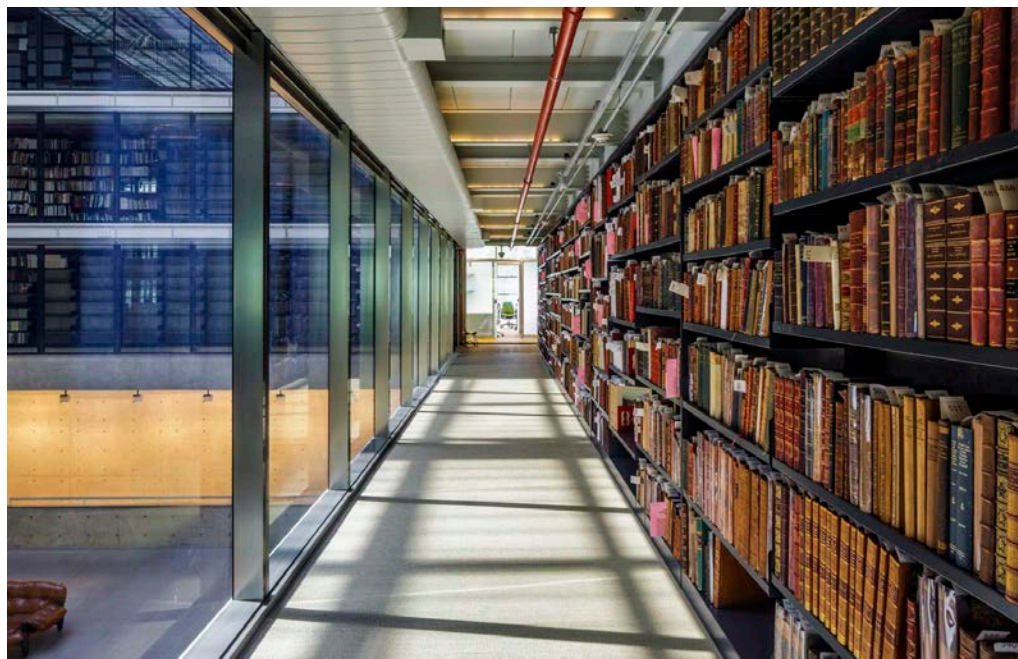


Fig. 2. Visão dos corredores da Biblioteca.

Temos conversado muito sobre a resolução que tomou de fundar uma biblioteca-museu, aberta ao público, com os livros deles, os meus e de outros doadores. Seria uma fundação aberta aos pesquisadores e bibliófilos. A minha coleção seria doada depois de minha morte. Estou batalhando com ele para construir um prédio para abrigar a biblioteca. Ah, se eu tivesse dinheiro faria o mais belo prédio de biblioteca das Américas! Vamos ver se ele se convence de construir⁶.

O desejo dos dois colecionadores se realizou com a construção do espaço Brasiliana e a inauguração do prédio da BBM em março de 2013. Desde sua chegada à USP, a Biblioteca tem procurado expandir seu acervo, tornando-se uma biblioteca viva, conforme os ideais de José Mindlin, por meio da aquisição e do recebimento de doações de novos títulos e coleções que dialogam com as vertentes iniciais do acervo.

6. Plínio Martins Filho (org.), *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português Antônio Tavares de Carvalho*, São Paulo, Publicações BBM, 2018.

Guita e José Mindlin: um casal apaixonado pelos livros

A frase que José Ephim Mindlin (1914-2010) pinçou da obra de Michel de Montaigne para identificar os seus livros diz muito sobre a personalidade do colecionador. Mindlin fez do amor pelos livros uma forma de vida, criando em torno deles fortes laços de amizade com escritores, críticos, pesquisadores, editores e outros bibliófilos. Com visão aberta e generosa sobre o país, contribuiu intensamente para a cultura brasileira, participando em conselhos e fundações ligadas à educação, ciência e economia.

Nascido em São Paulo em 8 de setembro de 1914, formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1936. Foi lá que encontrou Guita Kaufman (1916-2006), nascida em São Paulo, que também se formaria em Direito em 1940. Os dois se casaram em 1942. Interessada em história e literatura, Guita fez cursos de extensão nos anos 1960 e 1970. Grande leitora, sempre zelou pelos livros da biblioteca que formou junto com o marido, e com o tempo foi estudando como conservá-los. Visitou bibliotecas, fez cursos no Brasil, na França, na Espanha e na Alemanha e montou um laboratório dentro de casa com a finalidade de cuidar melhor da biblioteca do casal. Em 1988, juntamente com Thereza Brandão Teixeira, criou a Associação Brasileira de Encadernação e Restauro (Aber), com o objetivo de reunir profissionais ligados à conservação e ao restauro de livros, documentos impressos e manuscritos e à encadernação artesanal, estimulando o interesse pela documentação gráfica.

José começou a vida profissional como repórter, exerceu por vinte anos a advocacia e tornou-se um empresário de destaque. Em 1950 foi um dos fundadores da empresa Metal Leve, que se tornou uma das maiores no setor de peças automotivas do Brasil.

Como industrial, estimulou o desenvolvimento tecnológico e as exportações de manufaturados brasileiros. Foi doutor *honoris causa* por diversas universidades, inclusive pela USP. José Mindlin foi membro do Conselho Superior da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) de 1973 a 1974; de 1975 a 1976, diretor do Conselho de Tecnologia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) e secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, quando estruturou a carreira de pesquisador.

Foi também membro de diversos conselhos de entidades culturais, como Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e Edusp (Editora da Universidade de São Paulo). Foi membro da Academia Paulista de Letras e, em 2006, elegeram-no para ocupar uma ca-

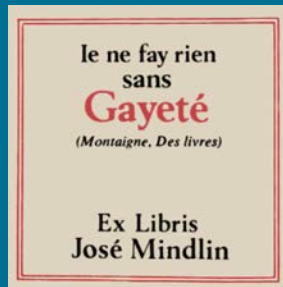


Fig. 3. Ex-libris de José Mindlin, com os dizeres do filósofo francês renascentista, Michel de Montaigne, “Não faço nada sem alegria”.



Fig. 4. Guita e José Mindlin em sua biblioteca na Rua Princesa Isabel, no bairro do Brooklin, em São Paulo.

deira na Academia Brasileira de Letras. Mas foi especialmente na companhia dos livros, e sempre ao lado da esposa, Guita, que encontrou uma enorme fonte de alegria.

O gosto pelos livros raros surgiu aos treze anos e o acompanhou pela vida toda. Eis como definiu essa paixão: “O livro exerce uma atração multiforme, que vai muito além da leitura. [...] A atração pelo objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, e encadernação”.

Em 2006, Guita e José Mindlin generosamente doaram sua coleção brasileira para a Universidade de São Paulo, onde ela se tornou uma preciosa fonte de consulta para leitores e pesquisadores do mundo todo.

Muito do que José Mindlin publicou estava ligado à sua paixão pelos livros em geral e por sua biblioteca em particular. Em sua autobiografia, *Uma Vida entre Livros*, Mindlin trata de sua vida familiar, de sua atuação empresarial, cultural e política. Mas são sua trajetória como bibliófilo, suas aventuras e desventuras com livros, com as autoras e os autores com os quais conviveu que ocupam a maior parte de sua obra. Nos *Destaques* e *No Mundo dos Livros*, por sua vez, Mindlin pôde dedicar-se integralmente aos livros, às suas leituras, autores e edições favoritas. Organizada por sua neta, Lúcia Mindlin Loeb, *Para a Tão Falada Biblioteca José e Guita Mindlin* mapeia as dedicatórias a José e Guita Mindlin que constam em muitos títulos da coleção. Elas permitem penetrar na teia de relações do casal e nos seus significados afetivos, intelectuais e sociais.

Rubens Borba de Moraes

A paixão pelos livros como profissão: “O importante é fazer, não é ser. Fazer coisas e não ser alguém”.

Essas frases, sempre repetidas por Rubens Borba de Moraes (1889-1986), foram também o lema de uma vida com muitas realizações. Ele foi guarda-livros, bibliotecário, diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo, criador de cursos de biblioteconomia, fundador da Associação Paulista de Bibliotecários, professor universitário, diretor da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, diretor do escritório de informações das Nações Unidas em Paris e diretor da Biblioteca das Nações Unidas em Nova York.

Foi também escritor e participou da preparação da Semana de Arte Moderna de 1922, além de ter colaborado em revistas fundamentais do movimento, como *Klaxon* e *Terra Roxa e Outras Terras*.

A paixão pelos livros foi descoberta muito cedo: “Eu devia ter meus oito ou nove anos quando senti despertar em mim um grande amor pelos livros”. Ao longo da vida, muitas vezes foi mordido pelo “bichinho da bibliofilia”, que o incitava à busca incansável pelo livro raro.

Sua dedicação ao estudo da bibliofilia o levou a produzir um dos mais completos e relevantes arrolamentos de livros sobre o Brasil do período colonial ao século XIX, a *Bibliographia Brasiliana* (1958), que serviu de roteiro para colecionadores. São de sua lavra os conceitos “brasiliiana” e “brasiliense”, usados para definir coleções como as de Mindlin.

Sua obra mais conhecida é *O Bibliófilo Aprendiz* (1965), que tem um longo subtítulo: *Prosa de um Velho Colecionador para Ser Lida por Quem Gosta de Livros, Mas Pode Também Servir de Pequeno Guia aos que Desejam Formar uma Coleção de Obras Raras ou Modernas*. Ali, ele conta suas aventuras como colecionador com argúcia e humor inconfundíveis.

Embora ligasse a bibliofilia ao desejo de ter o que ninguém mais tem, sua longa e comprometida atuação como funcionário de órgãos públicos, sempre ligados à cultura e ao livro, mostram a preocupação com o coletivo e com a preservação da memória cultural do Brasil.

Foi em torno desses interesses e princípios comuns que se deu a amizade de Rubens Borba de Moraes com José Mindlin. Parte da coleção de Rubens Borba de Moraes foi adquirida por José Mindlin, e outra parte lhe foi doada pelo amigo. Seus livros constituem um dos pilares da extraordinária brasileira hoje sob a guarda da Universidade de São Paulo, na BVM.



Figs. 5 e 6. Rubens Borba de Moraes em sua biblioteca e seu ex-libris.

2. A doação da Biblioteca Brasileira

Em relação aos livros, não tenho o fetiche da propriedade. Sinto-me mais como um depositário do que um proprietário, usufruindo, é verdade, o prazer que eles me proporcionam, mas visando preservar uma herança do passado, e conservar o que se faz de bom agora, com o propósito de transmitir tudo isso para o futuro⁷.

É com essa afirmação que José Mindlin encerra a obra *Uma Vida entre Livros*, publicada em 1997, quando o desejo de realizar a doação de sua biblioteca ia tomando corpo para se transformar em um projeto concreto a partir dos anos 2000. Com esse desejo, José Mindlin reiterava o compromisso de membros de sua geração com a preservação de acervos fundamentais sobre a história e a cultura brasileiras.

Entre seus parceiros de bibliofilia e de apreço à produção literária e histórica brasileira estiveram Rubens Borba de Moraes e Sérgio Buarque de Holanda, que cumpriram relevantes papéis na formulação de políticas e na constituição de instituições decisivas para a formação de alguns dos mais importantes acervos do país, como os do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e da Biblioteca Mário de Andrade.

Como funcionário do Departamento de Cultura e de Recreação da Prefeitura de São Paulo, Rubens Borba de Moraes dirigiu a Biblioteca Municipal, atual Biblioteca Mário de Andrade, em fins da década de 1930. O Departamento de Cultura era um projeto de modernistas paulistas como Paulo Duarte, Alcântara Machado, Sérgio Milliet e Mário de Andrade, e a biblioteca seria a instituição de guarda da documentação histórica e cultural do Estado de São Paulo. Vale lembrar que aquele era o contexto em que Mário de Andrade vinha produzindo uma revolução na reflexão sobre a preservação histórico-cultural no país, com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), antecessor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Com Rubens Borba de Moraes, responsável pela criação da seção de obras raras e especiais da Biblioteca Municipal de São Paulo, a instituição adquiriu relevantes coleções, tais como a do político, poeta e tradutor Félix Pacheco, considerada uma das mais relevantes coleções privadas de

7. José Mindlin, *Uma Vida entre Livros*, São Paulo, Edusp/Companhia das Letras, 1997.



Fig. 7. Biblioteca na Rua Princesa Isabel, no bairro do Brooklin, em São Paulo. Banco de imagens BVM.

brasileira do país daquele período; a de manuscritos e obras raras de Batista Pereira; e a do acervo da Biblioteca Pública do Estado, que incorporava coleções como a do Barão Homem de Melo. Essa expansão exigiu a construção de uma nova sede, na Praça Dom José Gaspar, cujo projeto de ampliação foi liderado por Rubens Borba.

Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, atuou como diretor do Museu Paulista entre 1946 e 1956, mas foi com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo, em 1962, que deu sua maior contribuição para a formação de um acervo único sobre o Brasil. Com a aquisição das coleções de Yan de Almeida Prado e Alberto Lamego, nos anos 1960, o IEB iniciou a formação de sua brasileira. Esse projeto foi significativamente expandido com o recebimento de coleções de autores fundamentais para a literatura brasileira, como os de Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Rachel de Queiroz, entre tantos outros, contendo não somente obras únicas reunidas por aquela geração, como também manuscritos, obras de arte e arquivos pessoais.

A biblioteca de Guita e José Mindlin percorreria um percurso bastante próprio até se transformar numa biblioteca da Universidade de São Paulo. Ainda na residência do casal na Rua Princesa Isabel, os livros eram con-

sultados por uma gama de pesquisadores, constituindo a casa num ambiente de estudo muito mais amplo do que aquele do círculo familiar. Com uma estrutura de funcionários voltados para a organização e conservação do acervo, mas também dispostos ao atendimento de interessados, somada à generosidade do casal para receber e apoiar o desenvolvimento das pesquisas, a biblioteca já era um ponto de encontro e disseminação do conhecimento.

Construída pelo casal numa contínua interação com livreiros, intelectuais, autores e editores, a biblioteca passou a preservar possivelmente o maior e mais valioso acervo particular de brasileira no mundo. O conceito de Brasileira, definido por Rubens Borba de Moraes, forneceu um roteiro bibliográfico sobre a história e a cultura brasileiras e se materializou na extraordinária biblioteca Mindlin. Esta sintetizava uma ideia de Brasil produzida pela geração modernista brasileira, comprometida com um projeto de futuro para o país, por meio de narrativas e interpretações presentes em nossa literatura e nos clássicos do pensamento social brasileiro.

A decisão de doar a biblioteca tomou forma a partir das conversas do casal com sua família e amigos mais próximos. Com Jacques Marcovitch na Reitoria da Universidade de São Paulo, entre 1997 e 2001, o projeto começou a se concretizar. Em 2 de junho de 1999, Guita e José Mindlin entregaram, em mãos, uma carta ao reitor, na qual diziam:

Desde há algum tempo, temos a ideia de pôr esta biblioteca à disposição do público de forma institucionalizada e permanente e que permita sua expansão e sua utilização como um núcleo de estudos. Ocorreu-nos, também, que esta institucionalização seria muito mais proveitosa se feita em colaboração com uma instituição do porte e do renome da Universidade de São Paulo. A este respeito, já tivemos oportunidade de, informalmente, trocar ideias com Vossa Magnificência, que se mostrou simpático à iniciativa.

Em 18 de agosto de 1999, o então reitor, em cerimônia de posse do Conselho Consultivo do Centro Interunidades de História da Ciência e Tecnologia, do qual José Mindlin era membro, anunciou a decisão do casal de confiar sua preciosa e famosa biblioteca de raridades à guarda da Universidade de São Paulo. Depois de apresentar um esboço biográfico do doador, Marcovitch declarou que o relato não ficaria completo se não

fosse invocada a devoção de Mindlin pelos livros, estas ferramentas insubstituíveis do conhecimento.

Foi tal devoção que o levou a constituir, juntamente com Guita Mindlin, uma biblioteca particular que se inscreve hoje entre os maiores patrimônios culturais existentes no país. Com os olhos postos no amanhã e tendo consciência do destino multissecular da universidade, o casal Mindlin escolheu a USP como guardiã futura de um tesouro que se deve perpetuar e se tornar acessível ao maior número possível de usuários.

Na ocasião, foi dito ainda que logo em seguida haveria outra cerimônia no Salão de Atos da Reitoria, para assinatura de protocolo que previa a instalação da Biblioteca Mindlin no *campus* da USP. Disse o reitor que esperava, em breve, anunciar à sociedade o lançamento da pedra fundamental de mais este núcleo de cultura na Cidade Universitária:

Cabe-me agora, interpretando um sentimento geral da academia, transmitir a José e Guita Mindlin, sua digna companheira, a certeza de que zelaremos por estes livros com a mesma dedicação com que foram cuidados pelo casal, ao longo de todos estes anos.

No ano seguinte, em 29 de agosto, Marcovitch abordou novamente a histórica doação em sessão do Conselho Universitário. Informou que ela fora institucionalizada com a decisão das Comissões de Legislação e Recursos e a Comissão de Orçamento e Patrimônio, nos termos propostos pela reitoria, para que a USP realizasse uma das suas metas culturais de maior alcance.

Guita e José Mindlin, disse o reitor, construíram pacientemente este valioso patrimônio cultural ao longo de suas vidas e desejam que ele se perpetue, para usufruto das gerações vindouras.

Como lembra a professora Nina Ranieri, então secretária-geral da Universidade, a tarefa da doação trazia muitos desafios e dependeu do esforço de inúmeras pessoas e instituições, como também da determinação de José Mindlin⁸. O projeto coletivo somente seria possível porque José e

8. Depoimento apresentado na seção de encerramento do Seminário BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva, realizado entre 16 e 18 de maio de 2023, no Auditório István Jancsó, na USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZGqr3mV7wEM&t=21287s>

Guita sempre tiveram trajetórias íntegras e reconhecidas por tantos, com relações construídas a partir da atuação de José Mindlin no ambiente empresarial, em instituições públicas, mas especialmente por suas iniciativas em defesa da preservação do patrimônio nacional.

O projeto foi encampado pela Fundação Vitae – Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, de cujo conselho Mindlin era membro e que desde 1992 mantinha um relevante programa de fomento aos museus e projetos voltados à educação e cultura. Por meio da Fundação Vitae seria possível viabilizar as primeiras iniciativas no intuito de garantir a transferência da biblioteca de Mindlin, um recurso que poderia dar o impulso, mas era certamente ainda muito limitado diante do tamanho do projeto.

Para a concretização da doação, duas questões precisavam ser enfrentadas de imediato: 1. viabilizar a transferência legal dos bens para a USP; 2. construir um espaço adequado para receber o acervo.

O primeiro modelo pensado para estabelecer a doação da biblioteca foi a criação de uma fundação. Segundo Rodrigo Mindlin, neto do casal e um dos arquitetos responsáveis pela construção do prédio, o modelo logo mostrou-se inviável, pois, seguindo a legislação brasileira, sobre a transferência dos bens para uma fundação incidiam custos tributários elevados. Para aumentar o desafio, José Mindlin tampouco sabia o exato valor de sua biblioteca: “Ele simplesmente tinha a biblioteca e nunca fez contabilidade de quanto valia cada obra. Esse foi o primeiro empecilho”, ressalta o filho Sergio Mindlin.

A incerteza sobre como o processo poderia ser concretizado abriu espaço para que outras instituições buscassem adquirir o acervo, entre elas a John Carter Brown Library, instituição americana que manifestou interesse de compra da coleção. José Mindlin, não obstante, estava determinado em transferir sua coleção brasileira para a USP, onde havia se formado como advogado, e não aceitou a proposta.

O impasse colocou-se de maneira tão complexa que até mesmo o então presidente Fernando Henrique Cardoso foi mobilizado. A partir da análise da Receita Federal, chegou-se ao entendimento de que sobre doações para universidades públicas não deviam incidir impostos, uma nova compreensão sobre o tema que exigiu uma alteração na Lei n. 9.394⁹.

9. Altera o art. 53 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacio-

Superado o desafio legal da doação, no dia 17 de maio de 2006, em cerimônia realizada na Sala do Conselho Universitário, foi assinado o termo de cessão da biblioteca de Guita e José Mindlin para a Universidade de São Paulo. O termo determinava que o acervo seria cedido à USP por 99 anos, quando então, como brincava José Mindlin com seus mais de noventa anos, ele avaliaria se a doação poderia ser definitivamente ratificada.

Como contrapartida à cessão do acervo, a USP se comprometia com a construção de um prédio que pudesse abrigar a biblioteca. O lugar escolhido para o prédio foi o eixo das humanidades: em frente à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, nas proximidades da Escola de Comunicação e Artes e do Anfiteatro Camargo Guarnieri. O terreno ficava ainda ao lado da Praça do Relógio, cuja torre traz os dizeres “No universo da cultura o centro está em toda parte”. O prédio, portanto, estaria no coração da Cidade Universitária.

José Mindlin desejava que a nova biblioteca pudesse se comunicar com o Instituto de Estudos Brasileiros, pois as duas instituições formavam um dos mais relevantes acervos de brasileira no país. A ideia inicial foi abraçada por Murilo Marx, diretor do IEB no início das negociações da doação. Para ele, as coleções não apenas se somavam, mas teriam ganhos exponenciais, considerando suas complementaridades e possíveis diálogos. A ideia finalmente avançou com a gestão do professor István Jancsó na direção do IEB, emergindo então o ousado projeto de construção de um novo e amplo prédio, que deveria receber as duas instituições.

A comissão de implantação de construção foi formada pelos professores István Jancsó (coordenação geral), Pedro Puntoni (coordenação adjunta), Antonio Marcos de Aguirra Massola (Fusp), os arquitetos Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb, o engenheiro Cyro Pessoa e as Sras. Mariah Villas Boas e Cristina Antunes.

O projeto de arquitetura foi desenvolvido pelos escritórios de Eduardo de Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb, com a assessoria da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. O edifício foi inspirado em conceituadas bibliotecas de outros países, como a Beinecke Rare Book & Manuscript Library (Biblioteca Beinecke de Manuscritos e Livros Raros), da Universidade

nal), para dispor sobre doações às universidades. Conferir depoimento de Fernando Henrique Cardoso: “FHC Diz em Velório que Mudou Lei em Prol de Mindlin”, *Portal Terra*, 28.2.2010.

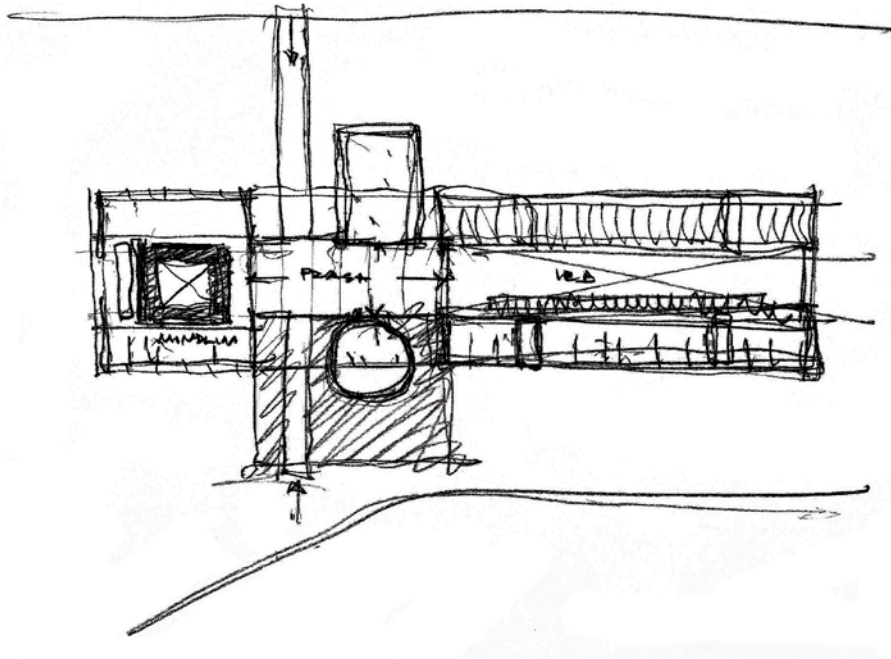


Fig. 8. Projeto do prédio de Eduardo Almeida e Rodrigo Mindlin Loeb.

de Yale, nos Estados Unidos, e a Biblioteca de Sainte-Geneviève, de Paris, na França. A Library of Congress (Biblioteca do Congresso), de Washington, foi consultada para definir diretrizes de conservação das obras.

O projeto exigiu enorme empenho da comissão de implantação para captação de recursos – em torno de R\$ 130 milhões. Além dos recursos orçamentários da USP, a construção do edifício contou com o apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Lampadia, do Programa de Ação (Proac) da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, de emendas parlamentares do senador Eduardo Suplicy e do BNDES. Com o patrocínio e por meio da Lei Rouanet, também contribuíram Petrobras, CBMM, CSN, Fundação Telefônica, Suzano Papel e Celulose, Fundação Votorantim, Grupo Santander, Natura, CPFL, Cosan e Raizen. O gerenciamento da obra ficou sob a responsabilidade da Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp), em parceria com a Superintendência do Espaço Físico (SEF) da USP.

Inaugurado em 23 de março de 2013, o Espaço Brasiliana passou a ser um dos mais modernos prédios do *campus*, um cartão-postal para a USP,

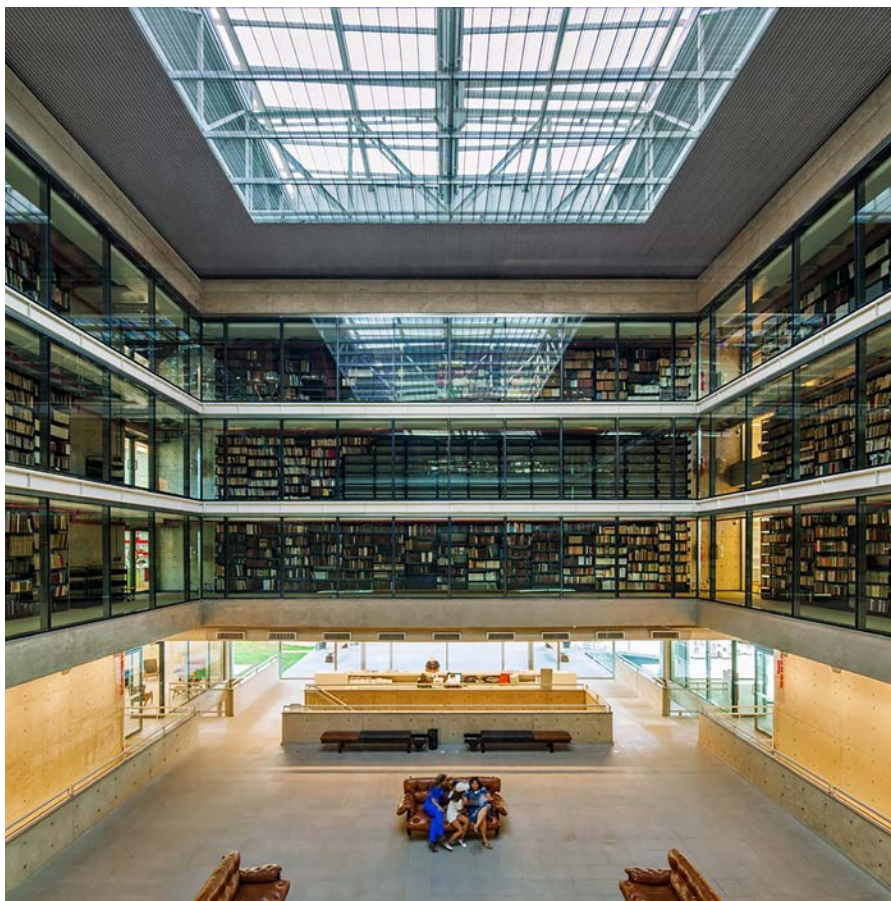


Fig. 9. Parte interna da BBM, com os sessenta mil livros doados pela família Mindlin.

com ambientes cuidadosamente pensados para todas as finalidades da biblioteca. O acervo da Biblioteca Brasileira Mindlin está abrigado em três mezaninos, que podem ser vistos de seu átrio. A estrutura do prédio prioriza a entrada de luz natural, promovendo economia de energia, além de possuir células fotoelétricas instaladas para a captação da energia solar, uma das melhores formas de produção de energia limpa.

Uma reserva técnica com capacidade para cerca de noventa mil itens bibliográficos, periódicos e arquivísticos foi concebida para acolher a expansão do acervo da biblioteca, garantindo o desejo de seu doador de que a biblioteca deve ser viva. Dois laboratórios, o de conservação preventiva e o de digitalização, atuam na preservação e na divulgação virtual do

acervo. A estrutura da BBM conta também com duas salas de leitura – uma de acesso livre, no piso térreo, e outra destinada à consulta das obras do acervo, no primeiro andar – e duas salas de exposições.

A produção e divulgação de pesquisas em assuntos brasileiros está equipada com uma sala que abriga gabinetes destinados a pesquisadores associados e residentes e com uma sala para realização de eventos acadêmicos, que está preparada também para realizar apresentações musicais.

Hoje, a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin está completamente integrada à paisagem e à rotina da universidade, concretizando o propósito dos seus doadores para a formação da biblioteca e para sua doação à USP: a produção e difusão de conhecimento para as futuras gerações.

3. A governança da BBM

Paralelamente aos entendimentos legais sobre a doação e a superação dos desafios materiais para a construção do prédio, uma nova questão precisou ser enfrentada para a consolidação da gestão e governança da biblioteca: qual seria a estrutura da nova instituição dentro do organograma da universidade?

A decisão foi de que a biblioteca passaria a ser abrigada dentro da estrutura da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP (PRCEU), que já era responsável por outros espaços culturais da universidade, tais como o Centro de Preservação Cultural e o Centro Universitário Maria Antonia.

Como lembra Nina Ranieri, o primeiro regimento, aprovado em dezembro de 2004, exigiu uma visão bastante ousada, para que a USP pudesse receber aquele patrimônio cultural preservando o legado da família, mas ajustando-o às regras e rotinas da universidade. Era preciso buscar um novo modelo de gestão¹⁰.

A Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, como passou a ser oficialmente denominada, seria um órgão diferente de outros da USP: não seria uma unidade, tampouco instituto especializado como os museus da universidade.

10. Depoimento apresentado na seção de encerramento do Seminário BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva.

A constituição do Conselho Deliberativo, presidido pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, tendo na sua composição os doadores, bem como representantes da família, inaugurava um novo modelo de governança no contexto da gestão universitária.

Conforme o primeiro regimento de 2004, o novo órgão da PRCEU seria composto por uma diretoria transitória, responsável pelo processo de captação dos recursos e de construção do prédio. Somente com a definitiva instalação do acervo os membros do Conselho Deliberativo seriam empossados. Composto inicialmente por vinte membros, o regimento previa a presença dos próprios doadores, Guita e José, ou de dois de seus filhos, mais oito representantes da família, sendo elegíveis também pessoas sem vínculo formal com a universidade¹¹.

A inovadora estrutura de governança da BBM tornou-se instrumento central para a concretização do projeto, um modelo único dentro da USP, na medida em que permitia estabelecer diálogo entre representantes da universidade, a família e membros da sociedade civil. Recebendo novas demandas e expectativas, nem sempre coincidentes com as da universidade, a BBM internalizou um novo instrumento de gestão do processo decisório, o qual exigiria maior acuidade com seus relatórios e o estabelecimento de métricas de monitoramento e avaliação, como também abria portas para estreitar e fortalecer as relações com instituições externas à USP. Um modelo inovador, ainda não usado em outros contextos, mas com potencial para estimular e viabilizar novas parcerias e doações, expandindo a presença da biblioteca.

Com a aprovação de um novo regimento, em fevereiro de 2016, a composição do Conselho Deliberativo foi reduzida para treze conselheiros, preservando a participação da família e de seus representantes¹². Por outro lado, o novo regimento implementou o organograma da instituição, que, além de seu órgão máximo, o Conselho Deliberativo, passou a ser composto por dois comitês assessores: o Comitê Acadêmico, para promoção das políticas culturais e acadêmicas da biblioteca, e o Comitê Financeiro, para acompanhamento do planejamento e da execução orça-

11. Regimento da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Resolução n. 5172, de 23 de dezembro de 2004.

12. Regimento da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Resolução n° 7167, de 16 de fevereiro de 2016.

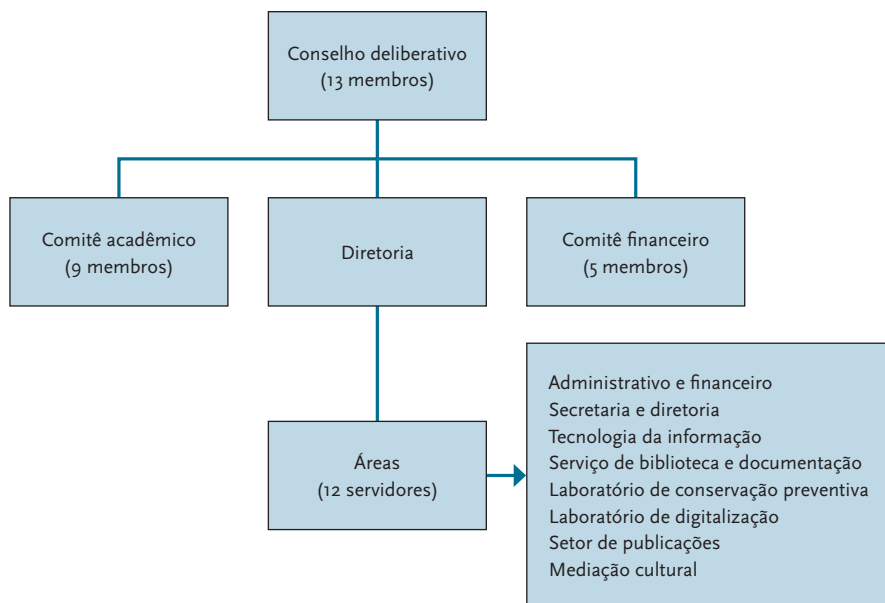


Fig. 10. Organograma da BBM (Regimento de fevereiro de 2016).

mentária. Desta forma, a administração da BBM ganhou organicidade, assegurando a eficiência e a agilidade das ações e decisões.

O regimento de 2016 também criava outro instrumento decisivo para a gestão da Biblioteca, com a definição de suas três finalidades: I. conservar e divulgar o acervo e facilitar o seu acesso a estudantes e pesquisadores; II. proporcionar irrestrito acesso de seu acervo digital ao público em geral; III. promover a disseminação de estudos de assuntos brasileiros por meio de programas e projetos específicos.

Essas finalidades estruturam o desenho da instituição, organizada em áreas e com atuação de servidores em atividades-fim e atividades-meio. Entre as atividades-meio, destacam-se aquelas de apoio à direção, administração, finanças, tecnologia da informação e manutenção predial, seguindo as rotinas da Universidade de São Paulo e atuando a partir das diretrizes aprovadas pelo Conselho Deliberativo.

Ainda como parte das atividades-meio, para atender às demandas prediais do Espaço Brasileira, foi criado o Escritório de Gestão e Administração Predial (Egap), que reúne os representantes da BBM, do IEB e da Edusp, responsáveis pela manutenção do prédio e pela elaboração de

projetos voltados para a conservação e os cuidados com esse valioso espaço físico da USP. Com a aprovação da alínea 112 no orçamento da universidade, destinando recursos para a manutenção do Espaço Brasiliana, o Egap passou a ter maior autonomia.

Entre as atividades-fim, por outro lado, para atender à finalidade de conservação e acesso ao acervo, a BBM mantém o Laboratório de Conservação Preventiva Guita Mindlin, que enraíza na instituição o legado da doadora em torno da preservação do acervo. Adicionalmente, o Setor de Biblioteca e Documentação atua diretamente com as coleções, lidando com os serviços internos de desenvolvimento de coleção e, acima de tudo, oferecendo o serviço de consulta aos livros da biblioteca, na Sala Rubens Borba de Moraes, para todo e qualquer usuário interessado.

Com a finalidade II, proporcionar o irrestrito acesso ao acervo por meio da biblioteca digital, atua mais diretamente o Laboratório de Digitalização, responsável pela elaboração dos arquivos digitais, disponibilizados no site da BBM, interface da instituição com o Brasil e o mundo. Evidentemente que a tarefa exige uma complexa rotina, pactuada entre os setores, que promove a curadoria das obras a serem digitalizadas, a conservação, digitalização e inserção das obras na Biblioteca Digital.

À frente da finalidade III, disseminação de estudos brasileiros, estão os setores de Mediação Cultural e de Publicações, que acompanham os projetos voltados aos estudos brasileiros, tais como a curadoria de exposições, a promoção de seminários, a realização de visitas monitoradas ao acervo e a definição de uma política de publicações.

Apoiando todas essas atividades da BBM, anualmente são selecionados estudantes das mais diversas unidades da USP como bolsistas e estagiários. A presença dos estudantes na Biblioteca não somente permite o cumprimento da rotina de trabalho da instituição, mas, ao estreitar o diálogo com as novas gerações da universidade, também estimula a reflexão sobre o papel da biblioteca como instituição pública, de pesquisa e extensão universitária.

Em suma, a Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin nasceu com a ambição de se tornar uma referência na preservação e disseminação de seu acervo; com a formação de uma robusta estrutura material, consolidada no magnífico edifício; com um modelo de governança original para a USP, que permite uma gestão compartilhada entre membros da

universidade, da família e de representantes externos à universidade, o que faz de seu Conselho Deliberativo um espaço privilegiado para construir projetos e definir a política da instituição; com uma equipe de servidores qualificados para manter a rotina e a memória dos fluxos e processos da biblioteca, de modo a promover os planos de exteriorização do acervo, como também formar gerações de estudantes da universidade que, como estagiários e bolsistas, renovam a dinâmica e a vida dos processos e projetos da BBM.

4. De acervo privado a biblioteca pública

Uma das peculiaridades da BBM consiste na transferência – vale notar que muito pouco usual no Brasil – de um extraordinário acervo de obras raras do âmbito privado para o espaço de uma universidade pública.

A vinda da coleção para esse espaço dinâmico e complexo, frequentado diariamente por dezenas de milhares de pessoas, exigiu a criação de protocolos de conservação, catalogação, digitalização e consulta do material. Exigiu também a construção de infraestrutura adequada para acomodar o acervo e deu origem ao Espaço Brasiliana, que passou a abrigar o IEB, a Livraria da Edusp e a BBM.

A partir de então, com uma estrutura material e humana adequada para receber a coleção, como também com os instrumentos de governança estabelecidos para gerir a biblioteca, era chegado o momento de se valer da interação do acervo com a universidade, para potencializar a riqueza daquele patrimônio.

Neste sentido, a BBM tem atuado como um centro interdisciplinar de documentação, pesquisa e difusão científica de estudos brasileiros, da cultura do livro, da tecnologia da informação e das humanidades digitais, tornando-se um órgão de integração de diversas iniciativas acadêmicas, de interesse intersetorial e transdisciplinar.

A abertura para o público acadêmico propiciou a identificação, descrição e divulgação de subconjuntos da coleção, conferindo maior inteligibilidade a ela, criando novos focos de interesse e incentivando a produção de conhecimento. Ao longo desses anos na USP, pesquisadores de várias áreas identificaram no acervo materiais dos e sobre os viajan-

tes que percorreram a América do Sul entre os séculos XVI e XVIII; uma coleção importante de obras do modernismo paulista, que vem permitindo reavaliar os sentidos, a amplitude e a atualidade do movimento em São Paulo e no Brasil; e uma coleção completa de primeiras edições de Machado de Assis.

Os resultados desse trabalho sinalizam para leitores e pesquisadores da universidade e externos a ela o potencial de pesquisa e conhecimento oferecido por uma coleção de obras raras do porte e da qualidade dessa conservada pela BBM. As investigações resultaram em exposições, palestras, simpósios e *workshops*, sempre gratuitos e abertos ao público em geral, reunindo estudiosos de várias partes do país e do mundo.

Desde antes de sua inauguração, em 2013, a BBM encampou o desafio de realizar um projeto vigoroso de digitalização do seu acervo, tornando-se referência para pesquisadores e leitores interessados em assuntos relacionados ao Brasil. Tendo como prioridade a “ampla disseminação” do acervo, com apoio da Fapesp, por meio do projeto Por uma Biblioteca Brasileira Digital, a biblioteca implantou o Laboratório de Digitalização, que, desde agosto de 2008, passou a operar em parte na casa de José Mindlin, em parte no barracão da obra na USP, até ser definitivamente instalado no novo prédio.

O projeto foi fortalecido com o convênio firmado, em março de 2010, com o Programa Cultura e Pensamento do Ministério da Cultura, para a formação de um Acervo Digital das Revistas Culturais Brasileiras no site da Biblioteca Brasileira. Naquele contexto, como iniciativa da USP e do Minc, realizou-se o Simpósio Internacional de Políticas Públicas para Acervos Digitais, em que o ministro da Cultura, Juca Ferreira, e o reitor da USP, professor João Grandino Rodas, assinavam juntos o texto para a abertura do seminário sobre o futuro das bibliotecas:

No contexto contemporâneo de desenvolvimento de uma sociedade da informação e de expansão da economia da cultura e da cultura digital no Brasil, é imperativo definir uma política pública para a digitalização de acervos memoriais (referentes ao patrimônio cultural, histórico e artístico brasileiros). [...] A Brasileira USP, projeto da reitoria da Universidade de São Paulo, vem recebendo apoio estratégico do Ministério da Cultura (mas também da Fapesp, do BNDES e de patrocinadores como a Petrobras) com o objetivo de ampliar o acesso ao

Machado de Assis

Primeiras edições e raridades



Fig. 11. Machado de Assis: Primeiras Edições. Exposição presencial e virtual.

acervo do qual a USP é guardiã – com destaque para a Biblioteca de Guita e José Mindlin – e também um modelo de biblioteca digital que possa ser compartilhado e servir de plataforma para outras iniciativas. [...] Para o Ministério da Cultura, investir em projetos como a Brasileira USP e em instituições como a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin é uma demonstração de que é possível superar a falsa contradição entre promover a excelência e democratizar o acesso da população aos bens e equipamentos culturais no Brasil¹³.

Hoje, a Biblioteca Digital disponibiliza de forma gratuita e universal 3 372 documentos raríssimos, entre livros, periódicos, imagens e mapas. Esses materiais podem ser acessados 24 horas por dia, sete dias por semana, de qualquer lugar do mundo. Em média, são cerca de 1,5 milhão de acessos por ano, que atingiram um pico no ano de 2020, quando foram registradas quase três milhões de consultas à Biblioteca Digital.

Por meio da constituição de seu acervo digital, a BBM passou a compartilhar seus objetos digitais com outras instituições. Em projetos como a

13. *Jornal da Tarde*, 3.11.2010.



Fig. 12. Exposição 200 Livros para Pensar o Brasil.



Fig. 13. Exposição BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva.

Brasileira Iconográfica – convênio com o Instituto Moreira Salles, Pinacoteca, Itaú Cultural e Biblioteca Nacional – e o Portal de Revistas de Ideias e Cultura, para o estudo das revistas modernistas brasileiras e portuguesas – convênio com a Universidade Nova de Lisboa –, a BBM estabelece diálogos de seu acervo com outros, assim como encontra novos leitores.

Desde 2015, a BBM acolhe, por meio de editais, pesquisadores residentes para desenvolver projetos de curta, média e longa duração com temas

afins aos da coleção. O contato de estudiosos com o acervo não só produz conhecimento especializado em várias áreas do saber, mas também revela e chama atenção para dimensões até então desconhecidas desse material, abrindo novas frentes e possibilidades de estudo.

Esses esforços de ampliação do alcance da biblioteca e de aprofundamento do seu potencial como centro de pesquisa e produção de conhecimento resultaram em dezenas de exposições presenciais e virtuais, assim como em publicações, impressas e digitais.

Para ilustrar, vale destacar a relevância da curadoria de exposições como Machado de Assis: Primeiras Edições e 200 Livros para Pensar o Brasil. Enquanto a primeira descortinou, a partir de todas as primeiras edições publicadas por Machado de Assis em vida, as redes de relações e o universo da produção literária desse autor central da literatura brasileira, a segunda percorreu tanto as obras clássicas de nossa literatura e pensamento social como aquelas renegadas, apagadas e esquecidas pelo cânone, mas que também oferecem fundamentais instrumentos de pesquisa para se pensar o país. Duas exposições que desvelam dimensões e potenciais da biblioteca, aprofundando a potencialidade da coleção, ao explorar perspectivas ainda pouco conhecidas, como também olhando para o futuro da coleção, refletindo sobre o que se espera de um acervo de brasileira para as gerações vindouras.

O setor de publicações, implantado em 2017, possui um catálogo com mais de trinta obras publicadas, disseminando resultados de projetos e de seminários realizados dentro da BBM, tais como sobre o modernismo, a Independência do Brasil e temáticas associadas ao universo da leitura e do livro. Por meio da publicação de livros, produzidos mediante o trabalho de estudantes da USP e com recursos do orçamento da biblioteca, ou quando possível por meio de parcerias com editoras, tais como a Edusp ou as Edições Sesc, o selo Publicações BBM tem sido um instrumento decisivo para a disseminação dos projetos desenvolvidos dentro da biblioteca.

A Biblioteca também abriu espaço para a reflexão sobre temas e práticas decisivas para a formação de acervos como o seu, associado ao conceito de brasileira. É o caso do colecionismo, que envolve muitos agentes (críticos, professores, bibliotecários, encadernadores, restauradores etc.), e da constituição de redes de sociabilidade em torno do livro, atividades tão marcantes na dinâmica cultural do século xx.

À época de sua inauguração, em 2013, a BBM organizou o primeiro seminário Brasileira, Brasilianas e, no ano seguinte, a Jornada de Estudos Rubens Borba de Moraes. Ao homenagear o bibliófilo e responsável pela canonização do conceito, o seminário propunha “discutir a validade e a atualidade do conceito de brasileira na formação de coleções especializadas e na pesquisa bibliográfica contemporânea”¹⁴. Chamava atenção, naquela altura, o desafiador projeto de digitalização e de formação da biblioteca digital, num contexto de crescente utilização da expressão “brasileira” para designar os acervos e coleções de livros raros sobre o Brasil.

O tema que esteve presente na rotina da biblioteca, por meio do desenvolvimento de projetos de estudos, da seleção das obras para o fluxo de digitalização e da elaboração de pareceres sobre as propostas de doações recebidas na BBM, recebeu novo esforço de síntese com o segundo seminário Brasileira, Brasilianas, realizado em fevereiro de 2022¹⁵. Quase uma década depois da inauguração do edifício da biblioteca na USP, novas questões perpassaram as contribuições desta segunda edição do evento. Com a frase “Que Brasil é esse que estamos querendo endereçar com o conceito de brasileira?”, Miguel Palmeira, então membro do Comitê Acadêmico da BBM, captou a essência das comunicações realizadas ao longo de seis mesas-redondas. Conforme sua exposição, estabelecer os critérios que definem o que precisamos ler, guardar e preservar para pensar o Brasil é um ato político, uma luta que exige refletir sobre quem são os enunciadores da sociedade que acabam formando nossas brasileiras.

Com essas questões em pauta, a biblioteca completou a primeira infância de olho em sua maioridade. Uma década em que o acervo privado se consolidou como uma biblioteca universitária e pública. Preservando a essência do legado deixado pelo casal Guita e José Mindlin, da preservação da coleção à promoção de projetos voltados à “inoculação” do vírus da leitura, cada dia mais, a instituição enfrenta o desafio de responder tanto às demandas acadêmicas quanto às expectativas da sociedade contemporânea.

14. Leila Kiyomura, “Jornada de Estudos Promove Reflexão sobre o Conceito de Brasileira”, *Jornal da USP*, 12.11.2014.

15. O seminário, organizado sob a direção de Carlos Zeron, contou com seis mesas, e todas as comunicações estão disponíveis no canal do YouTube da BBM.



JEAN-JACQUES ARMAND VIDAL

A CERÂMICA DO POVO **PAITER SURUI** DE RONDÔNIA

Continuidade e Mudança Cultural, 1970-2010

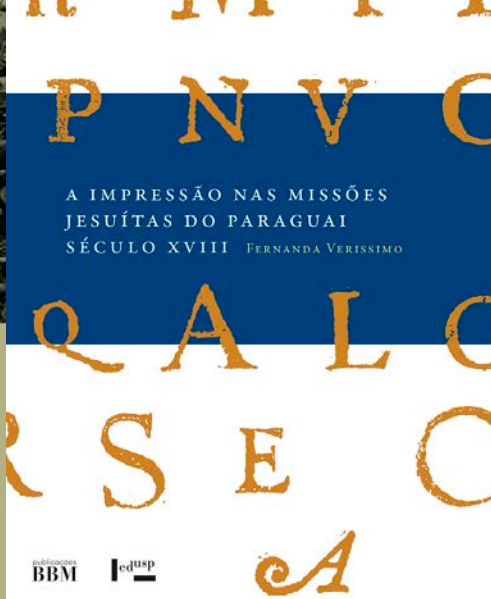


arquivo
Zila Mamede
inventário

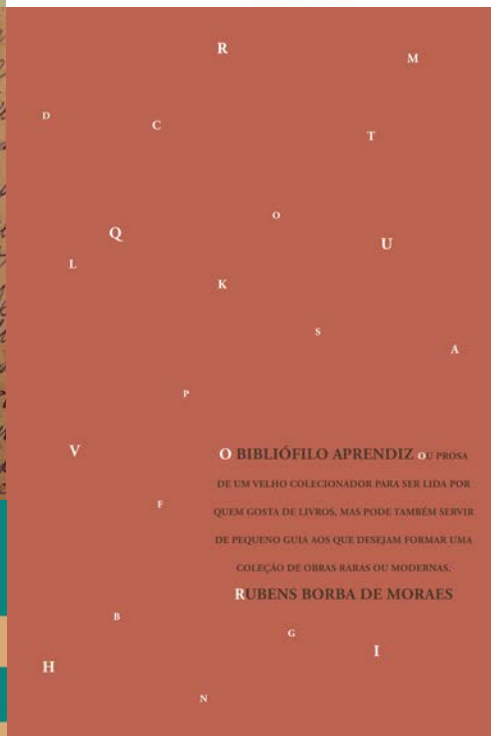
Biblioteca Brasileira Mindlin



Fig. 14. Publicações BBM.



A IMPRESSÃO NAS MISSÕES
JESUÍTAS DO PARAGUAI
SÉCULO XVIII FERNANDA VERISSIMO

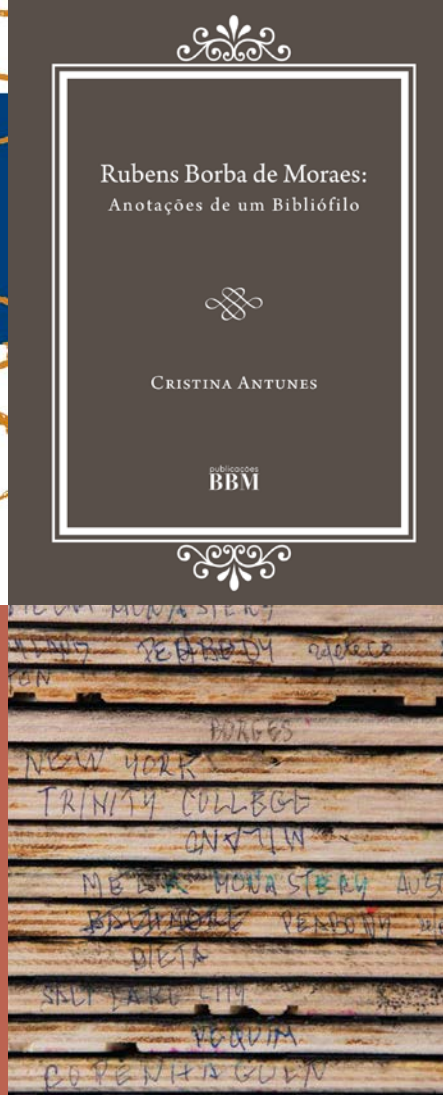


O BIBLIÓFILO APRENDIZ OU PROSA
DE UM VELHO COLECIONADOR PARA SER LIDA POR
QUEM GOSTA DE LIVROS, MAS PODE TAMBÉM SERVIR
DE PEQUENO GUIA AOS QUE DESEJAM FORMAR UMA
COLEÇÃO DE OBRAS RARAS OU MODERNAS.
RUBENS BORBA DE MORAES



Dicionário da
Independência do Brasil
HISTÓRIA, MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA

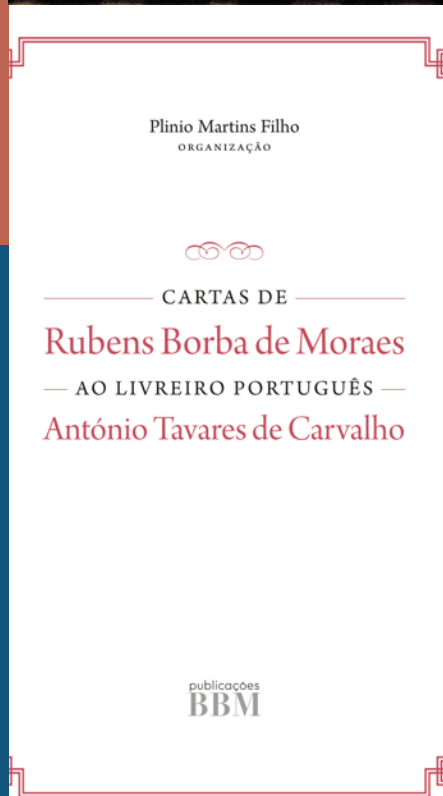
ORGANIZADORES
Cecília Helena de Salles Oliveira
João Paulo Pimenta



Rubens Borba de Moraes:
Anotações de um Bibliófilo



CRISTINA ANTUNES



Plínio Martins Filho
ORGANIZAÇÃO



CARTAS DE

Rubens Borba de Moraes
— AO LIVREIRO PORTUGUÊS —
Antônio Tavares de Carvalho



DE PEN DÊN CIA

Memória e Historiografia



LIVROS INFANTIS VELHOS & ESQUECIDOS

GABRIELA PELLEGRINO SOARES
PATRICIA TAVARES RAFFAINI
ORGANIZADORAS



publicações
BBM

(org.)

MODERNISMO E OS OUTROS LADOS

O LADO OPOSTO

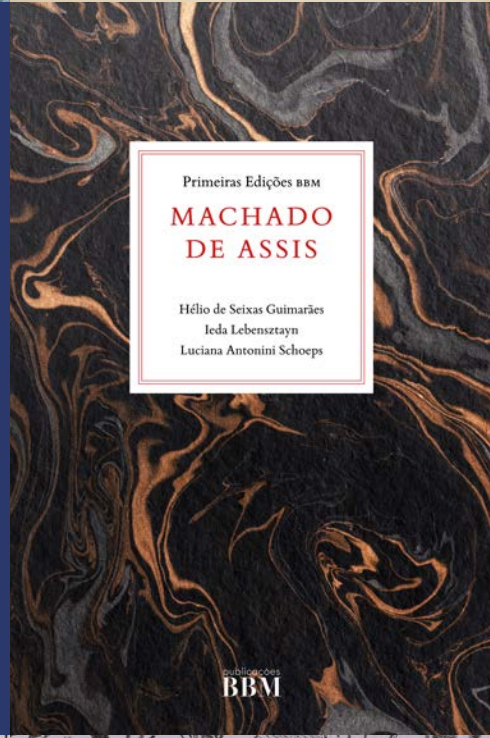


O dilema cosmopolita versus nacional nas vanguardas latino-americanas

Uma comparação entre a *Revista da Antropofagia* e a *Martín Fierro*

Helaine Queiroz

publicações
BBM



Primeiras Edições BBM MACHADO DE ASSIS

Hélio de Seixas Guimarães
Ieda Lebensztayn
Luciana Antonini Schoeps

publicações
BBM



revista BBM

Biblioteca Brasileira
Guita e José Mindlin
da Universidade de São Paulo

ISSN 0035-0822
N. 02 - JULHO - DEZEMBRO 2022

DOSSÊ VIAJANTES
Representações e Políticas Transatlânticas
Fred Assunção de Azeite (1906-1996)

Yanos sobre o Memorialismo
nos Estados Unidos e o Exílio Cultural
O Comandante de Maria Garcia e Tania

RAROS E RARÍSSIMOS
Frédéric Meyers

GRALHAS, PASTÊIS E AFINS
Gratulas em Machado de Assis

MEMÓRIA
Biblioteca Mindlin

PUBLICAÇÕES BBM
A História das Publicações em Português
do País e a Ingresso de Carolina Pappeo

revista BBM

ISSN 0035-0822
N. 02 - JANEIRO - JUNHO 2022

DOSSÊ BIBLIOPHILIA –
CIRCUITOS E MEMÓRIAS
Desvendando o Colecionismo
Em Busca de Bibliófilos Esquecidos
O Amador Sombra das Letras
Bibliófilas e Non-Resignatus

RAROS E RARÍSSIMOS

NUMOS ATUAIS E FUTURO
DA CONSERVAÇÃO NO BRASIL
HOMENAGEM A GUITA MINDLIN

ESTUDOS BBM

MEMÓRIA
PUBLICAÇÕES BBM

revista BBM

ISSN 0035-0822
N. 03 - JANEIRO - DEZEMBRO 2022

DOSSÊ REVISTAS DO BRASIL
Revista Brasileira
O Anverso de Revistas de aviação
Revistas Ilustradas em Cartões
Revistas Capituladas
Impressos em Brasil
Revista de Edele
Paratextos

ESTUDOS BBM

GRALHAS, PASTÊIS E AFINS

MEMÓRIA

PUBLICAÇÕES BBM

revista BBM

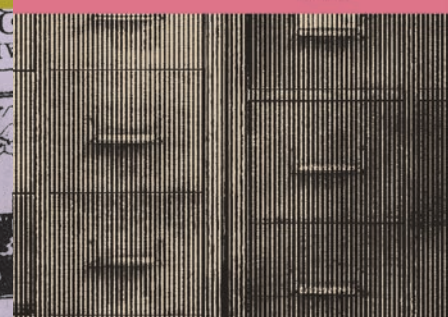
ISSN 0035-0822
N. 04 - JULHO - DEZEMBRO 2022

Biblioteca Brasileira
Guita e José Mindlin
da Universidade de São Paulo

DOSSÊ ACERVOS E
PRÁTICAS DE CONHECIMENTO
SABERES E HISTÓRIAS EM ANTHROPOLOGIA
Navegando no Arquivo da Ciência
Uma Antropologia's Adventure
in the Archives
Conexões Afro-Atlânticas
Rio Grande em Legados de História
A Espinha do Arco e o Pálio
Evolving Mappings
Quem Pinta a Cabeça?
Visões de um Arquivo Pressed

ESTUDOS BBM

MEMÓRIA



5. O futuro

Uma instituição que traz no seu nome as palavras “biblioteca” e “brasileliana” tem a responsabilidade e o desafio de propor e acolher uma reflexão sobre as novas dimensões que tais termos ganham neste momento de revisão dos sentidos dos materiais impressos e do próprio Brasil.

Cabe pensar, por exemplo, o lugar dos manuscritos e dos impressos em um momento em que os suportes digitais se tornam os principais meios de difusão de informação e opinião, o que ocorre em alcance e velocidade inéditos. Cabe também pensar nos novos sentidos que documentos e livros que serviram de referência para as interpretações do Brasil, definindo para várias gerações o que era ou o que deveria ser o país, adquirem neste tempo, o nosso tempo, em que a diversidade de interesses põe em xeque qualquer noção unívoca do que sejam “o Brasil” e “o nacional”.

Diante disso, vale perguntar: como uma biblioteca de livros raros pode responder às demandas e aos anseios de uma comunidade leitora cada vez mais diversa e mais habituada aos suportes digitais? Como os materiais que ela guarda podem servir ao debate qualificado sobre as múltiplas e novas formas de entender o país?

Desde a inauguração de sua sede na USP, a BBM tem se empenhado em definir uma política de desenvolvimento de coleções que dê continuidade ao projeto originário de José Mindlin e também olhe para o futuro, mantendo o lema de uma “biblioteca viva”.

No que diz respeito ao primeiro objetivo, a instituição fomenta uma minuciosa pesquisa dos recortes temáticos da coleção, para identificar itens ausentes, autoras e autores não contemplados, amplificando as possíveis leituras sobre o Brasil. Por outro lado, mantendo a permanente e vigilante conexão com a sociedade, a BBM assume sua responsabilidade de contribuir para a preservação do patrimônio cultural brasileiro contemporâneo.

Para a expansão do seu acervo, a Biblioteca mantém uma concepção sensível às diversas camadas de interações que a atravessam: entre os livros que a compõem, entre a coleção BBM e coleções afins, entre a coleção e seus públicos, entre o Brasil e, por exemplo, outras nações (e/ou agrupamentos sub e supranacionais). Isso permite ainda definir políticas de preservação, valorização, divulgação em função de um risco potencial de

extinção de documentos, seja pelo seu silenciamento na dinâmica de gestão do acervo, seja pelo seu efetivo desaparecimento material.

A BBM, portanto, conservando a identidade da doação de uma brasileira de livros raros, continua expandindo seu acervo. Esse processo de preservação de patrimônio é ampliado tanto por meio de buscas ativas da instituição, no intuito de encontrar materiais que possam completar o acervo recebido pelo casal Mindlin, como por meio de novas doações que são oferecidas e avaliadas pela biblioteca.

Nos últimos anos a BBM tem recebido crescentes propostas de doações que reforçam a imagem da instituição como exemplar na conservação e na disseminação de seus acervos. Vale destacar alguns dos últimos conjuntos recebidos, como os de Gordon Brotherston e de Gerard Loeb. O primeiro, formado por um especialista em códices mesoamericanos, permite complexificar o olhar sobre a América pré-colonial, inserindo os povos ameríndios num quadro amplo de circulação de experiências e interações; o segundo, por outro lado, oferece aproximadamente quinhentos livros e catálogos de exposições, que mapeiam a circulação da arte brasileira no país e mundo.

Finalmente, nos meses finais de 2023, a BBM avançou no processo de recebimento de uma das mais expressivas doações desde sua chegada à USP. Trata-se da coleção formada por Sinésio de Siqueira Filho, composta por quatro mil livros sobre a Guerra do Paraguai em suas dimensões econômicas, sociais e naturais da Bacia do Prata. Uma coleção sobre a Guerra, constituída por um bibliófilo e que será doada à USP, em um grande projeto que inclui aquisição, higienização, catalogação e divulgação do acervo, financiado por apoiadores da BBM que, como Mindlin, acreditam na preservação dos livros como um patrimônio da sociedade brasileira. As obras, muitas publicadas contemporaneamente ao conflito, constituem um conjunto orgânico, raro e único, que dialoga com a Coleção Cisplatina de José Mindlin e colocará a BBM entre as principais referências sobre a história da Guerra do Paraguai e a região do Prata.



Fig. 15. Logotipo comemorativo dos dez anos da BBM.



Fig. 16. Espaço Brasiliana (BBM à esquerda, IEB à direita e Auditório István Jancsó no centro).

O trabalho de formação do acervo, não obstante, será sempre parcial. Ao completar os seus dez anos de abertura ao público na Cidade Universitária, a BBM acredita que o futuro das brasileiras passa pelo trabalho cooperativo e em rede das várias instituições do Brasil e do mundo que têm em seus acervos importantes obras brasileiras e sobre o Brasil. Por isso, mantém parcerias com a Library of Congress, The John Carter Brown Library, Biblioteca Nacional de Portugal, Ministério da Cultura, Instituto Moreira Salles, Biblioteca Mário de Andrade e Instituto Hercule Florence.

Hoje, mais de duas décadas depois destas decisões preliminares, a BBM é um dos mais belos edifícios do *campus* do Butantã. Toda boa biblioteca, em seu conjunto, é guardiã e testemunha da história do país em que está sediada. A prática oficial de reunir e catalogar livros para a consulta pública iniciou-se na França, e este fato garantiu à cidade de Paris o título de capital mundial da cultura. Desde então, estes locais de reflexão e estudos associam-se fortemente ao desenvolvimento cultural de pessoas e nações.

Nesse sentido, os itens da coleção deixam de ser pensados em função apenas de sua raridade e passam a ser pensados como tudo aquilo que, sendo único, singular, escasso ou em processo de escasseamento, está associado a processos de silenciamento do passado e da memória de grupos sociais que fizeram ou fazem parte do Brasil. Em resumo, a atenção da BBM em relação aos seus documentos atuais e futuros deve ser proporcional a seu risco potencial de extinção, tendo como base uma visão complexa, múltipla e diversa do que seja “o Brasil”.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Cristina (org.). *Anotações de um Bibliófilo*. São Paulo, Publicações BBM, 2017.
- LOEB, Lúcia Mindlin (org.). *Para a Tão Falada Biblioteca José e Guita Mindlin: Dedicatórias*. São Paulo, Edusp, 2013.
- MARTINS FILHO, Plínio (org.). *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português Antônio Tavares de Carvalho*. São Paulo, Publicações BBM, 2018.
- MINDLIN, José. *Destaques da Biblioteca InDisciplinada de Guita e José Mindlin*. São Paulo/Rio de Janeiro, Edusp/Fapesp/Biblioteca Nacional, 2005.
- _____. *Destaques da Biblioteca InDisciplinada de Guita e José Mindlin*. 2. ed. São Paulo, Publicações BBM/Edusp, 2013.
- _____. *No Mundo dos Livros*. São Paulo, Agir, 2009.
- _____. *Uma Vida entre Livros*. São Paulo, Edusp/Companhia das Letras, 1997.
- MORAES, Rubens Borba de. *Bibliographia Brasiliana: A Bibliographical Essay of Rare Books about Brazil Published from 1504 to 1900 and Works of Brazilian Authors Published Abroad Before the Independence of Brazil in 1822*. Amsterdam/Rio de Janeiro, Colibris, 1958.
- _____. *O Bibliófilo Aprendiz*. 5. ed. São Paulo, Publicações BBM, 2018.

Cronologia

- 1999** Cerimônia na Sala dos Atos da Reitoria da USP em que Guita e José Mindlin firmam o protocolo para doação de sua biblioteca à Universidade (18.8.1999).
- 2000** Homologação da doação do terreno pelo Conselho Universitário da USP para sediar a BBM (29.8.2000).
- 2004** Resolução n. 5172, de 23 de dezembro, baixa o Regimento da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.
- 2006** Criação da Comissão de Implantação e início do funcionamento, com apoio da Fundação Lampadia e da Petrobras, por meio do Ministério da Cultura.
- 2006** Doação, em 17 de maio, da coleção pela família Mindlin à USP.
- 2006** Lançamento, no dia 7 de dezembro, da pedra fundamental da biblioteca na USP com a presença do Ministro da Cultura Gilberto Gil.
- 2010** Uso da casa de José Mindlin é cedido, em setembro, em comodato à USP, que passa a assumir os custos de manutenção do espaço onde está a coleção doada. Início do projeto de digitalização das obras raras do acervo.
- 2012** Credenciamento da biblioteca no Sistema Integrado de Bibliotecas da USP em 31 de outubro.
- 2013** Inauguração do prédio na USP em 23 de março, com a mostra Destaques da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Em 20 de junho, primeira reunião do Conselho Deliberativo da Biblioteca.
- 2015** Lançamento da primeira chamada para Pesquisador Associado USP-BBM e do Programa de Residência em Pesquisa, em abril.
- 2016** Aprovação de novo Regimento da BBM em 16 de fevereiro de 2016, com a criação dos Comitês Acadêmico e Financeiro.
- 2017** Criação do setor Publicações BBM, sob coordenação do editor Plínio Martins Filho.
- 2023** Realização do Seminário e abertura da Exposição BBM 10 Anos: Uma Biblioteca Viva.

V. Museu Paulista: Doações que Renovam Perspectivas Institucionais

PAULO CÉSAR GARCEZ MARINS¹

SOLANGE FERRAZ DE LIMA²

A trajetória do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, desde o seu estabelecimento em 1893 como instituição estadual ainda ligada à Secretaria do Interior, é profundamente ligada a um processo colaborativo de formação de seu acervo, em que as doações foram e ainda são a base para a ampliação sucessiva das coleções que reuniu ao longo de 130 anos. Mais recentemente, como veremos, essa característica se estendeu à própria expansão e restauração de seu edifício-sede em São Paulo, reinaugurado publicamente em 7 de setembro de 2022, no dia em que se comemorou o Bicentenário da Independência do Brasil.

Pode-se mesmo identificar na própria construção desse edifício as raízes mais distantes da uma relação cidadã e também afetiva em partilhar socialmente a responsabilidade em torno do marco simbólico do Ipiranga e da Independência. Para a construção do Monumento à Independência, projetado pelo arquiteto italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, foram muito relevantes as chamadas loterias da Independência, em que a população comprava bilhetes para ajudar na campanha financeira para a construção do edifício erguido entre 1885 e 1890 no então distante arra-

1. Museu Paulista/USP.

2. Museu Paulista/USP.



Fig. 1. Guilherme Gaensly. Museu do Ipiranga, fotografia, c. 1890. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo.

balde do Ipiranga. Ainda que os fundos provinciais e imperiais fossem majoritários tanto para a obra de arquitetura como para a execução da tela *Independência ou Morte!*, de Pedro Américo de Figueiredo e Mello, a colaboração do súditos paulistas marcou o início do gesto contínuo de sustentar solidariamente a constituição do Ipiranga como um marco simbólico privilegiado no cenário nacional.

A decisão das autoridades republicanas em atribuir ao Monumento à Independência, herdado do período imperial, uma nova função social, científica e educativa, determinou a conversão do edifício para abrigar o



Fig. 2. Bilhete de loteria para apoiar a construção do Museu do Ipiranga. Paulo Robin & Cia, litografia, 1884. Coleção Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

Museu Paulista, ali instituído em 1893. Aberto ao público sobretudo como um museu de história natural, disciplina em que as coleções eram coletadas por meio de servidores contratados pelo Estado, a instituição também atuava como museu histórico e ainda como galeria artística. Foi nesses dois últimos âmbitos que se forjou a prática contínua de doações de coleções para a instituição por membros da sociedade paulista. O núcleo inicial da coleção histórica, e pode-se dizer também da coleção natural, havia sido doada ainda em 1890, antes da criação do Museu do Estado, depois denominado Museu Paulista. Trata-se da coleção do coronel Domingos Sertório, adquirida e doada ao Estado pelo conselheiro Francisco de Paula Mayrink. Formada na antiga tradição ocidental de gabinetes de curiosidades, constituída por seções que se estendiam desde conchas a mobiliário oriundo do período colonial, de animais taxidermizados a armas e numismática, a coleção Sertório pode ser considerada um marco inicial do compromisso, inicialmente das elites econômicas e políticas de São Paulo, em alimentar o processo de constituição de um acervo público, capaz de narrar a história nacional, promover as artes e instituir as bases científicas do conhecimento do território e da natureza do Estado e do país³.

Ainda na década de 1890, esse compromisso social estendeu-se a diversos segmentos das coleções do Museu, como às pinturas. Em 1900, foi doada a obra *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500*,

3. Paula C. A. Carvalho, "O Museu Sertório: Uma Coleção Particular em São Paulo no Final do Século XIX (Primeiro Acervo do Museu Paulista)", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 22, n. 2, pp. 105-152, 2014.



Fig. 3. Oscar Pereira da Silva, *Desembarque de Pedro Álvares Cabral em Porto Seguro em 1500*, óleo sobre tela, 1900. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael Helio Nobre.

de Benedito Calixto, até hoje uma das mais reproduzidas do acervo de pinturas de história do Museu, cedida pela Sociedade Comemoradora do IV Centenário da Descoberta do Brasil⁴. Embora nessa tipologia, central para a afirmação do Museu como gerador de imaginários nacionais, a formação do acervo tenha sido alimentada sobretudo por encomendas e compras do Estado, temos ainda em 1960 a entrada, por doação, de um quadro igualmente presente nos livros escolares e impressos, o *Anhanguera*, realizado por Theodoro Braga e doado por sua viúva, Maria Hirsch da Silva Braga, em 1960⁵.

4. Eduardo Polidori Villa Nova de Oliveira, *Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto: Composição, Musealização e Apropriação (1900-1932)*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2018 (Dissertação de mestrado em Museologia).
5. Elisa Ferreira Rocha Campos, "O *Anhanguera*, de Theodoro Braga: Dissonâncias de uma Imagem Controvertida do Bandeirantismo Paulista", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 30, pp. 1-25, 2022.



Fig. 4. Theodoro Braga, *O Anhanguera*, óleo sobre tela, 1930. Acervo Museu Paulista/usp. São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.



Fig. 5. José Ferraz de Almeida Junior, *Retrato de Prudente José de Moraes Barros*, óleo sobre tela, 1890. Acervo Museu Paulista/USP, Itu. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

A ampliação de doações para a coleção histórica, realizada pontualmente durante a gestão do diretor Hermann von Iherig⁶, cresceu de maneira consistente no longo período de Afonso d'Escragnole Taunay na liderança do Museu, entre 1917 e 1945. Taunay estimulou as elites do Estado, especialmente aquelas relacionadas com a família Sousa Queirós/Paes de Barros, à qual estava ligado por casamento, a doar móveis, retratos, objetos decorativos e documentos textuais que pudessem fortalecer a preparação do Museu para as comemorações do Centenário da Independência, em 1922. Para tanto, era fundamental a expansão da coleção de objetos, a formação de um arquivo de documentos textuais e também

6. Fábio Rodrigo Moraes, "Uma Coleção de História em um Museu de Ciências Naturais: O Museu Paulista de Hermann von Ihering", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 16, n. 1, pp. 203-233, jan.-jun. 2008.

iconográficos que garantissem à Seção História uma dimensão científica, já consolidada na área de História Natural⁷. Embora a gestão Taunay seja bastante estudada no que tange às suas encomendas de pinturas e esculturas feitas como recursos públicos, ela também é notável pela sedimentação do compromisso de formação da coleção de maneira compartilhada com a sociedade, por meio das doações realizadas pelas elites do Partido Republicano Paulista.

O padrão de doações estabelecido na gestão Taunay em São Paulo estendeu-se ainda a Itu, dado que a formação da coleção do Museu Republicano Convenção de Itu, inaugurado em 1923 para as comemorações dos cinquenta anos da criação do Partido Republicano, foi muito marcada por doações de membros das elites paulistas. Instalado no sobrado da família Almeida Prado em que ocorrera a convenção, o Museu Republicano recebeu no mesmo ano de sua abertura a coleção do presidente Prudente de Moraes Barros, nascido em Itu, oferecida pela sua família, contendo documentos pessoais, livros, fotografias e mobiliário, além de seu retrato realizado pelo pintor Almeida Junior. Muitas décadas depois, entre 1989 e 1995, a consolidação do Museu como destino de doações de coleções presidenciais se fortalece com a chegada de objetos, documentos e acervos iconográficos de Washington Luís Pereira de Sousa, doados pela família, ampliando um acervo que já contava também com acervos de Manoel Ferraz de Campos Salles. Tais doações fazem com que a responsabilidade da salvaguarda dos acervos presidenciais seja repartida especialmente entre o Museu Republicano e o Museu da República, situado no Palácio do Catete, que reúnem juntos a maioria das coleções dessa natureza no país⁸.

O padrão de doações provenientes especialmente das elites paulistas, consolidado durante a gestão Taunay, estendeu-se durante quase todo o século xx, até que a gestão de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes alterasse profundamente a missão institucional, com a criação das três linhas de pesquisa que passariam a pautar todo o ciclo curatorial: “História do Imaginário”, “Cotidiano e Sociedade” e “Universo do Trabalho”. Em 2003,

7. Ana Claudia Fonseca Breffe, *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a Memória Nacional*, São Paulo, Editora Unesp/Museu Paulista, 2005.

8. Para as doações ao Museu Republicano, ver Maria Aparecida Menezes Borrego (org.), *Museu Republicano Convenção de Itu: 100 Anos em 100 Objetos*, São Paulo, Edusp, 2023.

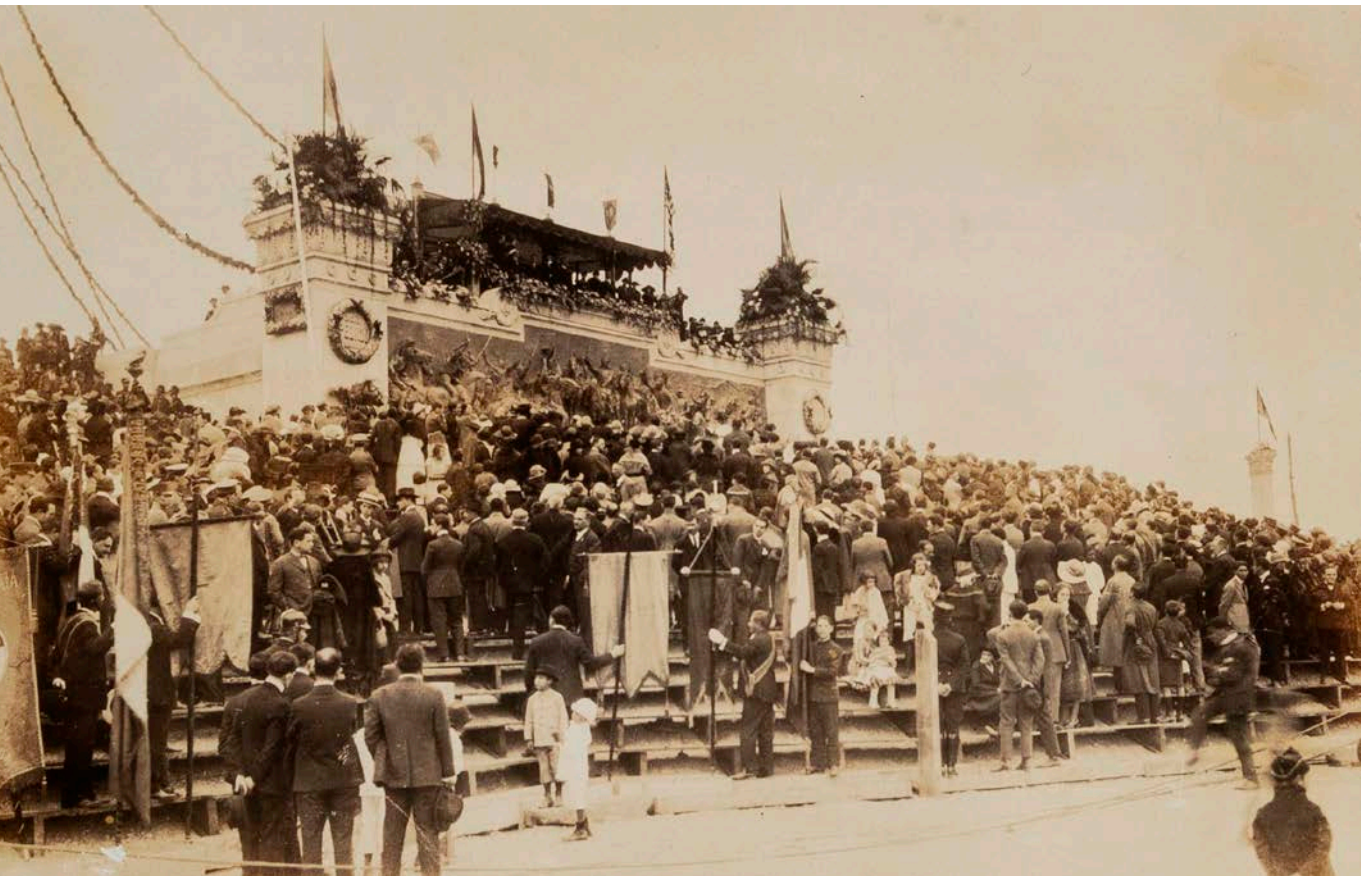


Fig. 6. Autoria desconhecida, Monumento à Independência, 1922, fotografia, 10,7 x 16,9 cm. Acervo Museu Paulista/usp, Itu. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

o número especial dos *Anais do Museu Paulista* comemorativo do centenário de criação do Museu apresenta os primeiros resultados da nova política de aquisição de acervos consonante com a reformulação implementada nessa gestão e expressa no Plano Diretor elaborado e estabelecido treze anos antes, em 1990. No caso das coleções e fundos de documentos textuais e iconográficos, o número de itens incorporados ao acervo iconográfico desde então havia crescido de um total de 19 129 para 48 017⁹. As

9. Myoko Makino, Shirley S. R. da Silva, Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho, "O Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 10, n. 1, p. 292, 2003.

novas coleções incorporadas resultavam da atuação da equipe curatorial no sentido de, por um lado, dar continuidade ao perfil da iconografia fotográfica formada em grande parte por retratos de caráter vernacular e aqueles produzidos por fotógrafos profissionais, e, de outro, investir em uma maior representatividade social no que tange às proveniências e aos retratadas e retratados, bem como qualificar o acervo para atender às linhas de pesquisa instituídas no Plano Diretor, especialmente “Cotidiano e Sociedade” (a prática fotográfica integrada ao cotidiano das cidades, o circuito do retrato integrado às redes de sociabilidade) e “História do Imaginário” (as formas de representação integradas às marcações sociais por meio da imagem pública dos sujeitos).

Foi neste contexto que foram elaborados projetos de aquisição de acervo por meio de doações patrocinadas. A Coleção Militão e Luiz Gonzaga de Azevedo foi o primeiro conjunto a ser incorporado nessa modalidade. O projeto de aquisição do conjunto de cerca de 12 300 fotografias, acompanhado de um pequeno núcleo de documentos textuais, foi cadastrado na Lei Rouanet e pôde ser integrado ao Museu graças ao patrocínio da Fundação Roberto Marinho e da Rede Globo, em 1996. Fotógrafo profissional atuante na cidade de São Paulo, Militão Augusto de Azevedo



Fig. 7. Militão Augusto de Azevedo, página de álbum, fotografias, papel, década de 1870. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

(1837-1905) tornou-se muito conhecido pela autoria do *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo, 1862-1887* e pela documentação fotográfica das obras de construção da ferrovia Santos-Jundiaí (1859-1867). Mas o conjunto doado ao Museu Paulista trouxe, além dessas paisagens fotográficas mais conhecidas, um impressionante arquivo fotográfico com milhares de retratos organizados em seis álbuns. Trata-se de um arquivo de trabalho, organizado para referenciar os negativos de vidro produzidos. O acervo foi mantido pela família por mais de cinquenta anos e era conhecido por pouquíssimos pesquisadores.

Os cerca de doze mil retratos produzidos em papel albuminado a partir de negativos de vidro (dos quais apenas menos de uma centena chegou até nós) encontram-se colados em encadernações de couro, e trazem uma numeração indicativa de que integravam um sistema de controle do trabalho do fotógrafo. As variantes comuns da série – período de tempo e o mesmo estúdio – são aspectos que qualificam enormemente a coleção. A diversidade de gêneros, faixas etárias e etnias expressa no conjunto de retratos é o ponto alto. Ela representa uma síntese do que era a população que circulava pela cidade de São Paulo em meados do século XIX. E, no caso do estúdio de Militão, a diversidade é também de classe social, uma vez que seu estúdio praticava preços mais acessíveis do que os concorrentes. Este conjunto é o único, atualmente, que apresenta um número considerável de retratados negros e pardos, por exemplo, em um período em que ainda vigorava o sistema escravocrata. A coleção reúne também a produção fotográfica amadora de seu filho, organizada em cinco álbuns de família, além de documentos textuais.

Essa importante aquisição viabilizada por meio da doação patrocinada foi um marco para a política de acervo do Museu. O trabalho de curadoria realizado resultou na disponibilização, em pouco mais de um ano, de todas as imagens em nosso banco de dados, em uma exposição, uma publicação de difusão em CD-ROM, um curta-metragem e artigos científicos¹⁰.

10. Exposição *As Lentes de Militão Augusto de Azevedo* (curadoria de Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, 1997); Exposição *Olho Cíclico* (curadoria de Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, 2002); Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, "Fotografia no Museu: O Projeto de Curadoria da Coleção Militão Augusto de Azevedo", *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 5, pp. 205-245, 1997; Vânia Carneiro de Carvalho, "Cultura Visual e Curadoria em Museus de História", *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 31, n. 2, pp. 53-77, 2005 (Porto Alegre); Gavin Adams, Vânia

Desde então, a Coleção Militão Augusto de Azevedo tem sido mobilizada em diversas pesquisas acadêmicas, exposições e publicações¹¹.

A divulgação da coleção por meio desses produtos gerou interesse de outras famílias em doar coleções de retratos. Assim, ao longo da década de 1990, novos conjuntos de retratos foram integrados ao acervo. Carlos Eugênio Marcondes de Moura (1927-2023) e a Sra. Raquel Arruda, viúva do escritor Orôncio Vaz de Arruda Filho, foram os doadores de retratos colecionados por eles e oriundos de famílias paulistas. O primeiro lote de retratos e álbuns provenientes do pesquisador e colecionador Carlos Eugênio Marcondes de Moura foi adquirido também por uma doação patrocinada pelo extinto Banco Banespa e reúne 2 443 retratos, dezessete álbuns fotográficos e dezessete negativos de vidro produzidos no Brasil e na Europa na segunda metade do século XIX. Merece destaque a série de álbuns, envolvendo materiais diversos como madeira, metal, pedra, tecidos e formas ornamentais variadas. Já a coleção Orôncio Vaz de Arruda reúne 560 retratos produzidos entre fins do século XIX e meados do século XX. Em ambas as coleções não encontramos a mesma diversidade étnica presente na Coleção Militão Augusto de Azevedo. No entanto, a diversidade de estúdios fotográficos, bem como a variação nas poses, indumentária e acessórios de estúdios manifesta em cem anos de produção fotográfica retratística qualifica as coleções, que se tornam complementares à Coleção Militão.

Para as linhas de pesquisas “Cotidiano e Sociedade” e “História do Imaginário”, as doações de retratos fotográficos produzidos em estúdio ou em casa, bem como aqueles organizados em álbuns de família, garantiram ampliação de um perfil de acervo já existente na instituição desde a gestão de Taunay, centrado sobretudo em retratos pintados a óleo e de membros das elites paulistas ou figuras públicas. Para o caso da linha de

Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, *Poses do 19*, São Paulo, Museu Paulista/Espaço Digital, 2002 (Gran Prix Avicom).

11. Por exemplo, Íris Moraes Araújo, *Militão Augusto de Azevedo: Fotografia, História e Antropologia*, São Paulo, Alameda, 2010; Vânia Carneiro de Carvalho e Solange Ferraz de Lima, “Cultura Material e Coleção em um Museu de História: As Formas Espontâneas de Transcendência do Privado”, em Betânia Gonçalves Figueiredo e Diana Gonçalves Vidal (orgs.), *Museus: Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*, Belo Horizonte/Brasília, Argumentum/CNPq, 2005, pp. 85-110; Cândido Domingues Grangeiro, *As Artes de um Negócio: A Febre Photographica – São Paulo, 1862-1886*, Campinas, Mercado de Letras, 2000; Roger Hama Sasaki, *Pelos Caminhos de Militão*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2021 (Dissertação de mestrado em Comunicação).



Fig. 8. Dana B. Merrill, trecho da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré afetado por enxurrada, negativo, 1910. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

pesquisa “Universo do Trabalho”, tratava-se de fomentar a formação de coleções relacionadas aos ofícios urbanos, sejam aqueles fadados ao desaparecimento – pintura decorativa, oficinas tipográficas ou de impressão fotográfica de cartões postais –, sejam aqueles de longa permanência – ofícios de sapateiro, marceneiro, alfaiate, costureiro.

Foi sobretudo nos últimos vinte anos que coleções expressivas orientadas por essa linha de pesquisa foram doadas. Em 2000, o Museu recebeu o conjunto de 189 negativos flexíveis de autoria do fotógrafo americano Dana Merrill, contratado para documentar a construção da ferrovia Madeira-Mamoré, no Estado de Rondônia. Dana Merrill acompanhou as instalações e o cotidiano dos trabalhadores empregados na construção por três anos, de 1909 a 1912, e produziu, certamente, muito mais do que os 189 negativos que chegaram até o Museu graças à doação patrocinada pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e

Social). O conjunto de negativos foi adquirido do jornalista e sertanista Manoel Rodrigues Ferreira, autor do livro *a Ferrovia do Diabo*, de 1960. A coleção, embora pequena se comparada à vasta produção documental da construção, que se perdeu ao longo do século xx, é exemplar de um dos mais importantes usos profissionais da fotografia desde o seu surgimento em meados do século xix – a documentação de obras para ilustrar relatórios e historiar processos construtivos. O conjunto é impactante, também, por registrar os desastres ocorridos durante a instalação de trilhos em plena selva amazônica, sobretudo no período das cheias dos Rios Madeira e Mamoré. Outro destaque da coleção são os retratos dos trabalhadores e trabalhadoras de diferentes partes do mundo, como por exemplo a comunidade de barbadianos que se enraíza em Porto Velho (cidade fundada em 1907, como parte do processo construtivo da ferrovia), formada por milhares de imigrantes de diferentes nacionalidades contratados pela empresa do estadunidense Percival Farquhar. A coleção foi tratada e encontra-se disponível no nosso catálogo *online*. Ela foi objeto de uma exposição inaugurada na sede do BNDES do Rio de Janeiro, também publicada em catálogo.

Em 2003, após assistir a uma entrevista da então diretora do Museu Paulista, Raquel Glezer, sobre a nossa política de aquisição de acervo, o arquiteto e *designer* Egydio Colombo Filho decide doar sua coleção de pouco mais de cinco mil rótulos e embalagens brasileiros e estrangeiros. A coleção havia sido formada, segundo Egydio, para documentar o trabalho, na grande maioria das vezes não assinado, de profissionais dedicados à criação gráfica de rótulos, embalagens e marcas. A história da coleção foi objeto do documentário *Imagine um Mundo sem Rótulos* (2012)¹² e da exposição *Papéis Efêmeros: Memórias Gráficas do Cotidiano* (Sesc Ipiranga, 2018).

Mais recentemente, três vastas coleções vinculadas ao “Universo do Trabalho” foram doadas ao Museu – a coleção de tipos, florões máquinas e ferramentas Tércio Gaudêncio¹³, a coleção de bordados Flieg e o arquivo

12. Financiado por meio de uma bolsa de pós-doutorado desenvolvido no Museu Paulista por Ana Carolina de Moura Delfim Maciel, supervisionada pela professora Cecília Helena de Salles Oliveira.

13. A Coleção Tércio Gaudêncio foi em parte adquirida e em parte doada. Os tipos e florões coletados por Tércio foram adquiridos por compra, e a família doou máquinas, ferramentas e papéis. O processo de integração ao acervo do Museu Paulista ocorre em 2015.



Fig. 9. Embalagem de chiclete, papel, década de 1990. Acervo Museu Paulista/ USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

Nery Rezende. Tércio Gaudêncio (1935-2015) e sua esposa Regina Gaudêncio eram proprietários da TCK Encadernações. Os trabalhos de encadernação tiveram início no início da década de 1980. Ao longo dos mais de 35 anos de trabalho, Tércio Gaudêncio adquiriu peças (tipos, florões, molduras, monogramas, ferros de dourar) produzidas entre os séculos XVI e XX, a grande maioria do final do século XIX até meados do século XX. As peças são de origem europeia (inglesas, francesas, alemãs) e brasileira. Já as fontes são do tipo retas, manuscritas e góticas, em diversos corpos e de origem europeia. Tércio foi incorporando ao seu acervo peças de antigas tipografias predominantemente de São Paulo e outros Estados do Brasil, que fecharam em virtude das transformações tecnológicas no campo da impressão gráfica, com a crescente entrada dos meios digitais de impressão. A coleção encontra-se em tratamento – as 196 gavetas de tipos e florões estão sendo identificadas. A curadoria da coleção está direcionada para identificar a produção das fundidoras de tipos, os processos de adaptação realizados para seu aproveitamento no ofício da encadernação, ou seja, a cultura material do desenho das letras.

A coleção oriunda da empresa Bordados Flieg é composta por um conjunto completo de bordados industriais produzidos pela empresa situada na Rua da Consolação, em São Paulo, fundada por imigrantes judeus ale-

mães chegados em São Paulo em 1939, fugindo das perseguições nazistas. Formada por cinquenta álbuns com os exemplares de referência dos bordados encomendados sobretudo por empresas e por corporações militares, a coleção doada também abrange exemplares de fios, de fitas jacquard e ainda uma máquina de bordar industrial utilizada pela empresa ao longo de décadas, acervo mantido por Stefan Flieg, em parte comprado em 2016 e em parte doado ao Museu Paulista entre 2018 e 2022. Trata-se, assim, de uma coleção especialmente importante para o estabelecimento de princípios metodológicos para a formação de uma linha de acervos que documentem a memória industrial de São Paulo.

A mais recente doação documental e iconográfica ao Museu é o Arquivo Nery Rezende, integrado ao acervo do Museu Paulista em 2022. Trata-se de um conjunto de documentos textuais (em sua maioria), iconográficos e tridimensionais que juntos somam mais de nove mil itens. Trata-se do primeiro arquivo pessoal de uma mulher preta e trabalhadora da indústria e comércio, militante de movimentos sociais e moradora do centro da cidade de São Paulo na segunda metade do século xx e início do século xxi. Acompanha a doação um dossiê com documentos de sua irmã, Alice Rezende, atriz do teatro negro paulista. A doação atende a uma das principais premissas da nossa política de aquisição, a saber, tornar o acervo mais inclusivo e representativo da sociedade brasileira. O conjunto de documentos de Nery Rezende (1913-2012) traz o registro de seu cotidiano de trabalho e da vida cultural na cidade de São Paulo. Nery preservou notas fiscais, catálogos de compras de lojas de departamento, propagandas, receitas médicas, álbuns e fotografias de família, cartas e lembranças de sobrinhos, objetos do espaço doméstico, bijuterias. Sua filha Greissy Rezende foi a doadora, e o antropólogo Alexandre Bispo, autor da tese de doutorado sobre a vida e o arquivo Nery Rezende, em 2018, foi o responsável pela mediação junto à equipe curatorial do Museu Paulista. A trajetória de Nery Rezende é a trajetória de muitas brasileiras. Foi babá, faxineira, operária das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo e vendedora e gerente em loja de tecidos no centro de São Paulo. Sua ação acumuladora, segundo a hipótese trabalhada por Bispo, representa uma forma de integração à vida metropolitana da cidade de São Paulo. O Arquivo Nery Rezende já recebeu um primeiro tratamento de higienização a partir dos cuidados e inventário

realizado por Alexandre Bispo ao longo de sua pesquisa de doutorado, com a colaboração de Greissy Rezende.

Assim como o Arquivo Nery Rezende, a coleção de pinturas realizadas pelo belga Adrien van Emelen, constituída por Elisário Dupas e doada ao Museu em 2010 por sua viúva, Juacy Aparecida Trindade Dupas, é um marco da ampliação dos sujeitos sociais que passaram a integrar o acervo do Museu Paulista a partir de suas coleções. Composta por 33 pinturas a óleo representando especialmente homens e mulheres indígenas e de origem afro-brasileira, a coleção doada inseriu pela primeira vez na história do Museu um lote amplo de retratos em uma tipologia antes somente relativa a personagens das elites paulistas e brasileiras. Como a coleção Militão Augusto de Azevedo fizera anos antes no âmbito da fotografia, a coleção Dupas trouxe imagens de segmentos da sociedade brasileira que ainda estão pouco presentes nas coleções museológicas, e cujo anonimato dos retratados permanece como um desafio que começa a ser enfrentado pelos curadores para que se possa identificar e biografar os homens e mulheres que posaram para as lentes fotográficas e para os pincéis¹⁴.

Essa longa tradição de doações ao Museu Paulista, que alimentou tanto as coleções sediadas em São Paulo quanto em Itu, ganhou um enorme reforço com as obras de restauração, de ampliação e de concepção e execução de novas exposições para a reabertura do Museu do Ipiranga para as comemorações do Bicentenário da Independência, em 2022.

A reabertura do Museu pode ser considerada não apenas mais um capítulo na história de compromissos entre a sociedade e o Museu Paulista, mas também com a própria Universidade de São Paulo, a quem o Museu se integrou em 1963 como um de seus museus estatutários. Por meio do projeto de reabertura do Museu, estreitaram-se os laços com a iniciativa privada, que pôde colaborar decisivamente com a reabertura por meio de doações diretas e também pela participação de 31 patrocinadores por

14. Aline Montenegro Magalhães, "Um Sorriso Negro, um Abraço Negro...": Retratos a Óleo de Adrien Van Emelen no Museu do Ipiranga (disponível em: <https://exporvisoes.com/2023/03/24/um-sorriso-negro-um-abraco-negro-retratos-a-oleo-de-adrien-van-emelen-no-museu-do-ipiranga/>); Solange Ferraz de Lima e Aline Montenegro Magalhães, "Os Retratos de Adrien H. V. van Emelen no Museu Paulista/usp. sr 029", *Cultura Visual História e Imagem* (Caderno de Resumos), 32º Simpósio Nacional de História – Anpuh Nacional, São Luís, 16 a 21 de julho de 2023.



Fig. 10. Adrien van Emelen, *Homem Indígena com Arco e Flecha*, óleo sobre tela, sem data. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

meio do instrumento de renúncia fiscal, nos padrões estabelecidos pela Lei Federal de Incentivo à Cultura. O montante total dos valores captados chegou a R\$ 249 231 384,00 um recorde nacional para projetos incentivados federalmente na área de projetos museológicos¹⁵.

Fechado abruptamente em 2013, em função da decisão previdente da então diretora Sheila Walbe Ornstein em face dos laudos que indicavam o risco iminente de desabamento de diversos forros do edifício comprometidos por infiltrações de águas pluviais, o Museu foi esvaziado de suas coleções e áreas de trabalho para permitir um amplo diagnóstico de suas condições físicas e de planejamento das linhas de sua transformação. Após um concurso nacional que definiu o projeto de restauro e am-

15. *Relatório de Prestação de Contas 2022-2023, USP/Fusp/Museu Paulista*, p. 65.

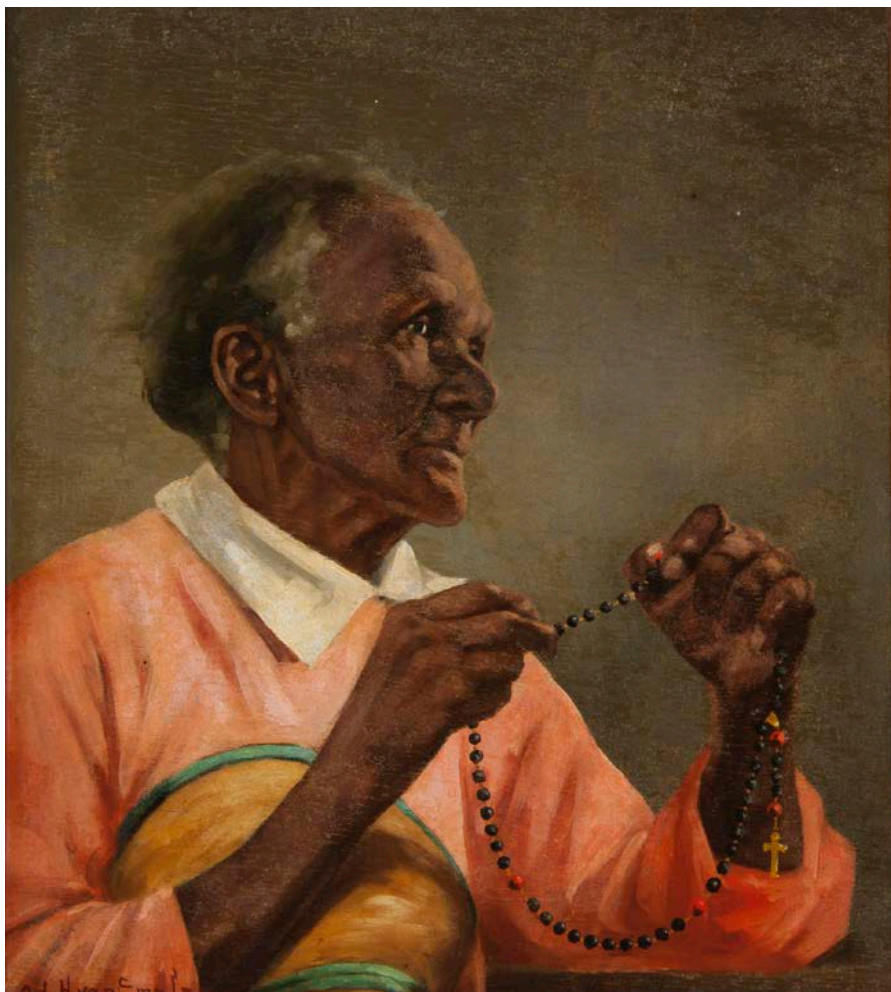


Fig. 11. Adrien van Emelen, *Mulher Negra Rezando com Terço (Vovó do Pito)*, óleo sobre tela, sem data. Acervo Museu Paulista/USP, São Paulo. Reprodução de José Rosael/Helio Nobre.

pliação do edifício, promovido pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo (Fusp), o projeto ganhador, idealizado sob liderança dos arquitetos Eduardo Ferroni e Pablo Hereñú, foi realizado entre 2019 e 2022. Sua execução permitiu não apenas a recuperação completa do edifício projetado por Bezzi mas ainda a construção de novos pisos sob a esplanada fronteira do Museu, que o dotaram de auditório, salas de aula e de ação educativa, áreas técnicas de recepção de acervo museal e uma nova sala de exposições climatizada, com cerca de 780 m². A área total para ex-



Fig. 12. Escada rolante entre o piso jardim e o *hall* do edifício-monumento, Museu do Ipiranga, Museu Paulista/ USP, São Paulo. Fotografia de Paulo César Garcez Marins, 2023.

posições do Museu foi triplicada, por meio da definição de que o edifício histórico seria destinado apenas para atividades voltadas ao público¹⁶.

O amplo apoio financeiro doado pela Fundação Banco do Brasil e a verba incentivada proveniente do BNDES permitiram ainda a abertura de doze novas exposições para a reabertura do Museu, em 49 salas expositivas. Cerca de quatro mil objetos puderem ser exibidos, em exposições distribuídas nos eixos “Para Entender a Sociedade” e “Para Entender o Museu”, voltadas tanto a temas relativos à sociedade brasileira quanto ao funcionamento de um museu universitário de história.

Em seus 130 anos de existência, o Museu Paulista constitui um exemplo paradigmático de como uma instituição alcançou seus objetivos por meio de doações e de compromissos sucessivos de diversos segmentos e agentes da sociedade com a esfera pública. Tanto a formação de seu acervo quanto seus recentes destinos institucionais são extensamente demonstrativos de gestos de generosidade que foram sedimentando a consolidação

16. Eduardo Ferroni *et al.*, “A Preparação do Museu do Ipiranga para o Bicentenário da Independência em 2022”, *Restauração*, pp. 40-55, 17.11.2019 (São Paulo).



Fig. 13. Vitrine da exposição Casas e Coisas. Museu do Ipiranga, Museu Paulista/usp, São Paulo. Fotografia de Paulo César Garcez Marins, 2023.

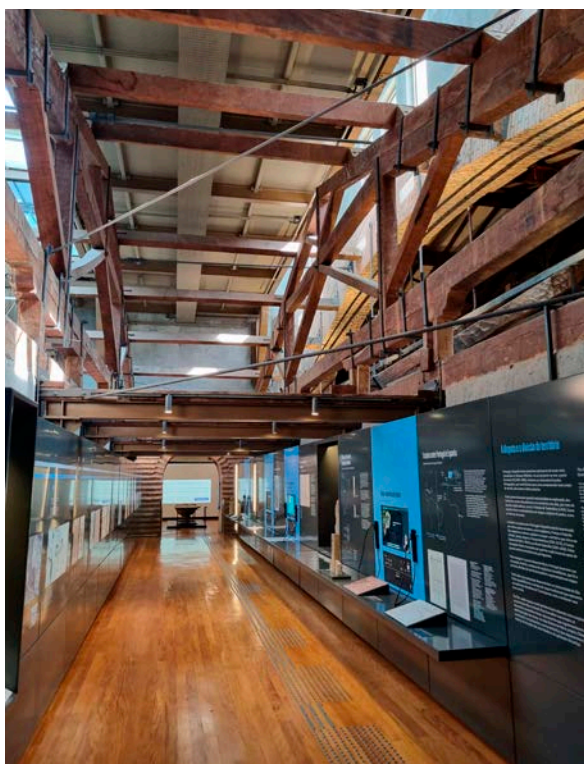


Fig. 14. Ambiente da exposição Territórios em Disputa, Museu do Ipiranga, Museu Paulista/usp, São Paulo. Fotografia de Paulo César Garcez Marins, 2023.

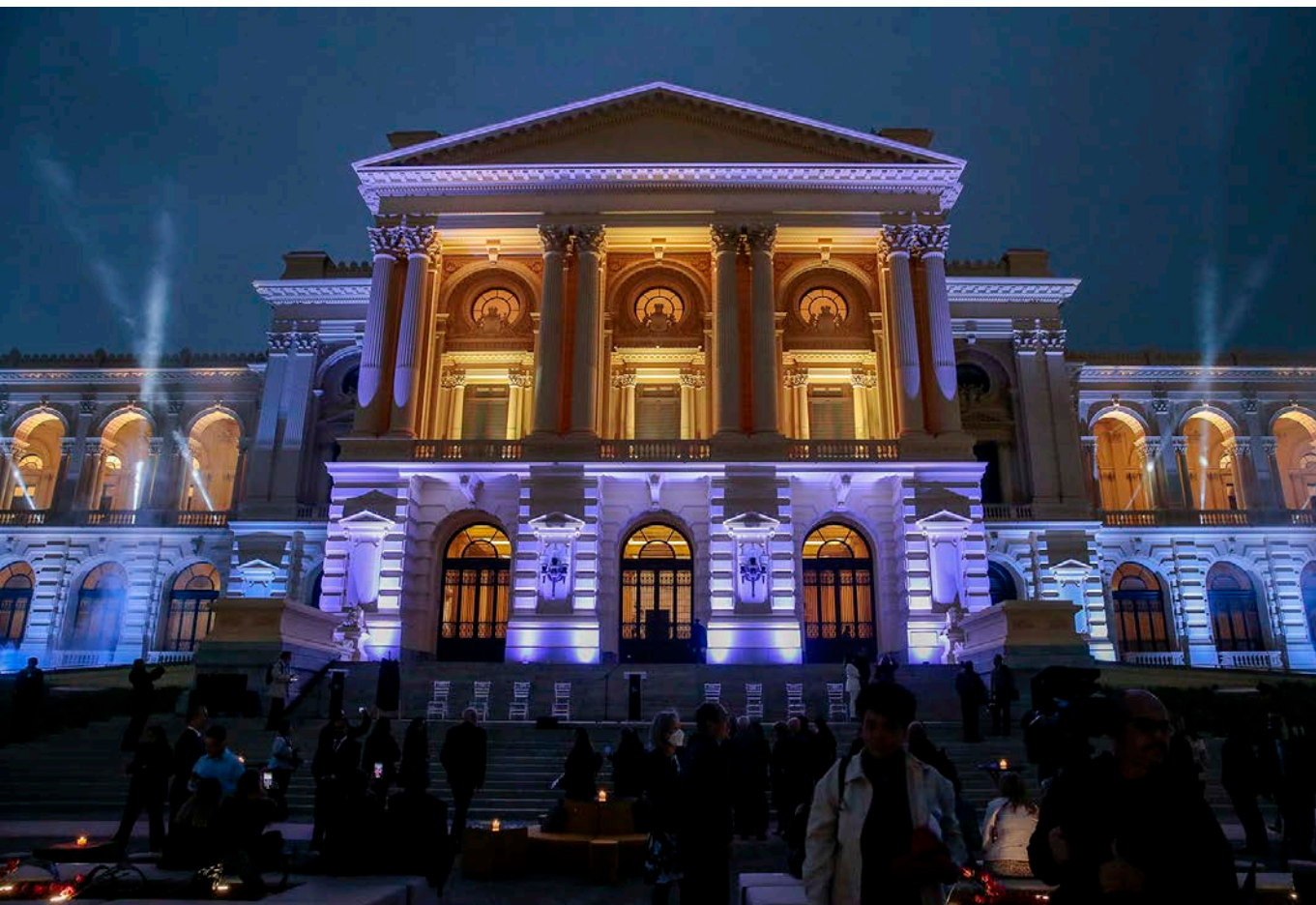


Fig. 15. Reinauguração do Museu do Ipiranga, Museu Paulista/USP, setembro de 2022. Fotografia de Marcos Santos – USP Imagens.

de uma das mais importantes instituições museais, científicas e culturais brasileiras. Certo é que a intersecção de interesses privados e públicos é constitutiva da trajetória de incontáveis instituições museológicas em todo o mundo, e que tais encontros de interesses definem necessariamente agendas de pesquisa fundamentais para a compreensão de perfis discursivos, de práticas de inclusão e de exclusão e de padrões ideológicos que pautaram tais instituições. Equação generosa e certamente desafiadora, as doações para o Museu Paulista integram-se a esse quadro internacional e ainda definiram uma trajetória renovada, continuamente redirecionada e revista em direção a novas perspectivas.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Gavin; CARVALHO, Vânia Carneiro de & LIMA, Solange Ferraz de. *Poses do 19*. São Paulo, Museu Paulista/Espaço Digital, 2002 (Grand Prix Avicom).
- ARAÚJO, Íris Moraes. *Militão Augusto de Azevedo: Fotografia, História e Antropologia*. São Paulo, Alameda, 2010.
- BISPO, Alexandre. *Os percursos da memória e da integração social: o arquivo de Nery e Alice Rezende*. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- BORREGO, Maria Aparecida Menezes (org.). *Museu Republicano Convenção de Itu: 100 Anos em 100 Objetos*. São Paulo, Edusp, 2023.
- BREFFÉ, Ana Claudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a Memória Nacional*. São Paulo, Editora Unesp/Museu Paulista, 2005.
- CAMPOS, Elisa Ferreira Rocha. "O Anhanguera, de Theodoro Braga: Dissonâncias de uma Imagem Controvertida do Bandeirantismo Paulista". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 30, pp. 1-25, 2022.
- CARVALHO, Paula C. A. "O Museu Sertório: Uma Coleção Particular em São Paulo no Final do Século XIX (Primeiro Acervo do Museu Paulista)". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 22, n. 2, pp. 105-152, 2014 (São Paulo).
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. "Cultura Visual e Curadoria em Museus de História". *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 31, n. 2, pp. 53-77, 2005 (Porto Alegre).
- _____. & LIMA, Solange Ferraz de. "Cultura Material e Coleção em um Museu de História: As Formas Espontâneas de Transcendência do Privado". In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves & VIDAL, Diana Gonçalves (orgs.). *Museus: Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte/Brasília, Argumentum/CNPq, 2005, pp. 85-110.
- _____. "Fotografia no Museu: O Projeto de Curadoria da Coleção Militão Augusto de Azevedo". *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 5, pp. 205-245, 1997.
- FERRONI, Eduardo *et al.* "A Preparação do Museu do Ipiranga para o Bicentenário da Independência em 2022". *Restauração*, pp. 40-55, 17.11.2019 (São Paulo).

- GRANGEIRO, Cândido Domingues. *As Artes de um Negócio: A Febre Photographica – São Paulo, 1862-1886*. Campinas, Mercado de Letras, 2000.
- LIMA, Solange Ferraz de & MAGALHÃES, Aline Montenegro. “Os Retratos de Adrien H. V. van Emelen no Museu Paulista/USP. ST 029”. *Cultura Visual História e Imagem* (Caderno de Resumos), 32º Simpósio Nacional de História – Anpuh Nacional, São Luís, 16 a 21 de julho de 2023.
- MAKINO, Myoko; SILVA, Shirley S. R. da; LIMA, Solange Ferraz de & CARVALHO, Vânia Carneiro de Carvalho. “O Serviço de Documentação Textual e Iconografia do Museu Paulista”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 10, n. 1, p. 292, 2003.
- MORAES, Fábio Rodrigo. “Uma Coleção de História em um Museu de Ciências Naturais: O Museu Paulista de Hermann von Ihering”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 16, n. 1, pp. 203-233, jan.-jun. 2008.
- OLIVEIRA, Eduardo Polidori Villa Nova de. *Fundação de São Vicente, de Benedito Calixto: Composição, Musealização e Apropriação (1900-1932)*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2018 (Dissertação de mestrado em Museologia).
- RELATÓRIO de Prestação de Contas 2022-2023*. USP/Fusp/Museu Paulista, 2023. Disponível em: https://museudoipiranga.org.br/wp-content/themes/museu-theme/assets/download/relatorio_final_obra_2103.pdf (acesso em 19 dez. 2023).
- SASSAKI, Roger Hama. *Pelos Caminhos de Militão*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2021 (Dissertação de mestrado em Comunicação).

<i>Título</i>	<i>Doações e Doadores da USP</i>
<i>Organizadores</i>	Helio Nogueira da Cruz Luiz Roberto Serrano Plinio Martins Filho
<i>Edição</i>	Lauda Serviços Editoriais
<i>Produção Editorial</i>	Carlos Gustavo A. do Carmo
<i>Revisão</i>	Carolina Bednarek Sobral
<i>Projeto Gráfico e Capa</i>	Tainá Nunes Costa Ricardo Assis Negrito Produção Editorial
<i>Formato</i>	18 × 25,5 cm
<i>Tipologia</i>	Palatino LT Std e Scala Sans Pro
<i>Papel</i>	Couché Brilho 150 g/m ² (capa) Offset 120 g/m ² (miolo)
<i>Número de Páginas</i>	200
<i>Impressão e Acabamento</i>	Lis Gráfica



Na celebração dos noventa anos de fundação da Universidade de São Paulo, este livro reverencia a memória e a iniciativa visionária de pessoas e instituições que, com sua ação denodada, criaram as condições favoráveis para o estabelecimento das sólidas raízes da universidade. São estas iniciativas que permitiram e permitem que a Universidade de São Paulo prospere sob seu lema *Scientia vinces, Vencerás* pela ciência.

